

FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
NÍVEL MESTRADO

GIOVANNI MODICA E FREITAS CABRAL

ALFAIATARIA ARTESANAL:
o ofício do alfaiate em Porto Alegre, Rio Grande do Sul

TAQUARA

2024

GIOVANNI MODICA E FREITAS CABRAL

**ALFAIATARIA ARTESANAL:
o ofício do alfaiate em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Orientador: Dr. Daniel Luciano Gevehr

TAQUARA

2024

GIOVANNI MODICA E FREITAS CABRAL

**ALFAIATARIA ARTESANAL:
o ofício do alfaiate em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Orientador: Dr. Daniel Luciano Gevehr

Aprovado em 21 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Daniel Luciano Gevehr – Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Dra. Dilani Silveira Bassan – Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Dr. Charles Roberto Ross Lopes - (FEEVALE/UNICAMP)

Dr.^a Dra. Claudia Schemes (FEEVALE)

TAQUARA

2024

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa exploratória aborda os desafios enfrentados pelos profissionais da alfaiataria tradicional em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, analisando a redução no número de alfaiates atuantes na região, buscando compreender as razões dessa diminuição e propondo estratégias para preservar e desenvolver a alfaiataria artesanal.

O estudo se concentra em identificar os alfaiates ativos em Porto Alegre, suas trajetórias e processos de trabalho através de entrevistas utilizando o método de amostragem bola de neve. A análise do conteúdo segue o roteiro das perguntas do questionário de entrevista que foram organizadas em eixos temáticos de discussão de acordo com o assunto abordado. São apresentadas a partir de estudos bibliográficos e a experiência profissional do autor, as diferenças entre a alfaiataria artesanal e industrial. Através de uma revisão bibliográfica, a pesquisa abrange a transformação do vestuário de alfaiataria masculino do século XIX ao século XXI. Considerando a abordagem da alfaiataria artesanal, são analisadas as ementas dos cursos de graduação em moda na região, e a presença de cursos livres.

Palavras-chave: Alfaiates; Alfaiataria; Saber fazer; Artesanal; Porto Alegre.

ABSTRACT

This exploratory qualitative research addresses the challenges faced by traditional tailoring professionals in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, analyzing the reduction in the number of tailors working in the region, seeking to understand the reasons for this decrease and proposing strategies to preserve and develop artisanal tailoring.

The study focuses on identifying active tailors in Porto Alegre, their trajectories and work processes through interviews using the snowball sampling method. Content analysis follows the script of interview questionnaire questions that were organized into thematic discussion axes according to the topic covered. Based on bibliographical studies and the author's professional experience, the differences between artisanal and industrial tailoring are presented. Through a bibliographical review, the research covers the transformation of men's tailored clothing from the 19th century to the 21st century. Considering the artisanal tailoring approach, the syllabuses of undergraduate fashion courses in the region and the presence of free courses are analyzed.

Keywords: Tailors; Tailoring; Know-how; Artisanal; Porto Alegre.

RIASSUNTO

Questa ricerca qualitativa esplorativa affronta le sfide affrontate dai professionisti della sartoria tradizionale a Porto Alegre, Rio Grande do Sul, analizzando la riduzione del numero di sarti che lavorano nella regione, cercando di comprendere le ragioni di questa diminuzione e proponendo strategie per preservare e sviluppare l'artigianato sartoria.

Lo studio si concentra sull'identificazione dei sarti attivi a Porto Alegre, sulle loro traiettorie e sui processi lavorativi attraverso interviste utilizzando il metodo del campionamento a valanga. L'analisi del contenuto segue lo schema delle domande del questionario dell'intervista che sono state organizzate in assi di discussione tematici a seconda dell'argomento trattato. Sulla base di studi bibliografici e dell'esperienza professionale dell'autore, vengono presentate le differenze tra sartoria artigianale e industriale. Attraverso una revisione bibliografica, la ricerca copre la trasformazione dell'abbigliamento sartoriale maschile dal XIX al XXI secolo. Considerando l'approccio sartoriale artigianale, vengono analizzati i programmi dei corsi universitari di moda presenti sul territorio regionale e la presenza di corsi gratuiti.

Parole chiave: Sarti; Sartoria; Saper fare; Artigianale; Porto Alegre.

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
E-MEC	Sistema eletrônico de acompanhamento dos processos que regulam a educação superior no Brasil do Ministério da Educação e Cultura
FACCAT	Faculdades Integradas de Taquara
FEEVALE	Federação dos Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo
FIRJAN	Federação das indústrias do Estado do Rio de Janeiro
FNEM	Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPERGS	Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENACRS	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Rio Grande do Sul
SENAI - CETIQT	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil
UNIRITTER	Centro Universitário Ritter dos Reis
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Série histórica da quantidade de alfaiates no Brasil e no Rio Grande do Sul.....	17
Gráfico 2 -Série histórica da quantidade de designers de moda no Brasil e no Rio Grande do Sul.....	18
Gráfico 3 - Municípios que possuem alfaiates no Rio Grande do Sul.....	19
Gráfico 4 - Publicações de livros de modelagem industrial brasileira.....	73
Gráfico 5 - Renda familiar.....	93
Gráfico 6 - Quantidade de filhos.....	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Município de Porto Alegre.....	17
Figura 2 - Gaetano e Ignazia.....	25
Figura 3 - Benito Mussolini.....	25
Figura 4 - Casamento Luigi e Caterina.....	26
Figura 5 - Luigi Modica.....	27
Figura 6 - Alfaiataria Modica.....	28
Figura 7 - Família Modica.....	29
Figura 8 - Forte e Modica atelier criativo.....	31
Figura 9 - Acervo de máquinas.....	32
Figura 10- George Bryan Brummell.....	34
Figura 11 - Início do período vitoriano.....	36
Figura 12 - Introdução do terno na Inglaterra.....	37
Figura 13 - Belle Époque.....	39
Figura 14 - Fred e Adele Astaire – 1923.....	40
Figura 15 - Fraque e smoking.....	41
Figura 16 - Noël Coward e Gertrude Lawrence -1936.....	42
Figura 17 - Paletós de tweed.....	43
Figura 18 - Os <i>knickerbockers</i>	43
Figura 19 - Barato e elegante – 1957.....	44
Figura 20 - Rolling Stones – 1967.....	45
Figura 21 - Alfaiataria Nardin.....	46
Figura 22 - Rua da Praia.....	47

Figura 23 - Os Yuppies.....	48
Figura 24 - Gigolô americano – 1980.....	49
Figura 25 - Pesquisa de tendências: alfaiataria masculina.....	50
Figura 26 - Tipos de lapela.....	54
Figura 27 - Corte Italiano.....	55
Figura 28 - Corte inglês.....	55
Figura 29 - Corte americano.....	56
Figura 30 - A hierarquia na alfaiataria.....	57
Figura 31 - Ponto de alinhavo.....	58
Figura 32 - Alinhavo da entretela.....	59
Figura 33 - Ponto pé de galinha.....	59
Figura 34 - Bolso preso com ponto pé de galinha.....	60
Figura 35 - Ponto espinha de peixe.....	60
Figura 36 - Aplicação do ponto na gola.....	61
Figura 37 - Gola alinhavada no paletó.....	61
Figura 38 - Máquina de costura singer.....	62
Figura 39 - Máquina de costura reta industrial e overloque.....	63
Figura 40 - Riscando e cortando.....	63
Figura 41 - Modelagem.....	64
Figura 42 - Crina.....	65
Figura 43 - Entretelamento <i>half canvas</i> e <i>full canvas</i>	65
Figura 44 - Plastron.....	66
Figura 45- Alinhavo do paletó fúcsia.....	67

Figura 46 - Alinhavo da ombreira.....	67
Figura 47 - Ficha de tomada de medidas.....	68
Figura 48 - Intervenções posturais.....	69
Figura 49 - Primeira prova do cliente.....	70
Figura 50 - Entretela colante.....	71
Figura 51 - Linha do tempo de indicações.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparação das medidas femininas do tamanho 40 entre as metodologias.....	74
Tabela 2 - Comparação das medidas masculinas do tamanho 40 entre as metodologias.....	74
Tabela 3 - Matriz curricular Tecnólogo em Design de moda Senac RS.....	76
Tabela 4 - Matriz Curricular Design de moda Unisinos.....	78
Tabela 5 - Matriz curricular Bacharelado em Design de Moda da Feevale.....	79
Tabela 6 - Disciplinas optativas Feevale.....	80
Tabela 7 - Matriz curricular Tecnólogo em Design de Moda da Uniritter.....	82
Tabela 8 - Competências do curso técnico em modelagem de vestuário Senac RS.....	84
Tabela 9 - Idade dos participantes.....	92
Tabela 10 - Cidade onde residem.....	92
Tabela 11 - Estado civil dos alfaiates.....	82
Tabela 12 - Escolaridade dos entrevistados.....	83
Tabela 13 - Faixa etária do público.....	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Justificativa	16
1.2 Cenário de pesquisa.....	16
1.2.1 A alfaiataria e o design de moda.....	17
1.2.2 Os alfaiates no Estado do Rio Grande do Sul.....	19
1.3 Metodologia de pesquisa.....	19
1.3.1 Coleta de Dados.....	21
1.3.2 Análise e interpretação dos dados.....	22
1.3.3 Procedimentos éticos.....	23
1.4 Trajetória e inspirações.....	23
2 A MODA MASCULINA E A ALFAIATARIA NO BRASIL.....	33
2.1 A transformação do vestuário masculino.....	34
2.1.1 Início do período vitoriano.....	35
2.1.2 Meados do século xix e a introdução do ready to wear.....	36
2.1.3 Belle époque.....	38
2.1.4 Anos 1920.....	40
2.1.5 Anos 1930.....	42
2.1.6 Anos 1950.....	44
2.1.7 O estilo dos anos 1960.....	45
2.1.8 Anos 1970 em Porto Alegre.....	46
2.1.9 Anos 1980.....	48
2.1.10 O homem do século XXI e o consumo de luxo no Brasil.....	49
2.2 Alfaiataria.....	52
2.2.1 Alfaiataria artesanal.....	53
2.2.2.1 A Hierarquia	56
2.2.2.2 Técnicas e processos.....	58
2.2.2 Alfaiataria industrial	70
2.2.2.1 A industrialização das medidas.....	71

3 O ENSINO DO DESIGN DE MODA E CURSOS LIVRES NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE.....	76
3.1 Faculdade Senac Porto Alegre.....	76
3.2 Unisinos.....	77
3.3 Feevale.....	79
3.4 Uniritter	81
3.5 Senac Canoas.....	82
3.6 Senac Canoas e Senac Novo Hamburgo.....	83
4 NARRATIVAS DAS ALFAIATARIAS DE PORTO ALEGRE.....	86
4.1 Análise dos dados da pesquisa.....	91
5 CONCLUSÃO.....	117
6 REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE PESQUISA - QUESTIONÁRIO.....	126
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	128

1 INTRODUÇÃO

Krucken (2009) descreve que a valorização de produtos locais é um assunto profundamente abrangente e complexo, pois envolve aspectos tanto físicos quanto cognitivos dos produtos. É importante saber reconhecer as qualidades do contexto local, o território e a maneira de como o produto é feito, a fim de compreender as interações que se estabelecem em torno da produção e do consumo desses produtos.

Segundo Cabrera (1984) a alfaiataria artesanal é uma técnica para confecção de roupas muito antiga: desenvolvida entre os séculos XII e XIV, ela preza pelo bom corte e acabamento das peças, tornando a experiência do cliente a mais exclusiva possível. Nela são empregados todos os conhecimentos e técnicas do alfaiate, e o cliente escolhe todos os detalhes e gostos que vão ser confeccionados na peça, tais como o tipo de colarinho, tamanho de lapela, quantos botões, número de aberturas traseiras do paletó, estilo do punho, silhueta e até mesmo a cor de linha.

O vestuário masculino sofreu grandes transformações ao longo do tempo, principalmente do início do século XIX ao início do século XX. A vestimenta cheia de adereços e volumes deu lugar ao tradicional traje usado no século XXI que constitui de paletó, calça, camisa, gravata e sapato.

Com a revolução industrial e o avanço da tecnologia, a invenção da máquina de costura foi um fator crucial para a transformação da indústria do vestuário. A partir da introdução das fábricas de costura, que passaram a confeccionar as roupas em grande escala - construindo-as com numerações que vestissem variados tamanhos de corpos, fez com que o preço das roupas fossem mais acessíveis, fazendo com que a procura por roupas sob medida caíssem muito diante das crises econômicas advindas da Primeira e Segunda Guerra Mundial.

A moda de roupas prontas fez com que os alfaiates sob medida perdessem a clientela e procurassem outras atividades profissionais, tais como ajuste de roupas, emprego em grandes fábricas ou até mudando de profissão. Com o passar do tempo, os homens começaram a consumir mais itens de luxo e a alfaiataria artesanal voltou a ganhar espaço novamente: os alfaiates que não estavam mais com suas atividades estão retornando para o mercado de trabalho. A moda masculina está retornando com a alfaiataria sob medida não somente para atender noivos e advogados, mas também atender homens que se preocupam em se destacar em suas atividades, e que utilizam o corte da alfaiataria e sua exclusividade para se diferenciarem na sua imagem pessoal.

No Rio Grande do Sul, segundo o levantamento da Firjan (2020) há 45 alfaiates em exercício, enquanto o número de designers de moda é de 246 profissionais. É necessário entender o por que não há um aumento de integrantes deste ofício e analisar o que precisa ser feito para que este cenário mude. O cenário de pesquisa escolhido para a análise foi o município de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, utilizando o método de amostragem bola de neve, foram entrevistados dez alfaiates, que responderam a 23 perguntas objetivas e discursivas, a fim de compreender o mercado da alfaiataria na cidade, seus métodos de trabalho e como aprenderam o ofício.

O tema desta pesquisa centra-se no ofício do alfaiate em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, com foco nos desafios enfrentados pelos profissionais da alfaiataria tradicional para permanecerem e crescerem no contexto atual da cidade. O problema principal que motiva esta investigação é a diminuição do número de alfaiates em exercício no município de Porto Alegre. Busca-se compreender as razões por trás dessa redução e explorar estratégias que possam ser empregadas para manter viva a tradição da alfaiataria artesanal e promover o desenvolvimento regional da profissão.

A questão norteadora que guia esta pesquisa indaga sobre a existência de cursos específicos ou de graduação na área da alfaiataria que tenham capacidade de formar novos profissionais do ramo na região. Os objetivos deste estudo são divididos em geral e específicos. O objetivo geral é pesquisar a alfaiataria como ofício, examinando seus processos artesanais e seus praticantes em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Os objetivos específicos incluem a identificação dos alfaiates ativos na cidade para analisar suas trajetórias por meio de entrevistas usando o método de amostragem bola de neve; a análise e identificação das diferenças entre a alfaiataria artesanal e industrial; a pesquisa sobre a transformação do vestuário de alfaiataria masculino desde o início do século XIX até o século XXI; e a identificação e análise das ementas dos cursos de graduação em moda na região, verificando se abordam a alfaiataria artesanal, bem como a existência de cursos livres.

Para a construção desta pesquisa no capítulo 1 é apresentada a metodologia, seguido do capítulo 2 que aborda a moda masculina, suas transformações, o consumo de luxo, as técnicas artesanais, as diferenças entre a alfaiataria artesanal e a industrial e a comparação de metodologias de modelagem. O capítulo 3 analisa o ensino do design de moda e cursos livres na região metropolitana de Porto Alegre. O capítulo 4 apresenta a análise dos dados da pesquisa e por fim no capítulo 5 a conclusão.

1.1 Justificativa

O ofício do alfaiate acompanhou a transformação do vestuário masculino ao longo dos anos, de maneira que foi necessária uma adaptação para que essa profissão não fosse extinta. A revolução industrial e a invenção da máquina de costura foram avanços tecnológicos notáveis para que houvesse uma diminuição de trabalhadores artesanais.

As fábricas de vestuário, equipadas com essas novas tecnologias e um grande número de funcionários, fizeram com que o custo e o preço dos trajes ficassem mais acessíveis, destinando a alfaiataria artesanal apenas para a elite. A alfaiataria artesanal tem algumas diferenças entre a alfaiataria industrial, pois ela é feita somente sob encomenda, para uma pessoa específica, com suas medidas e escolhas de materiais; já a outra é feita para abrigar vários tamanhos de corpos em uma modelagem de roupa, geralmente encontrada em lojas de departamento e sites de compras *online*. Essa exclusividade mostra o quanto a alfaiataria artesanal é diferente, suas técnicas precisam ser preservadas e o conhecimento deve ser passado adiante para que este ofício não se acabe.

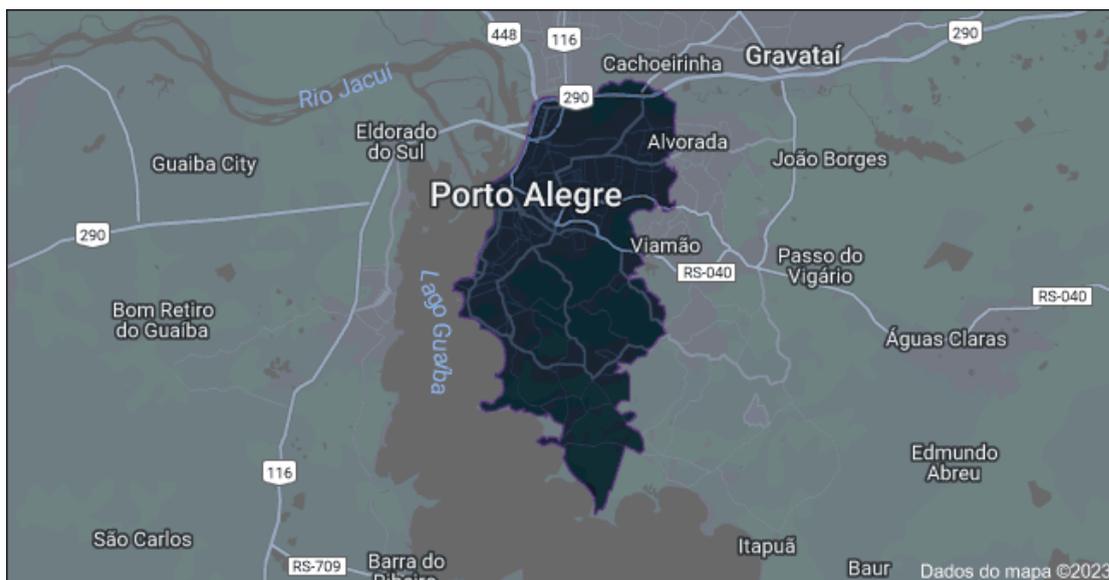
A cada ano que passa, conforme o banco de dados da Firjan (2020), novos profissionais se formam em design de moda; porém o número de alfaiates não cresce. Ao analisar estes dados, é necessário saber o porquê da falta de crescimento do número de profissionais, e o que as universidades e cursos livres têm feito para que esse número mude.

A escolha de identificar e entrevistar o ofício dos alfaiates de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, se deve ao fato de que foi neste município que iniciou-se a carreira do alfaiate Giovanni Modica, o autor desta pesquisa.

1.2 Cenário da pesquisa

Este trabalho busca destacar o ofício da alfaiataria artesanal desenvolvida no município de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul. Localizado a 22 metros de altitude em relação ao nível do mar, o município de Porto Alegre (figura 1) é a capital do estado do Rio Grande do Sul. A cidade se estende por 496,7 km², o município tem como data oficial de fundação 26 de março de 1772 (Cidade Brasil, 2021).

Figura 1 - Mapa do município de Porto Alegre.

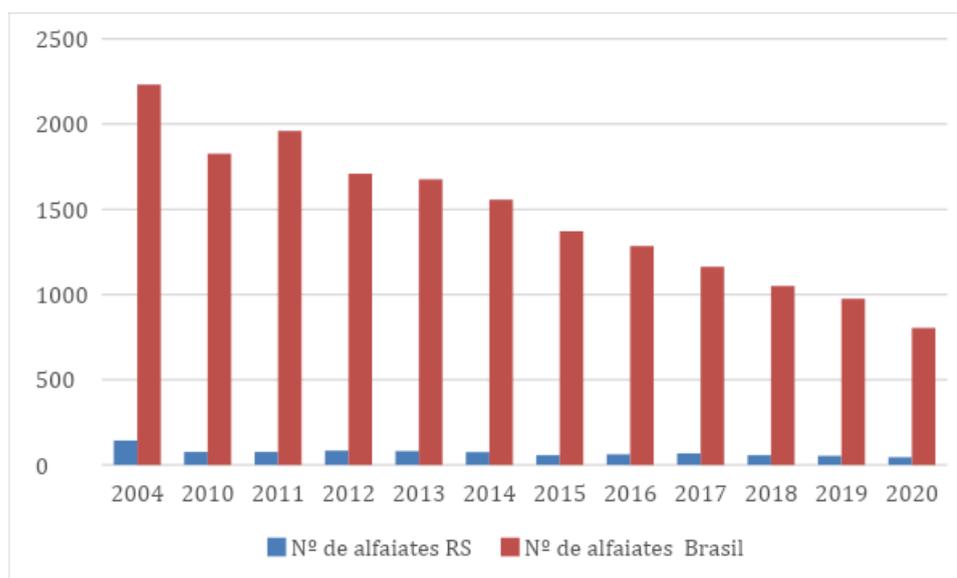


Fonte: Google maps (2023).

1.2.1 A alfaiataria e o design de moda

Após um levantamento feito a partir da base de dados da Firjan (2020) foi elaborado o gráfico 1, que contém o número de alfaiates no Brasil e no Rio Grande do Sul, de forma a analisar e comparar os profissionais entre os anos de 2004 e 2020:

Gráfico 1 – Série histórica da quantidade de alfaiates no Brasil e no Rio Grande do Sul

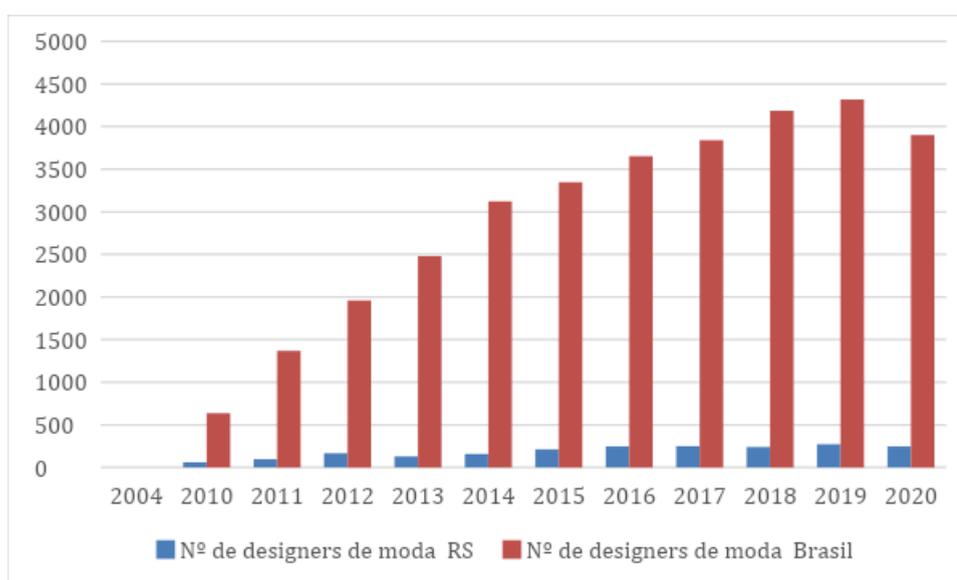


Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Analisando a tabela constatou-se que do ano de 2004 até 2020 o número de alfaiates no Brasil passou de 2.232 profissionais para 804; já no Rio Grande do Sul eram 143 profissionais, e no último levantamento constatou-se que este número caiu para 45 alfaiates que continuam atuando no setor (Firjan, 2020).

No gráfico 2 foi feito um comparativo de designers de moda no Brasil e no Rio Grande do Sul. De acordo com a base de dados da Firjan (2020), foi possível verificar os profissionais do ano de 2004 até 2020:

Gráfico 2 – Série histórica da quantidade de designers de moda no Brasil e no Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

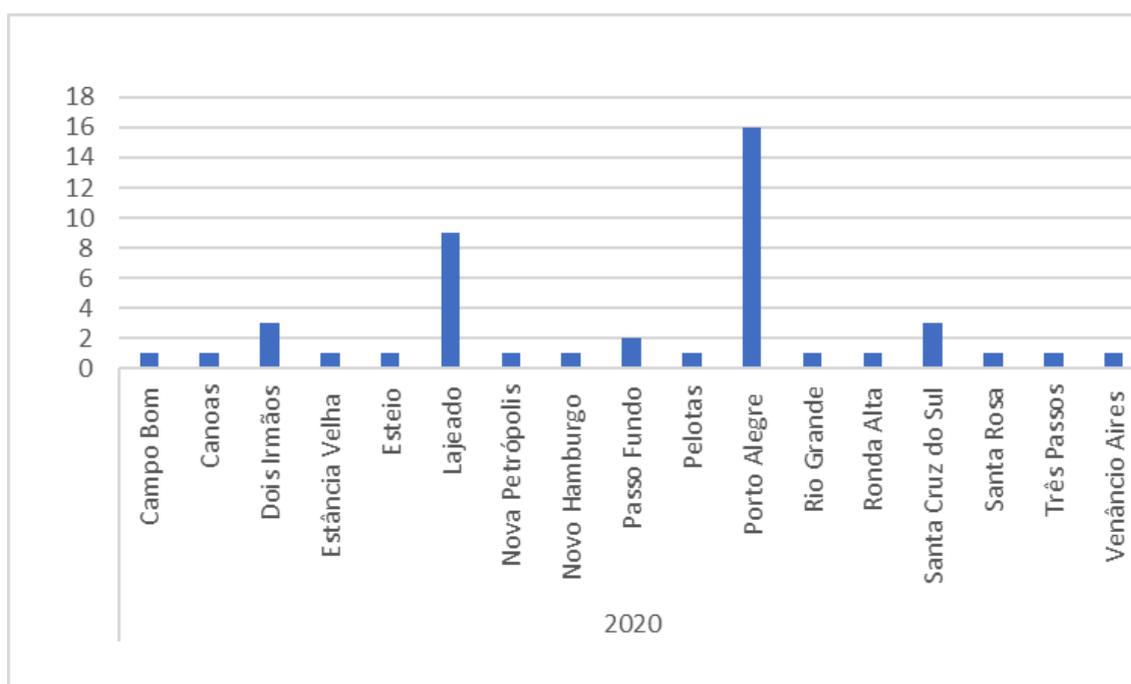
Analisando o gráfico 2, verificou-se que em 2020 estão registrados 3.902 designers de moda no Brasil e 246 profissionais estão no Rio Grande do Sul. Fazendo um comparativo entre as duas profissões no Estado, constatou-se que o número de alfaiates é 82% menor em relação aos designers de moda.

Com estes dados, é possível perceber que a oferta de profissionais é baixa diante da população do estado, que é estimada em 11.546.505 pessoas - segundo os dados do IBGE em 2023.

1.2.2 Os alfaiates no estado do Rio Grande do Sul

A partir de um levantamento feito na base de dados da Firjan (2020), foi constatado que existem 45 alfaiates no estado do Rio Grande do Sul. Eles estão localizados em 17 cidades do Estado, conforme aponta o gráfico 3:

Gráfico 3 – Municípios que possuem alfaiates no Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Após análise do gráfico 4 do levantamento de dados, constatou-se que em Porto Alegre estão registrados 16 alfaiates que estão exercendo a profissão (Firjan, 2020).

1.3 Metodologia de pesquisa

A pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, e tem como objetivo principal obter respostas aos problemas que estão propostos (Gil, 2002). Para a realização deste estudo foram escolhidos diferentes tipos de pesquisa, com o intuito de delinear o desenvolvimento do trabalho a fim de nortear as análises sobre o ofício da alfaiataria. Ela é uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, baseada na revisão bibliográfica do tema sugerido. O pesquisador buscou realizar entrevistas em profundidade com os entrevistados, presencialmente e em local e hora estabelecidos pelos participantes.

O ofício da alfaiataria e seu resgate são importantes, pois os dados mostram a escassez de profissionais levando em consideração o tamanho da população. Uma pesquisa histórica sobre a alfaiataria se faz necessária para um entendimento da importância de seu legado, sendo a alfaiataria como técnica um grande eixo de contribuição para o setor de vestuário industrial.

Segundo Gil (2002) para se realizar uma pesquisa exploratória, que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições, parte-se de um levantamento bibliográfico. Além disso, entrevistas com pessoas que têm experiências práticas com o problema a ser estudado, e por último a análise de exemplos que estimulem a compreensão do assunto.

A escolha pela pesquisa qualitativa para este trabalho justifica-se por permitir a produção de ideias sobre o tema pesquisado, e também o entendimento do objeto de estudo proposto, a partir das informações que os entrevistados forneceram ao pesquisador. Na visão de Pereira (2019, p. 88), pesquisa qualitativa é “parte do entendimento de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requerem o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Essa ideia é compartilhada por Mascarenhas (2018, p. 47), quando afirma que na pesquisa qualitativa “o pesquisador fica à vontade para desenhar o estudo da forma que julgar mais adequada”. Assim, o pesquisador pode ser a principal ferramenta que vai coletar os dados, detalhar a realidade observada e trabalhar com suas interpretações. (Lozana e Nunes, 2018).

Após a escolha de um tema de pesquisa, é necessária a realização de um levantamento bibliográfico preliminar, para que se obtenha uma familiaridade com a área de estudo e sua delimitação, sendo essa essencial para que se tenham objetivos claros e precisos para nortearem os próximos passos da pesquisa. (Gil, 2002).

A pesquisa bibliográfica foi feita a partir dos autores que legitimam o tema, analisando a transformação do vestuário masculino a partir do início do século XIX até o século XXI. Com o estudo desta linha do tempo se permitirá entender as transformações que este vestuário passou até chegar na indumentária contemporânea, assim como as técnicas manuais utilizadas e preservadas pelos alfaiates artesanais.

Para Gil (2002, p. 76), esse tipo de pesquisa “é desenvolvida com base em material já

elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para esse estudo foi possível entender e explicar o problema da pesquisa por meio de teorias já existentes em obras já publicadas, como livros, artigos, entre outros. É preciso identificar as fontes de pesquisa que foram utilizadas para desmistificar o tema escolhido, além de obras de referência que foram utilizados, bem como teses e dissertações, periódicos científicos, banco de dados como a Firjan e a coleta de dados através de uma entrevista individual com os alfaiates.

A pesquisa documental seguiu os mesmos passos que uma pesquisa bibliográfica, porém neste tipo de pesquisa as fontes são mais diversificadas analisando documentos que não receberam nenhum tipo de tratamento analítico. Além disso, com base nas entrevistas feitas, a relação entre os alfaiates e o trabalho que cada um desenvolve ou desenvolveu foram de grande importância para os resultados da pesquisa (Gil, 2002).

1.3.1 Coleta de dados

A coleta de dados deste estudo se deu a partir de entrevistas que iniciaram no mês de agosto de 2023, (após a aprovação do comitê de ética e pesquisa da Faccat). Ela foi baseada em entrevistas em profundidade utilizando questionário (Apêndice A) com perguntas fechadas (sociodemográfico) e abertas (entrevista semiestruturada) na qual foram realizadas 23 perguntas elaboradas pelo pesquisador acerca do tema da pesquisa. Para Cooper e Schindler (2016, p. 278), a entrevista em profundidade encoraja os respondentes a compartilhar o máximo de informações possíveis em um ambiente sem constrangimento. O entrevistador usa um mínimo de sugestões e questões de orientação”.

A primeira entrevista teve um agendamento prévio por telefone e foi feita com o alfaiate JK, oriundo de Porto Alegre. Ele foi o primeiro mestre alfaiate na carreira profissional de Giovanni Modica, o autor desta pesquisa, que trabalhou com JK do ano de 2015 até 2016; lá obteve os primeiros contatos com o ofício da alfaiataria artesanal.

No dia da entrevista, ao chegar na alfaiataria, foi entregue a lista de perguntas e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B). Ele contém todas as informações, e foi salientado que a entrevista seria capturada com vídeo e som. Quando o participante da pesquisa leu o termo e esteve de acordo, fez a assinatura. Após, iniciou-se a entrevista.

Utilizando o método de amostragem bola de neve, foi perguntado para o entrevistado qual seria o alfaiate que ele indicaria para ser o próximo entrevistado. Nesse tipo de método a

amostra se torna autogerada, para isso os próprios entrevistados irão indicar os outros participantes (Costa, 2018).

A amostragem em bola de neve é utilizada para pesquisas exploratórias, geralmente com três objetivos principais: buscar uma compreensão mais aprofundada sobre um tema, testar a viabilidade de conduzir um estudo mais abrangente e desenvolver os métodos a serem empregados em estudos ou fases posteriores. (Vinuto, 2014). Na visão de Bockorni e Gomes (2021), a amostra por bola de neve é uma técnica de amostragem não probabilística onde os entrevistados selecionados para a pesquisa convidam outros participantes da sua rede de amigos e conhecidos. O critério de inclusão foi ter a profissão de alfaiate como ofício, ser maior de 18 anos e trabalhar em Porto Alegre. Essas entrevistas foram essenciais para conhecer o trabalho destes profissionais, bem como analisar como é a atuação deles nas suas respectivas alfaiatarias. Isso é importante também para compreender a trajetória do setor no município de Porto Alegre. O fechamento da amostra foi feita quando houve saturação de dados, ou seja, quando não houve mais indicações de profissionais a serem entrevistados.

1.3.2 Análise e interpretação dos dados

Após a realização das entrevistas (Apêndice A), elas foram transcritas e analisadas. Segundo Gil (2002) é necessário que o pesquisador acrescente o conhecimento obtido com as pesquisas para tentar identificar possíveis explicações, hipóteses e as configurações de causa e efeito que as entrevistas proporcionaram. Para que o estudo tenha valor efetivo, ele precisa acrescentar a algo que já é conhecido, capaz de agregar ou culminar proposições capazes de proporcionarem novas perspectivas teóricas ao problema.

A Análise do Conteúdo seguiu o roteiro das perguntas do questionário de entrevista, que foram organizadas em eixos temáticos de discussão de acordo com o assunto abordado. Vale ressaltar a importância desse método de análise para este trabalho, tendo em vista que ele permitiu ao pesquisador o entendimento da visão dos entrevistados em relação à realidade em que vivem. A fim de dar uma resposta sobre as entrevistas e havendo interesse por parte dos participantes da pesquisa, foi encaminhado uma devolutiva através de um documento elaborado pelo pesquisador, apresentando os resultados obtidos. Esse encaminhamento foi feito da forma que o entrevistado desejou, seja pelo correio, via e-mail ou WhatsApp.

1.3.3 Procedimentos éticos

A presente pesquisa seguiu os requisitos da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisas que envolvem seres humanos (Brasil, 2016). A pesquisa iniciou após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faccat vinculado à Plataforma Brasil, no dia 26/08/2023, com o CAAE: 71412523.0.0000.8135. Os alfaiates que desejaram participar da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após a leitura assinaram o termo expressando sua concordância com os conteúdos nele presentes, os quais, dentre outras prerrogativas, garantiram o caráter de livre-participação.

A identidade dos participantes foi preservada, garantindo ao participante da pesquisa o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de justificativa ou explicação, podendo retirar-se da entrevista a qualquer momento. Salienta-se que quanto aos instrumentos de coleta de dados, os participantes tiveram riscos mínimos relacionados ao possível desconforto emocional do entrevistado ao responder perguntas pertinentes sobre o tema. Se, eventualmente isso ocorresse, o participante poderia manifestar-se para o pesquisador responsável e cancelar sua participação na pesquisa. Para minimizar esse risco, o pesquisador explicou o teor das perguntas para que o entrevistado tenha ciência do que será perguntado.

Os benefícios da participação na pesquisa são destacados pela contribuição em auxiliar um estudo que trará mais dados para a temática referente, a fim de compreender e traçar novas estratégias para que tenha um aumento de profissionais que preservem o uso das técnicas artesanais da alfaiataria.

1.4 Trajetória e inspirações

Giovanni Modica nasceu no dia 26 de agosto de 1991 no município de Ponta Grossa, no estado do Paraná. Antes de completar um ano, seus pais e ele se mudaram para o Rio Grande do Sul. Sua trajetória na moda começou no ano de 2011, quando chegou o inverno e precisava comprar roupas quentes. Ao não encontrar nada que o agradasse, lembrou que o vizinho de seu pai, Máximo Simone, confeccionava moletons para colégios. Nisso, encomendou algumas peças, que, ao ficarem prontas, Máximo questionou se não gostaria de estampar ou bordar algo nas peças. Daí surgiu a ideia de bordar “ekons” que, em um primeiro momento, não era pra ser uma marca de roupas. Na época Giovanni cursava a faculdade de sistemas de informação na PUCRS.

Ao vestir as peças, alguns amigos questionaram onde havia comprado, respondendo em tom de brincadeira que era sua marca de roupas *streetwear*, logo eles desejavam adquirir alguns moletons. Giovanni conversou com Máximo, que prontamente confeccionou as encomendas. Ao aumentar seus pedidos, disse que não estava mais dando conta de fazer seus próprios pedidos e mais os do Giovanni. Foi então que decidiu ensinar a cortar e riscar os tecidos com os moldes, eles então compraram quatro banquinhos altos e uma porta para montar um pequeno atelier com uma mesa de corte, logo comprou uma boa tesoura para cortar os moletons.

Passado algum tempo, os clientes e amigos que haviam comprado seus moletons perguntaram se poderia ter um aumento no tamanho da gola, capuz e comprimento. Ao questionar Máximo sobre essas questões, ele respondeu “...eu não vou mexer nas minhas modelagens, eu uso elas há anos e nunca me deram problema...”. Ao não ter os conhecimentos necessários para fazer estes ajustes, Giovanni procurou se informar sobre cursos na área e achou o Tecnólogo em Design de Moda na Faculdade SENACRS em Porto Alegre. Ligou e marcou uma reunião com a coordenadora do curso, que explicou como funcionava a matriz curricular e tirou todas as dúvidas. Foi aí que decidiu trocar a faculdade de sistemas de informação pela moda.

Sua mãe, Sônia Modica, perguntou se não queria fazer um curso de costura antes de começar as aulas, então optou por fazer um curso de corte e costura no SENAC no município de Canoas, onde residia, para ver se gostava ou até se levava jeito para essa nova carreira escolhida. Foi aí que se apaixonou pela arte de criar e construir roupas. No seu primeiro dia de aula na faculdade, ao chegar na sala de desenho de moda, suas colegas vinham chegando e perguntando se era a sala certa, pois era curioso ver um homem naquela época fazendo faculdade de moda. Nas aulas de confecção foi monitor, pois já sabia costurar por conta do curso feito anteriormente, o que o fez aprofundar ainda mais nas técnicas, revendo os conteúdos de aula.

O interesse de Giovanni pela alfaiataria nasceu quando chegou a hora de fazer o trabalho de conclusão de curso. Ele pesquisou e escreveu sobre seu avô materno Luigi Modica. O avô, alfaiate, o qual não teve o privilégio de observar a forma como trabalhava, porém muito imaginada pelas histórias contadas por Gaetano Modica, tio de Giovanni.

Nascido na Sicília, na cidade de Caltagirone, localizada ao sul da Itália, no dia 19 de outubro de 1922, filho de Gaetano Modica e Ignazia Cannizzaro (figura 2), Luigi Modica aprendeu o ofício da alfaiataria ainda na adolescência, com seus mestres alfaiates. Serviu como alfaiate do ditador Benito Mussolini (figura 3) quando este visitava a Sicília. Ele fazia

seus trajes com Luigi e dizia que o corte do paletó era excelente, pois tinha um caimento muito bom para o seu corpo, que necessitava de uma modelagem sob medida pois precisavam ser feitas intervenções posturais por conta de sua cintura protuberante. Benito Amilcare Andrea Mussolini foi um político italiano que liderou o Partido Nacional Fascista, e é creditado como sendo uma das figuras-chave na criação do Fascismo¹.

Figura 2 – Gaetano e Ignazia



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Figura 3 – Benito Mussolini



Fonte: Hibbert (1974).

¹Sistema político nacionalista, antidemocrático, liderado por Benito Mussolini (1883-1945), na Itália (FERREIRA, 2008).

Luigi foi convocado aos 18 anos para o exército italiano durante a Segunda Guerra Mundial, onde exerceu a função de cozinheiro. Nos campos de concentração fez alguns consertos e costuras nas fardas dos seus colegas combatentes.

Após retornar da Segunda Guerra Mundial, abriu sua própria alfaiataria em 1946 e casou-se com Caterina Accardi Modica (figura 4) em 1947. Em 1948 na cidade de Caltagirone nasceu Gaetano, primeiro filho do casal. Com a crise pós-guerra na Europa, embarcaram em um trem na Sicília - Gaetano, Caterina e Luigi - no qual atravessaram o estreito de Messina, até chegarem na cidade de Nápoles em Abril de 1953. Ali embarcaram no navio Eugênio Toscanelli, emigrantes no porão do navio misto, no lugar da carga, com apenas uma hora por dia de sol no convés, no horário em que a 1ª e 2ª classe almoçavam. O resto do tempo dançavam e jogavam cartas no salão destinado a carga, no andar mais baixo do “Eugênio Toscanelli”. Desembarcaram no porto de Santos, São Paulo, aproximadamente 35 dias após deixarem a Itália.

Figura 4 – Casamento Luigi e Caterina



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Luigi (figura 5), encontrou-se com seu irmão Emílio Modica, que havia vindo para o Brasil trabalhar com sua esposa Amália Matarazzo na Usina Hidrelétrica em Mogi Mirim, São Paulo. Mas tiveram de fugir porque haviam sido escravizados, assim como todos os

outros que tinham vindo com ele. Foram para Ponta Grossa, Paraná, porque um dos fugitivos tinha um parente na cidade, família Tonetti.

Figura 5 – Luigi Modica



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Em Ponta Grossa, Luigi conseguiu um emprego como alfaiate na melhor alfaiataria do lugar, a Alfaiataria Gomes, do alfaiate Alfredo Gomes. A alfaiataria era tão famosa que vinham cavalheiros até de outros estados para vestir-se lá. Pouco tempo depois, muitos clientes preferiam fazer os trajes somente com Luigi, cujo corte e confecção eram diferentes por conta das suas referências italianas. Alfredo Gomes sugeriu a Luigi, com a destacada capacidade e competência no ramo, que abrisse sua própria alfaiataria. Deu-lhe alguns tecidos e uma máquina de costura que estava sobrando, e assim Luigi abriu sua alfaiataria, cujo nome era Alfaiataria Modica, em 1956 (figura 6), seu logotipo era uma tesoura de alfaiate com o nome “Alfaiataria Modica” escrita nas navalhas, ficava na Rua General Carneiro.

Figura 6 - Alfaiataria Modica



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Sua esposa Caterina, ajudava-o na confecção de *tailleurs*² para as senhoras. Gaetano, seu filho mais novo, que não chegou a ser aprendiz dele mas também o ajudava na alfaiataria quando criança. Fazia pequenos trabalhos, um deles era de desmanchar costuras, algo que ele não gostava, pois como ele mesmo dizia “...teu avô alinhavava os trajes com um ponto tão pequeno, que eram muito difíceis de descosturar...”. Outra curiosidade sobre Luigi, é que às vezes ele nem precisava tirar as medidas dos clientes, ele os observava e dizia para voltar no outro dia para provar a roupa, ele estava tão acostumado com a antropometria humana que ele abdicava das medidas para cortar no tecido, e ajustava na prova. Seu público era sofisticado e com alto poder aquisitivo: o preço dos trajes eram justos, quanto a qualidade do corte, que era seu diferencial, cortava direto no tecido com as medidas do cliente, que fazia sempre duas provas do traje antes de confeccioná-lo na máquina. Seu alinhavo era tão fino e preciso, que a costura se acomodava fácil no tecido. Os tecidos de sua preferência eram o tropical inglês, a lã pura italiana, o cashmere inglês e a lã pura inglesa. O próprio Alfredo Gomes, que era seu antigo patrão, fazia seus ternos pessoais com Luigi, pois gostava muito das técnicas e do corte de Luigi. Com o tempo, anexou uma revistaria na alfaiataria. Luigi e

² Conjunto de vestuário feminino formado por saia e casaco, geralmente do mesmo tecido. (FERREIRA, 2008).

Caterina tiveram mais três filhos: Salvador em 1956, Maria Christina em 1961 e Sônia em 1966, mãe de Giovanni (figura 7).

Figura 7 – Família Modica



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Depois de alguns anos, cansado da profissão e com limitações na visão pelos longos anos de costura, mudou de ramo diversas vezes, tivera uma fábrica de sorvetes, confeitaria e por último uma floricultura. Morreu no dia treze de abril de 1995 na cidade de Esteio, Rio Grande do Sul.

Após apresentar o seu trabalho de conclusão de curso em 2015, o pesquisador, ao mergulhar no mundo da alfaiataria com as pesquisas, desenvolvimento de peças e a história de seu avô, teve muito interesse em buscar mais sobre o assunto. Com isso, começou a procurar cursos de alfaiataria na região, porém não encontrava nada. Então fez algumas aulas particulares com o professor Nilo, que lhe ensinou a costurar um paletó, dois coletes e duas calças de alfaiataria de forma industrial, mas o que realmente queria era aprender a construção destas peças de forma artesanal.

Foi conversar com o alfaiate Rovídio Colatto: seu atelier ficava na rua Jerônimo Coelho, próximo a Praça da Matriz no centro de Porto Alegre. Ao questioná-lo se poderia ser

aprendiz dele, logo respondeu que não, disse que estava velho e que demoraria pelo menos 5 anos para aprender o ofício, mesmo insistindo de que era realmente isso que queria, ele se recusou.

Seu Colatto tinha oitenta e oito anos na época, disse que queria se aposentar aos noventa, pois seu tato e sua visão já não eram os mesmos. Ele começou a aprender a profissão com dezessete anos de idade em 1945, e seu aprendizado durou cerca de seis anos, na cidade de Vacaria, interior do estado do Rio Grande do Sul, onde trabalhou por vinte e cinco anos. Já em 1975 se mudou para Porto Alegre onde viveu e trabalhou até o seu último dia de vida, como disse: “ eu quero morrer na minha alfaiataria e trabalhando” (WEISSHEIMER, 2015).

Continuando sua busca por aprender a profissão, Giovanni foi até a alfaiataria de JK que fica no bairro Bela Vista em Porto Alegre. JK gostou da ideia de ensinar a profissão e disse para iniciar na segunda-feira seguinte. Lá teve os primeiros contatos com a alfaiataria artesanal, aprendendo os pontos manuais, entretelamento com crina, preparação da gola, e preparação de camisas. Ficou aproximadamente um ano (2015 a 2016) trabalhando com JK até que no final de 2016 abriu seu próprio atelier na rua Sofia Veloso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre.

O atelier ficava em uma casa colaborativa chamado Complexo de idéias, onde também haviam outras empresas instaladas: em sociedade com CV, criavam e costuravam alfaiataria, vestidos de noiva e debutantes. Foram inúmeros trabalhos desenvolvidos até o fechamento do atelier no final de 2017.

No dia três de janeiro de 2018 começou um aprendizado na alfaiataria de Sérgio Juliani, no centro da cidade, onde trabalhava o também alfaiate IL. Giovanni aperfeiçoou seus conhecimentos em acabamentos manuais, ajustes de peças, e com o alfaiate SC aprendeu a cortar um paletó direto no tecido, só com as medidas, sem moldes, assim como seu avô fazia, foi uma realização profissional inenarrável. Ficou aproximadamente um ano aprendendo e observando estes alfaiates trabalharem.

Em 2019 conheceu Natália Forte, designer, estilista, companheira de vida e da moda. Juntos possuem um atelier criativo (figura 8) onde atuam desde a alfaiataria, até aos itens em couro da marca Natália Forte, como bolsas, acessórios, itens de decoração para casa e escritório. Ela carrega consigo o legado da costura de sua família, que fabricavam máquinas de costura em Novo Hamburgo, da marca Atílio Forte, nome de seu avô.

Figura 8 - Forte e Modica atelier criativo



Fonte: Acervo do autor (2024).

O atelier também tem uma proposta de ser transformado em museu, conta com uma exposição de máquinas de costura antigas, ferramentas e formas de sapateiro, ferros a carvão e obras de arte (figura 9).

Figura 9 - Acervo de máquinas



Fonte: Acervo do autor (2024).

Em 2021 Giovanni iniciou uma pós-graduação no SENAI-CETIQT em Gestão e Planejamento de Modelagem: alfaiataria industrial, onde pode ampliar seus conhecimentos e identificar as diferenças entre o trabalho industrial e o artesanal.

Em 2022/2023 ministrou cursos de corte e costura no SENAC Canoas, onde formou quatro turmas, totalizando aproximadamente 30 alunos. E junto a Natália ministra o curso de corte e costura na FACCAT, onde capacitaram mais de 100 alunos para o mercado de trabalho.

Em setembro e novembro de 2023 ministrou as disciplinas de acabamentos de alfaiataria e experimentação em modelagem sob medida, na pós-graduação de gestão em modelagem: alfaiataria industrial do Senai Cetiqt no formato online.

Em 2024 Giovanni foi convidado pelo coordenador da moda do SENAC Canoas para ministrar a primeira turma do curso de alfaiataria sem gênero, onde aborda a alfaiataria artesanal e seus processos, história da alfaiataria e modelagem, e a ministrar a unidade curricular de alfaiataria no curso técnico em modelagem da mesma instituição.

2. A moda masculina e a alfaiataria no Brasil

A alfaiataria no Brasil teve sua origem durante o período colonial, com a chegada dos portugueses. Com a necessidade de vestimentas adequadas para a elite colonial e a corte portuguesa, trouxeram consigo seus alfaiates, impulsionando a prática da alfaiataria no país (Braga, 2021). As características mais distintivas da indumentária masculina são influenciadas pela função e status do homem, que teve um impacto significativo no desenvolvimento do estilo de vestimentas masculinas. As roupas servem tanto a um propósito prático quanto desempenham um papel estético. Um dos princípios subjacentes que tem definido a indumentária masculina ao longo do tempo é o ato de se vestir para comunicar quem somos em termos de gênero, status social e cultura. (Hopkins, 2013).

As indumentárias contam histórias, revelam gostos e é uma expressão de comportamento social, elas traduzem o que queremos demonstrar de dentro para fora, seja em algum detalhe, acabamento, cor de aviamento, até de humor (Motta, 2016).

As roupas no século XIX exigiam um trabalho meticuloso feito à mão: todas as roupas eram não só produzidas manualmente como também eram feitas sob medida, cada peça era feita uma a uma com as medidas exatas das pessoas (Frings, 2012).

Nenhuma outra roupa representa tão bem a magnificência do vestuário masculino do que um terno sob medida, feito à mão, para uma única pessoa, desenhando sua silhueta, escondendo seus pontos fracos, realçando os fortes e valorizando o corpo. Somente o talento de um alfaiate(a) é capaz de traçar todos estes atributos no tecido, tirando do papel todas as vontades e gostos do cliente, transformando um tecido plano em uma forma tridimensional (Sims, 2014).

Sendo o terno a peça do guarda-roupa de maior permanência em todos os tempos, especialmente o feito sob medida por um alfaiate que além de valorizar o corpo, coloca vida em detalhes e acabamentos escolhidos pelo cliente, como o número de botões e cores, o estilo de lapela e colarinho, o tipo de punho e fechamento, a escolha da bainha e do cós (Blackman, 2014).

O guarda-roupa masculino de alfaiataria constitui-se de paletó, camisa, calça, gravata, colete e sobretudo. Essas vestimentas colocaram fim aos trajes espalhafatosos do século XVIII, perpetuando assim o padrão formal da vestimenta masculina (Hollander, 2003).

As técnicas de construção de roupas utilizadas pelos(as) alfaiates(as) tradicionais são consideradas as melhores formas de confeccionar uma roupa, e costumavam ser passadas de

geração para geração; porém os filhos e netos deles não possuem mais interesse em continuar essa tradição, fazendo com que esta profissão possa se tornar extinta. (Motta, 2016).

Para um maior entendimento sobre a importância do ofício do alfaiate artesanal, o próximo subcapítulo traça uma linha do tempo da transformação do vestuário masculino a partir do início do século XIX até o século XXI.

2.1 A transformação do vestuário masculino

A forma como o ser humano se veste sofreu profundas transformações ao longo do tempo. No início do século XIX George Bryan Brummel (figura 10) era sinônimo de elegância e influenciava o desenvolvimento do vestuário masculino na Inglaterra. Nascido em um ambiente de alto poder econômico, era filho do secretário particular de Lorde North, primeiro-ministro do Reino Unido (1770 – 1782). Após a morte do pai, recebeu uma grande herança e foi morar em Mayfair – Londres (Stevenson, 2012).

Figura 10 – George Bryan Brummell



Fonte: Stevenson (2012).

Seu modo elegante fez de Brummel o árbitro da moda londrina por mais de quinze anos, com seu bom gosto e paixão pelo vestir (Boucher, 2010). O guarda-roupa de Brummel reduzia-se a uma camisa branca de linho, um casaco de cor única, escura, um colete leve e calções justos até o joelho ou calças justas até o tornozelo, botas de montaria e um plastrão,

um grande quadrado dobrado e enrolado em volta do pescoço, de algodão, musseline ou seda (Stevenson, 2012).

Consolidando-se no século XIX, este novo traje vestido pelos dândis daquela época, como George Beau Brummel - que ditavam o que havia de mais elegante para se vestir e recorriam aos alfaiates para que criassem peças feitas para o corpo deles tal qual uma armadura, evidenciando assim com o corte simples e fino todas as suas linhas de silhueta. (Hollander, 2003).

Brummel sabia a importância dos detalhes nas vestimentas, ele que criou as presilhas que passavam por baixo dos pés, deixando as calças sempre esticadas e livres de vincos. Também recomendava que suas botinas fossem polidas com champagne, usava sempre um casaco elegante azul escuro e discreto, cortado da mais fina e densa lã, sempre usava sua cartola e nunca dispensava o uso de uma elegante bengala (Stevenson, 2011).

O modo de vestir de Brummel influenciou na geração de um estilo: o modo de se vestir chamado Dândi. No início do século XIX, o estilo Dândi era o cavalheiro que ditava o que era de mais elegante no vestuário masculino, sempre com a roupa bem alinhada chamava a atenção de todos por onde passava, ele entrou em evidência em 1790 (Boucher, 2010). Além do vestuário, os acessórios eram indispensáveis: corrente de ouro para os relógios de bolso e chaves, lenços de bolso brancos, luvas e bengalas, assim como alfinetes e pérolas para as gravatas (Nery, 2009).

O estilo Dândi vai além do modo de vestir: tem relação com a postura de quem usava este estilo, a impressão que o dândi queria dar era de superioridade através de sua indumentária. Brummell tinha uma postura altiva, mas outros dependiam do colarinho alto, que tolhia o movimento do pescoço, para lhes emprestar alguma altivez. O físico apolíneo e enxuto e a postura ereta eram também auxiliados por espartilhos e enchimento (Stevenson, 2012). Assim, entende-se que no início do século XIX a vestimenta masculina era caracterizada pela cartola, colarinho alto e plastrão, casaca de cor escura e calções justos.

2.1.1 Início do período vitoriano

A vestimenta do homem, no início do período vitoriano, passa por algumas mudanças: a sobrecasaca começa a ser menos acolchoada e apertada na cintura, dando a impressão de cintura marcada. O colarinho continuou alto, mas agora com uma gravata-borboleta, os chapéus tornaram-se mais exagerados, ficando mais altos com uma

forma de chaminé, as calças afunilaram e ao invés de botas, vieram os sapatos Oxford (figura 11) (Stevenson, 2012).

Figura 11 – Início do período vitoriano



Fonte: Stevenson (2012).

O guarda-roupa do cavalheiro do período vitoriano precisava constituir de quatro tipos de casaco: para o uso diário, um casaco formal para usar durante o dia; a sobrecasaca justa para os negócios; o colete transpassado colorido com um sobretudo; e uma casaca era a escolha para a noite (Stevenson, 2012). O paletó e o redingote, casaco para andar a cavalo, dividem as horas do dia, mas seu uso difere de acordo com o passar dos anos, dependendo da cor da lã, da forma da saia, do modelo dos botões, da calça e do colete que os acompanham.

À noite, o traje de rigor é o paletó com botões lisos e a calça preta acima do tornozelo, deixando as meias à mostra, o maior capricho está no colete bem acolchoado usado sob um colete de seda (Boucher, 2010). As principais características deste período são: a silhueta bem arqueada, a cintura alta e a oposição de cores entre a calça e o paletó caracterizam o homem no período vitoriano juntamente com a gravata-borboleta, calças xadrez, sapatos Oxford, casaco preto e marrom, colete e cartola mais alta.

2.1.2 Meados do século XIX e a introdução do *ready to wear*

A democratização da moda iniciou com o surgimento da máquina de costura, que acabou transformando o que antes era artesanal em produção industrial, possibilitando a

produção de roupas em grande escala. Em 1829 o alfaiate francês Thimmonier patenteou uma máquina de costura feita de madeira que tinha uma função de ponto corrente, porém os alfaiates artesanais temiam por seus empregos e destruíram todas as máquinas produzidas. (Frings, 2012).

Em 1832 Walter Hunt desenvolveu um novo modelo de máquina de costura utilizando metal, porém não conseguiu patentear - o prestígio da invenção da máquina de costura ficou para Elias Howe que patenteou o seu modelo em 1846. Todas as suas máquinas eram operadas a mão, e somente em 1859 que as máquinas de costura evoluíram, para que as mãos ficassem livres para manusear o tecido, Isaac Singer criou a máquina de costura com pedal, manuseando a máquina com os pés. (Frings, 2012).

Com a introdução da máquina de costura nas confecções, a produção de roupas prontas, *ready to wear* (pronto para usar), tiveram um aumento significativo. A Brooks Brothers, marca mais antiga de varejo de Nova Iorque, abriu sua fábrica em 1818, enfatizando a importância da qualidade do caimento dos seus ternos. Porém na Inglaterra a moda do *ready to wear* não tinha a mesma reputação que as autênticas alfaiatarias. Lojas de artigos masculinos de roupa pronta só se desenvolveram depois em 1860. O precursor do traje nesta época foi o paletó curto, que acabaria se tornando o traje de passeio, foi uma modernização reconhecível da indumentária masculina, na figura 12 estão estudantes da universidade de Oxford na Inglaterra (Stevenson, 2012).

Figura 12 – Introdução do terno na Inglaterra



Fonte: Stevenson (2012).

Em busca de trabalho, operários começaram a se mudar para cidades que abrigavam fábricas de vestuário, assim os empresários conseguiram manter mais controle sobre a produção (Frings, 2012).

A evolução das vestimentas masculinas sempre esteve ligada aos avanços da indústria e do mercado, e a indumentária masculina passou por muitas modificações até chegar no traje moderno que constitui de paletó, camisa, calça, colete e gravata. Com a revolução industrial o *ready to wear* ganhou espaço, e as fábricas iniciaram a confecção em grande escala de trajes de alfaiataria (Blackman, 2014). A indústria se especializou no aperfeiçoamento da construção de ternos confeccionados massivamente e de alta qualidade, para vestir vários corpos em uma numeração de terno, a alfaiataria sob medida ficou cada vez mais restrita à elite (Sims, 2014).

A roupa de trabalho dos operários nesta época era constituída por um paletó, geralmente usado até ficar desgastado, pois possuíam um para o trabalho e um para o lazer, utilizado nos domingos de folga (Blackman, 2014). O paletó curto, chamado de terno, era usado pelo trabalhador que precisava de roupas cômodas e não tinha dinheiro para ir a um alfaiate. Com roupas prontas e de melhor qualidade, o casaco ficou mais ajustado ao corpo e foi aceito como roupa informal. Na medida que o terno passou a ser adotado, uma nova gravata tornou-se necessária, a gravata de nó corredio que, ao contrário do plastrão, era uma alternativa confortável e fácil de ser feita. A cartola alta também foi substituída pelo chapéu-coco, chamado em inglês de *bowler*, *derby* ou *billycock*, mais baixo e arredondado (Stevenson, 2012).

Embora despojado e em roupas sóbrias, o homem elegante não abandonou todas as formas de prestígio social, fossem elas luvas, bengalas, charutos ou jóias, não economizando em anéis de rubi, abotoaduras de brilhantes e correntes de ouro para os relógios (Nery, 2009). São características deste período o paletó curto ou terno, gravata de nó corredio e chapéu-coco.

2.1.3 *Belle Époque*

No início do século XX, as atividades de lazer fizeram com que o vestuário masculino se desenvolvesse ainda mais. Para dirigir automóveis era preciso usar casacos impermeáveis; com a natação vieram a simplificação dos trajes de banho, e o passeio de barco levou roupas mais leves na figura a seguir mostra a oportunidade dos espectadores de vestir suas mais

festivas roupas informais nas *May Bumps* - corridas disputadas entre as faculdades de Cambridge na Inglaterra (figura 13) (Stevenson, 2012).

Figura 13 – Belle Époque



Fonte: Stevenson (2012).

Os trajes informais do século XX fizeram com que fosse mais difícil de saber a diferença entre as classes sociais. As classes mais ociosas usavam colarinhos altos e duros, chapéu de palha e paletó colorido mostravam a esportividade juvenil. Passeios de barco ainda exigiam trajes formais e aparência conservadora, enquanto os esportistas de tênis e vela se livraram dos seus paletós (Stevenson, 2012).

O chapéu usado para compor o traje de lazer era o *boater*, feito de palha dura, mais baixo e poderia conter ou não uma faixa de cetim em seu corpo. Já os casacos listrados acabaram sendo chamados de paletó, e mais tarde tinham as cores de seus clubes de remo, tênis e críquete: a combinação do paletó com o *boater* impôs-se como um estilo informal de verão. As roupas de flanela foram marca registrada do visual esportivo: eram leves, de uso mais prático e denotavam certa tranquilidade financeira. As botas foram substituídas por sapatos de amarrar nas cores marrom e branco, que eram mais confortáveis e tinham o bico redondo (Stevenson, 2012).

Nas ocasiões formais os homens usavam sobrecasaca, traje que atingia a altura dos joelhos, e cartola. O chapéu era indispensável para sair à rua, de dia usavam o chapéu de

feltro acompanhando os ternos de casemira. Nas calças apareceram novidades, eram estreitas, vincadas no meio e usadas com a bainha virada (Moutinho, 2000).

O estilo da *Belle Époque* era composto pelo chapéu boater, paletó listrado, sapato de amarrar e roupas de flanela.

2.1.4 Anos 1920

No início dos anos 1920, reinava o terno conservador com a cintura alta e ajustada, ombros estreitos sobre um paletó curto. Já em 1925, tinha-se o hábito de dançar Charleston, então com a dança as roupas tinham que ser levemente amplas, para dar um movimento mais suave. Os ombros começaram a ficar mais quadrados e o paletó a ser cortado mais reto, com mangas mais frouxas, quando os homens pararam de usar colete e as lapelas ficaram mais largas. A seguir na figura 14, Fred e Adele Astaire no musical *Stop Flirting*, o figurino de Fred segue o estilo da década, o lenço no bolso, calça com bainha inglesa e paletó (Stevenson, 2012).

Figura 14 – Fred e Adele Astaire – 1923



Fonte: Stevenson (2012).

Nesta época a dança teve especial importância para a moda, pois as pessoas precisavam de liberdade para fazer movimentos, o que pedia roupas mais frouxas e paletós mais amplos. Os jovens tinham mais tempo para o lazer, e com o crescimento da popularidade dos esportes essas roupas ganharam ainda mais espaço. (Stevenson, 2012).

Em 1920, a tendência de usar roupa esportiva masculina vinda da Inglaterra e da América do Norte ganhou cada vez mais adeptos. A chegada dos pulôveres, camisas com golas e punhos costurados e paletós acinturados deram novas características ao vestuário. O terno clássico não se modificou, o fraque com calças de tecidos listrado chegou e o smoking continuou sendo usado para ocasiões à noite. O chapéu de feltro, menos duro, ganhou a preferência dos homens pelo conforto. Os sapatos mais finos, de bico pontudo, receberam o nome de *shimmy*, que era uma nova dança da época. No inverno as polainas cobriam os sapatos e os cintos começaram a substituir os suspensórios, relógios de pulso tomaram o lugar dos relógios de bolso (Nery, 2009).

À noite os homens substituíram o fraque, que era mais curto, pelo smoking preto com lapelas cobertas de seda e gravatas-borboleta também pretas. Os colarinhos das camisas não eram mais rigidamente engomados, como mostra na figura 15 (Nery, 2009).

Figura 15: Fraque e smoking.



Fonte: Nery (2009).

2.1.5 Anos 1930

Em 1929 houve a queda da bolsa de valores de Nova Iorque, e mesmo com a crise da depressão dos dois lados do Atlântico, a moda masculina e a feminina refletiam uma aspiração de afluência. Ainda que as fortunas de alguns tenham naufragado, a maior parte da elite social continuou a viver uma vida encantada, e a lendária casaca com cauda e gravata branca tornou-se constante na comédia musical como na foto de Noël Coward e Gertrude Lawrence no espetáculo *tonight at 8:30* (figura 16) (Stevenson, 2012).

Figura 16 – Noël Coward e Gertrude Lawrence - 1936



Fonte: Stevenson (2012)

Embora Noël Coward evocava a imagem de um sujeito elegante e divertido a bebericar um coquetel envergando um smoking, e a imagem da casaca e gravata branca lembrasse o musical art déco, a silhueta de alfaiataria dos trajes masculinos dos anos 1930 alterou-se pouco a pouco (Stevenson 2012). O terno em tecido escuro com listras finas e ombros largos era o preferido do homem moderno. As calças eram amplas e levavam bainhas viradas, vincos e pregas na cintura. Apareceram os paletós feitos de tweed, tecido feito com fios de lã, usados com calças de tecidos diferentes, e pulôveres sem mangas no lugar de coletes ,como mostra a figura 17. (Nery, 2009).

Figura 17: Paletós de tweed.



Fonte: Nery (2009)

Os knickerbockers, calções usados por guardas durante a Primeira Guerra Mundial, eram usados para a prática do golf, pois eram mais confortáveis. Esta foi considerada a invenção mais típica da alfaiataria do período entre guerras, como na figura 18 (Laver, 1989).

Figura 18: Os *knickerbockers*

Fonte: Laver (1989)

2.1.6 Anos 1950

Entre os anos de 1939 e 1945 ocorreu a Segunda Guerra Mundial, influenciando a moda com a roupa militar. Nos anos 50, apesar de os homens quererem se libertar das fardas militares, não adotaram novamente o terno clássico, preferindo calças e blusões esportivos, adaptações que faziam lembrar os uniformes dos aviadores. A silhueta em V - acinturado e ombros largos - do terno da moda masculina mostrava um paletó de ombros largos levemente descidos, sobre calças estreitas sem bainha virada. Como os limites dos grupos etários se mesclavam cada vez mais, de acordo com a demanda crescente de roupas de uso prático, os blue jeans, calça jeans azul, acabaram definitivamente sendo adotados por jovens e adultos (Nery, 2009).

As roupas masculinas haviam se tornado menos formais a partir da década de 50, com poucas profissões exigindo o uso do terno. O colete já não fazia parte deste terno. Muitos homens trabalhavam usando calças de veludo cotelê. As camisas variavam com listras finas, estampas florais ou camisetas lisas de algodão. Também nesta década o colarinho da camisa era tão pequeno que começou a ser pregado direto na camisa (Laver, 1989).

Em 1952 a elegância italiana virou referência, buscando um mercado mais amplo que o doméstico. A moda masculina italiana, com a tradição de qualidade das empresas familiares, foi celebrada em exposições comerciais. A influente comunidade ítalo-americana logo abraçou o estilo, que se traduzia especialmente bem para a tela do cinema (figura 19) (Stevenson, 2012).

Figura 19 – Barato e elegante – 1957



Fonte: Stevenson (2012).

2.1.7 O estilo dos anos 1960

No ano de 1960 houve uma evolução no estilo: os homens queriam se diferenciar um dos outros, usando calças com listras no estilo Savile Row, rua de Londres famosa pela alfaiataria. Camisa com o botão aberto, porém com um lenço no pescoço, chapéu de aba larga e a pele davam um ar de extravagância, assim como na foto dos Rolling Stones (Figura 20) (Stevenson, 2012).

Figura 20 – Rolling Stones – 1967



Fonte: Stevenson (2012)

A princípio, a silhueta do homem era magra, para fazer jus à calça de cós baixo e justas, de corte reto e muitas vezes com listas verticais. As camisas eram apertadas, os colarinhos e os longos paletós trespassados, tinham ombros caídos, com frequência escondidos por um sobretudo ou um casaco de pele jogado sobre os ombros (Stevenson, 2012).

A tradicional camisa social branca foi desbancada, sendo substituída pelas coloridas, estampadas, listradas e xadrez, confeccionadas em estilos novos. A roupa íntima masculina também sofreu alterações, sendo adotados pijamas de malha, e cuecas tipo sunga substituindo a samba-canção (Moutinho, 2000).

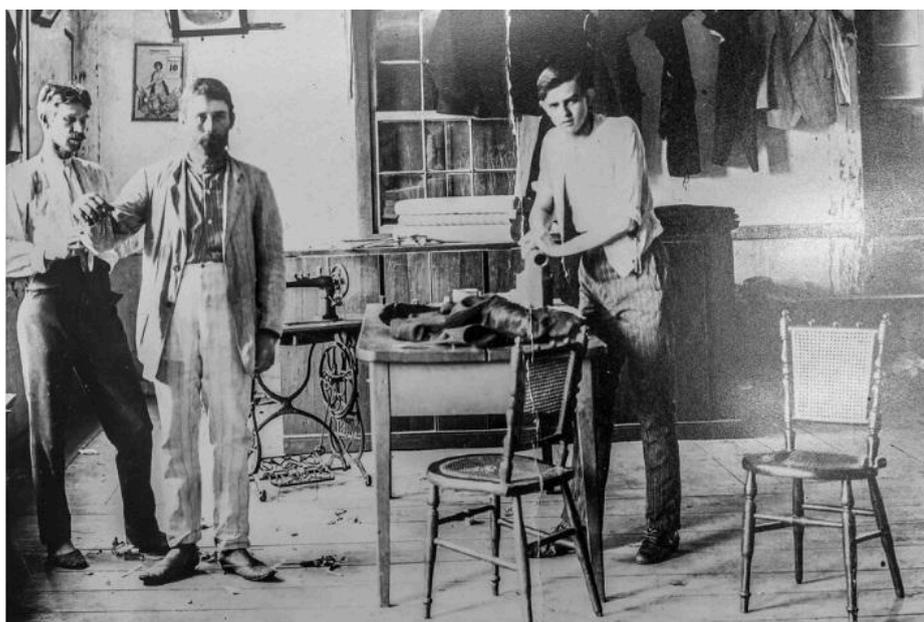
Os sapatos masculinos mantiveram as formas rústicas, no verão usavam sandálias e chinelos, e no inverno botas curtas ou tamancos. Na indumentária masculina, a tendência era privilegiar a roupa mais solta, sugerida pela onda de lazer e esporte (Nery, 2009).

2.1.8 Anos 1970 em Porto Alegre

O museólogo Máximo Simoni³ recorda da alfaiataria em Porto Alegre, mencionando dois alfaiates notáveis. O mais antigo, de estilo mais tradicional e, segundo ele, quase inglês, era Assis, localizado no sexto ou sétimo andar do edifício na Rua da Praia, número 1727, ao lado da agora fechada Farmácia do IPERGS. Assis confeccionava ternos para indivíduos mais conservadores, sendo descrito como um alfaiate maravilhoso.

O segundo alfaiate, Nardin (figura 21), era considerado mais moderno e tinha ateliê na Galeria Malcom, no terceiro ou quarto andar. Nardin direcionava seu trabalho para ternos com uma inclinação mais esportiva, lembrando paletó, adequados para festas de aniversário e eventos dançantes. Na década de 1970, o padrão de vestimenta da época consistia em calça jeans, paletó de tweed ou tricoline, tênis branco e, às vezes, era complementado por outros itens de acordo com a estação.

Figura 21 - Alfaiataria Nardin



Fonte: Paulo Gasparotto (2021).

³ Ex-diretor do Memorial do RS. Informações coletadas em uma conversa informal com o museólogo e amigo do autor desta pesquisa.

Máximo ressalta que usar Nardin não era barato, pois a alfaiataria implicava tornando-se clássicos na época. Mesmo com a restrição financeira da maioria, os paletós de Nardin eram cobiçados, e emprestar ou negociar peças entre amigos era comum.

Além disso, o entrevistado menciona o contexto social da época, com grandes preconceitos raciais e homofóbicos. O encontro de grupos na Rua da Praia (figura 22) ou na Galeria Malcon para observar e paquerar garotas era uma prática comum no final da tarde.

Figura 22 - Rua da Praia



Fonte: Pinterest (2023).

O padrão de vestimenta incluía camisas listradas de tricoline, calças de brim das marcas Levi's, Lee ou Wrangler, mocassins da marca Samel para dirigir, e tênis branco padrão com meias de algodão. Nas festas, os paletós eram essenciais, enquanto ternos eram reservados principalmente para a elite ou ocasiões especiais.

2.1.9 Anos 1980

Na década de 80 os trajes tornaram-se menos formais, os *yuppies* (figura 23), jovens engajados no sistema capitalista, não dispensavam camisas em tecidos nobres, acessórios caros e sofisticados, como canetas e relógios. As gravatas eram largas e coloridas e os tênis tinham que ser importados (Moutinho, 2000).

Figura 23: Os Yuppies.



Fonte: Moutinho (2000)

A nova escolha do homem no momento era a calça jeans, o terno com duas fileiras de botões e os paletós com calça cinza de lã lisa ou com desenhos discretos. As calças receberam pregas partindo da cintura, deixando assim uma amplitude confortável em volta dos quadris. As camisas mostram cores e padrões também mais discretos, o blusão e o macacão eram usados para a prática de esportes. Os chapéus de feltro mole ou gorro de pele eram as peças mais populares no inverno (Nery, 2009).

Os sapatos clássicos e as botas eram para o uso diário, os chinelos, mocassins e sapatos baixos eram usados nos momentos de lazer. Os acessórios masculinos eram as gravatas de seda, botas com ou sem alças, cintos de couro com fivelas discretas, relógios de pulso sofisticados, braceletes e correntes com amuletos (Nery, 2009).

Em 1980 os homens voltam a querer se destacar um dos outros, resgatando a beleza da profissão artesanal e dos acabamentos perfeitos. A atração pela roupa sob medida, ainda que utópica, ressurgiu pelo interesse ao alfaiate e ao camiseiro (Boucher, 2010).

A silhueta harmoniosa em um terno bem cortado dava a forma do homem em 1980, o colarinho com a gravata defendia o retorno de uma elegância discreta, embora de maneira descontraída. O ombro bem-marcado e o cinto contrastando com o terno, assim como na foto onde Richard Gere interpreta em *O Gigolô Americano* (figura 24) (Stevenson, 2012).

Figura 24 – Gigolô americano – 1980



Fonte: Stevenson (2012)

2.1.10 O homem do século XXI e o consumo de luxo no Brasil

A moda masculina é tão vital para a indústria do vestuário quanto a moda feminina, com o aumento de mercado e a proliferação de roupas de grife, cosméticos, revistas e cobertura da mídia especializada colocam a moda masculina em evidência (Blackman, 2014).

Muitos homens querem se destacar, e utilizam a imagem e o vestuário para mostrar a sua personalidade. A alfaiataria sob medida oferece essa exclusividade e acaba saciando as

vontades de seus clientes (Metrópolis 2022). Na figura 25 foi criado um moodboard com fotos de pesquisa de coleções 2023/2024 de alfaiataria masculina segundo o portal de pesquisa de tendência WGSN (2023).

Figura 25 - Pesquisa de tendências: alfaiataria masculina



Fonte: WGSN (2023).

Uma nova geração de jovens começou a consumir no mercado de luxo, itens de alfaiataria sob medida e sapataria artesanal, aquecendo o mercado. Isso é resultado de uma demanda crescente por produtos personalizados, feitos à mão. (Istoé 2021).

É importante compreender porque esses consumidores preferem artigos de luxo e de alfaiataria artesanal, ao invés de comprar roupas prontas. Para responder essa questão foram elaboradas três perguntas, a fim de contextualizar e entender os motivos pela preferência de consumo. Em uma conversa informal pelo aplicativo de mensagens Whatsapp, foi perguntado para alguns contatos do autor desta pesquisa quem era consumidor deste mercado, e quatro pessoas responderam que consumiam este segmento.

Foram criados nomes fictícios para proteger a identidade dos entrevistados: o Pedro é cliente do autor desta pesquisa, o Marcelo é professor na área da moda, o Rafael é estilista em Porto Alegre e Kalliel é influenciador digital, eles responderam às seguintes perguntas:

- 1) Por que você consome itens de alfaiataria artesanal, é para uma ocasião específica ou para o dia a dia?
- 2) O que te faz optar por um traje sob medida ao invés de um *prêt à porter* comprado em loja?
- 3) Você acha importante o trabalho do alfaiate artesanal no século XXI?

Pedro conta que optou por fazer seu traje de casamento sob medida, pois como se tratava de uma data especial, merecia que a roupa também transmitisse o mesmo sentimento. Também destaca que encomenda camisas sob medida para uso no dia a dia. O que faz Pedro optar por roupas sob medida é principalmente o conforto, especialmente em trajes de passeio, usar uma calça sob medida, por exemplo, que ao mesmo tempo que é justa ela é confortável e veste bem. Ele completa dizendo que o trabalho artesanal nunca perderá a sua importância, pela exclusividade e tradução da personalidade de quem consome, e o privilégio de ter algo que não está sendo industrializado.

Marcelo utiliza as peças tanto para o dia a dia quanto para ocasiões especiais: ele conta que sabe da qualidade e do rico trabalho artesanal feito “por dentro”, entre o forro e o tecido externo. Vestir uma peça feita sob medida artesanalmente o faz sentir-se especial e único, e no dia a dia aumenta a autoestima (para os dias que ela anda baixa). Prefere o artesanal por ser criado para a pessoa, com as suas medidas e gostos, que demanda tempo de produção, conhecimento, dedicação e provas. É a exclusividade (não fala da exclusividade pelo lado do luxo), mas de ter algo só seu, único, que com o tempo aprendeu a valorizar este trabalho, comparando ao *prêt à porter* que parece “frio”. Ele destaca que o trabalho do alfaiate artesanal é extremamente importante, que a técnica não deve desaparecer, em termos de processos de construções e até mesmo acabamentos. Também complementa que a moda está perdendo a sensibilidade e a dedicação que uma peça de vestuário merece para esse processo rápido e “frio” de produção industrial. Entende que a tecnologia faz parte do nosso dia a dia, mas que é necessário parar por um momento e entender para que lado estamos indo e, talvez, recalculando a rota.

Rafael faz o uso de peças sob medida no seu dia a dia, tanto para o trabalho, quanto para os eventos que prestigia, como casamentos e baile de debutantes. Ele descreve ser de

baixa estatura, porém com os ombros largos, destacando que se comprasse roupas prontas, teria que fazer ajustes que muitas vezes ficam aparentes como reformas. Por isso, optou por fazer seus trajes com um alfaiate em Porto Alegre e suas camisas com um camiseiro de São Paulo, que personaliza suas peças bordando à mão um monograma com seu nome. Ele ressalta que o trabalho do alfaiate artesanal é muito importante e está sendo valorizado novamente no século XXI, que suas técnicas não devem ser extintas e precisam ser preservadas.

Kalliel é influenciador digital e produz conteúdo de imagem pessoal masculina. Ele manda produzir sob medida todos os tipos de peças do vestuário de seu guarda roupa que faz o uso no dia a dia. As peças vão desde trajes de alfaiataria, calças, moletoms e bermudas, destacando a personalização que só podem ser feitas neste formato de compra, escolhendo os tecidos, botões, zíperes e outros acabamentos. Como ele possui 1,90m de altura, ele comenta que se fosse comprar roupas prontas em lojas precisaria mandar fazer ajustes, e suas experiências em lojas são que as calças e camisas ficavam sempre curtas. Ressalta que o ofício de alfaiate é importante pois é o profissional que molda o corpo com um tecido, destacando seus pontos, suas qualidades e melhorando sua postura.

O relatório de inteligência do SEBRAE (2021) mostra que no Brasil os homens estão consumindo cada vez mais no mercado da moda e beleza. O país está na oitava posição entre as nações com as maiores receitas geradas pelo setor da moda no vestuário masculino, com o valor de US\$13,2 bilhões de dólares em 2020, a projeção para o segmento é que alcance uma receita mundial de US\$705 bilhões de dólares até 2026.

O cenário de crescimento promissor na economia destaca a necessidade de analisar o trabalho e a contribuição destes alfaiates para o desenvolvimento da economia e suas habilidades. As entrevistas feitas deram uma boa visão de mercado e identificaram seus fatores positivos e negativos para a geração de novos empregos desses profissionais no setor.

2.2 Alfaiataria

Neste subcapítulo objetiva-se compreender as técnicas de alfaiataria artesanal, pontos manuais, conceitos de corte, sua hierarquia, a alfaiataria industrial e a industrialização das medidas. A contextualização é feita com revisão bibliográfica e a experiência profissional do autor desta pesquisa.

2.2.1 Alfaiataria artesanal

As técnicas de alfaiataria, que envolvem cortar e costurar tecidos para criar roupas, foram desenvolvidas lenta e gradualmente na Europa entre os séculos XII e XIV. A primeira menção da palavra "alfaiate" no Oxford English Dictionary data de 1297, e nessa época as guildas de alfaiates, tecelões e comerciantes de tecidos já estavam bem estabelecidas no continente. (Boyer, 1996).

Na Idade Média, as roupas eram usadas para cobrir o corpo, não para exibi-lo. As pessoas usavam mantos soltos, que eram fáceis de fazer com uma ou duas peças de tecido. Esses mantos eram geralmente feitos de materiais simples, como lã ou linho, e eram usados para proteção contra o clima. Com o Renascimento, no entanto, houve uma mudança na atitude em relação às roupas, as pessoas começaram a se interessar mais pela forma humana e queriam exibi-la: os mantos soltos foram substituídos por roupas mais ajustadas, que eram cortadas e costuradas para acentuar os contornos do corpo. Essa mudança na moda foi impulsionada por dois fatores: o primeiro fator foi o aumento da influência da cultura clássica, que valorizava a beleza física e o outro foi o desenvolvimento de novas técnicas de alfaiataria, que permitiram que as roupas fossem mais ajustadas ao corpo (Köhler, 2009).

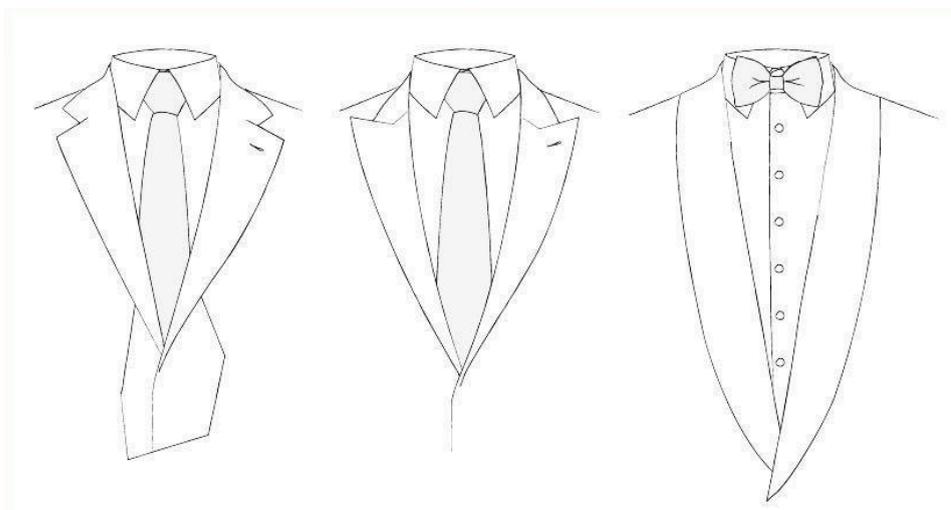
O desejo de acentuar a forma humana exigiu novas habilidades - os cortadores, que criavam os moldes das roupas, e os alfaiates, que as costuravam, começaram a trabalhar juntos e tornaram-se membros importantes da comunidade. Antes disso, as pessoas costumavam fazer suas próprias roupas, usando seus próprios tecidos. Mas, com o tempo, os alfaiates começaram a assumir mais responsabilidade pelo design e pela costura das roupas: aos poucos, eles se tornaram tão importantes quanto os tecelões, e começaram a dominar a arte de criar roupas que se ajustassem perfeitamente ao corpo. Nas cidades em crescimento, os mestres alfaiates se tornaram responsáveis por vestir toda a sociedade, tornando-se um ofício altamente especializado e complexo (Hollander, 2003).

O luxo das técnicas tradicionais de alfaiataria está no tempo, no artesanal e na experiência, embutidos em cada peça confeccionada pelo alfaiate, comparado a um escultor que utiliza o tecido como material para moldar a forma humana tridimensionalmente. É um serviço único no qual são usadas as medidas individuais do cliente, que são aplicadas juntamente com técnicas de costura, para a criação de uma peça do vestuário feita de acordo com as especificações exatas de cada pessoa (Almond, 2011).

O estilo de corte de paletós e de lapelas na alfaiataria artesanal são variados, dependendo do gosto do cliente e até da ocasião na qual o traje será usado. Quando se trata de

lapelas (figura 18) as três mais utilizadas são respectivamente a lapela *notched*; *peaked* e a *smoking*. A lapela *notched* é a mais popular, ela é encontrada na maioria dos paletós, utilizada tanto na alfaiataria artesanal quanto na industrial, a lapela *peaked* é segundo os alfaiates, “mais imponente”, não é comum encontrá-la em lojas de departamentos, pois ela exige algumas técnicas para sua confecção, a lapela *smoking* é utilizada em eventos sociais onde necessita uma maior etiqueta de vestuário (Cabrera, 1984).

Figura 26 - Tipos de lapela.



Fonte: Pinterest (2023) .

Os estilos de cortes de paletó vão de encontro com o tipo de confecção que o alfaiate escolheu para trabalhar, os principais cortes são o italiano, o corte inglês e o americano. Alguns alfaiates fazem uma mescla de detalhes dos estilos e outros também criam novas interpretações. No corte italiano (figura 27) que é considerado o mais ousado, a cintura é curvilínea e levemente marcada, os bolsos não possuem abas, contém ombreiras imponentes que dão a sensação de uma postura mais elevada, porém o fato de não haver fenda nas costas faz com que perca um pouco a mobilidade.

Figura 27 - Corte italiano



Fonte: Pinterest (2023).

O corte inglês (figura 28) é conhecido como o mais tradicional, possui duas fendas nas costas, que vêm desde a época dos passeios à cavalo, exibe uma cintura mais ajustada, lembrando o formato ampulheta, os bolsos possuem abas e dispensa o uso de ombreiras, o que não dá tanta imponência quanto o corte italiano.

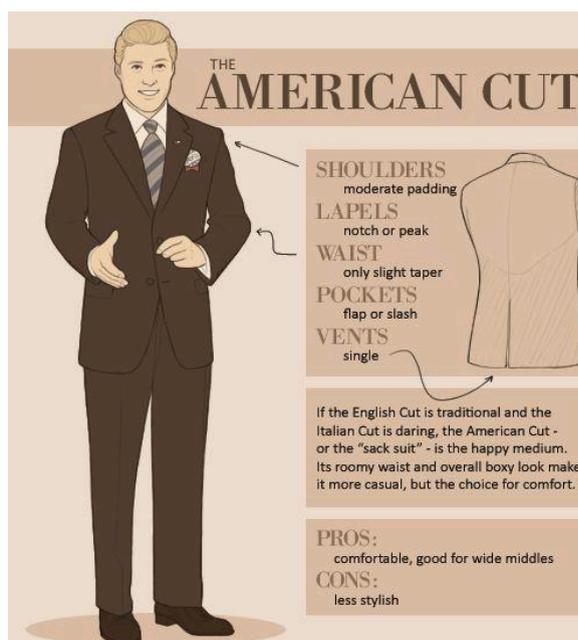
Figura 28 - Corte inglês



Fonte: Pinterest (2023).

Se o corte inglês é o mais tradicional e o italiano o ousado, o corte americano (figura 29) é considerado o meio-termo entre os dois: ele tem a cintura um pouco mais folgada, leva ombreiras sutis, e possui uma única fenda nas costas. Porém, ele é considerado menos elegante por não marcar muito o corpo.

Figura 29 - Corte americano



Fonte: Pinterest (2023).

2.2.2.1 A hierarquia

O percurso profissional que um alfaiate percorre é extremamente importante para que ele aprenda e saiba executar todos os processos na construção de peças de alfaiataria, um ofício que segundo Nunes (2016) é passado de geração em geração. Nele, a maioria de seus adeptos começaram ainda crianças a aprender a profissão, e muitos passam por várias alfaiatarias para que possam aprender a profissão. Na figura 30 é ilustrada a hierarquia dentro das alfaiatarias, bem como as nomenclaturas de seus cargos.

Figura 30 - A hierarquia na alfaiataria



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quando se inicia em um atelier de alfaiataria, o primeiro cargo que se ocupa é o de aprendiz. Primeiramente se começa observando atentamente as funções de todos que ali trabalham por alguns dias, para familiarizar-se com o processo. Após este período, o alfaiate começa a ensinar os principais pontos de costura manuais, aprender todo o processo de passadoria com o ferro de passar, compreende toda a preparação das peças antes delas irem para a costura e então introduz a costura de bolsos na máquina.

Passando-se alguns meses, o aprendiz se torna o meio oficial: ele recebe todas as preparações que o aprendiz ficou encarregado de fazer e fica responsável por costurar as peças, que é a sua principal atividade. O cargo seguinte é o de ajudante, nele o profissional aprende a cortar os tecidos e aviamentos com orientações ou com moldes pré estabelecidos.

O próximo cargo dentro da hierarquia é o de oficial, ele é responsável pela confecção das modelagens e cortes no tecido, ele auxilia o mestre alfaiate na tomada de medidas e nas provas com os clientes, ele conhece e sabe fazer todos os processos dentro do atelier. O mestre alfaiate, além de ser muitas vezes o proprietário do estabelecimento, é o responsável pelo atendimento ao cliente, faz a tomada de medidas, analisa as intervenções posturais que são necessárias para a confecção dos moldes, escuta e compreende os gostos e preferências do cliente, faz as provas, é quem costura a manga, a gola e faz os acabamentos manuais do paletó.

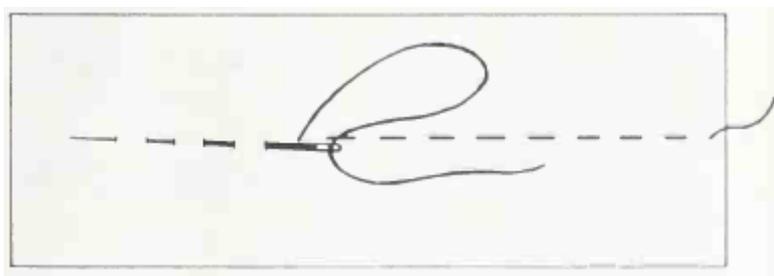
Na alfaiataria contemporânea pode-se esconder ou melhorar alguns aspectos visuais do corpo, através do uso de técnicas de pontos à mão, acolchoamento, entretelagem e o mais

importante, o corte preciso feito a partir da modelagem específica para atender o usuário. (Almond, 2011). Explorando essas habilidades do saber-fazer e das técnicas presentes na confecção das roupas feitas sob medida, é importante compreender e evidenciar as técnicas, os processos, a hierarquia, os materiais e os instrumentos de trabalho utilizados.

2.2.1.2 Técnicas e processos

As máquinas de costura modernas podem ter substituído a necessidade de fazer diversos pontos à mão, porém o uso das técnicas de costura manuais são muito importantes para diversos processos na alfaiataria, como alinhavos, acabamentos, caseados. Pode ser utilizado para fazer a primeira prova de uma peça e até alguns consertos rápidos. Para um melhor aproveitamento da qualidade da costura, é sempre necessário ter uma agulha com a ponta em boas condições, pois se ela estiver com alguma avaria pode gerar danos ao tecido, além de dificultar o bom andamento da costura (Cabrera, 1984). Na figura 31 é ilustrado o ponto de alinhavo:

Figura 31 - Ponto de alinhavo.



Fonte: Cabrera (1984).

O ponto de alinhavo é utilizado para preparar bolsos, golas, mangas, unir tecidos, e prender entretelas (figura 32). Ele auxilia em prender bem o que será costurado definitivamente na máquina, substituindo o uso de alfinetes, que em muitos casos não podem ser usados, como para provar uma roupa por exemplo (Cabrera, 1984).

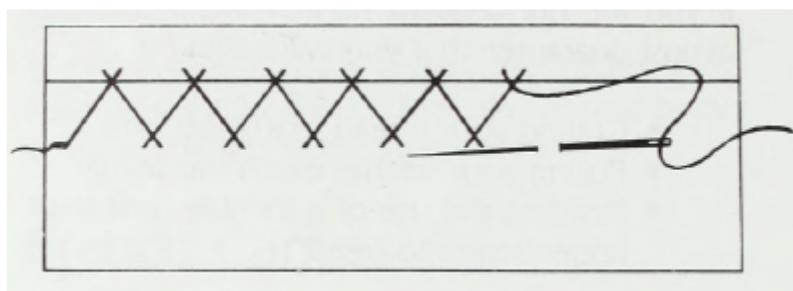
Figura 32 - Alinhavo da entretela.



Fonte: Acervo do autor (2018).

O ponto pé de galinha (figura 33) é utilizado para fazer bainhas invisíveis por permitir movimentos, fazendo com que a bainha não arrebente com o uso da peça.

Figura 33 - Ponto pé de galinha.



Fonte: Cabrera (1984).

Este ponto é importante também para prender os bolsos após a costura da máquina. Como o bolso é um dos primeiros processos na confecção de uma peça, o pé de galinha impede que ele ceda, como o exemplo a seguir na figura 34. Após a vestimenta finalizada, antes de entregar a peça para seu cliente, o alfaiate retira essas costuras para que o bolso possa ser utilizado (Cabrera, 1984).

Figura 34 - Bolso preso com ponto pé de galinha.



Fonte: Acervo do autor (2018).

O ponto espinha de peixe (figura 35) é utilizado para dar forma: a técnica consiste em conformar o tecido no dedo para que ele fique arqueado, e assim iniciar o ponto. Ele faz com que o local onde é aplicado tenha caimento, e é aplicado principalmente em golas e lapelas do paletó (Cabrera, 1984).

Figura 35 - Ponto espinha de peixe.



Fonte: Cabrera (1984).

A figura 36 mostra a aplicação do ponto na preparação de uma gola de paletó, o feltro (tecido amarelo) e a crina (tons de cinza) combinados com o ponto ajudam na maleabilidade que a gola necessita para que fique com um ótimo caimento e conformidade com o pescoço. A figura 37 mostra a gola alinhavada no paletó para a prova no cliente (Deiner, 1920).

Figura 36 - Aplicação do ponto na gola.



Fonte: Acervo do autor (2016).

Figura 37 - Gola alinhavada no paletó.



Fonte: Acervo do autor (2017).

Os pontos apresentados são os primeiros ensinamentos que o aprendiz começa a praticar muitas e muitas vezes, até que ele consiga aplicá-los uniformemente e com agilidade. Assim, ele conquista a confiança do mestre alfaiate e é promovido a meio oficial, que fica responsável por costurar as peças do atelier na máquina de costura. Alguns gostam de máquinas antigas (figura 38), sem motor, que funcionam utilizando os pés, em um movimento para trás e para frente com o pedal.

Figura 38 - Máquina de costura singer.



Fonte: Acervo do autor 2017.

Outros preferem máquina reta industrial, figura 39 (esquerda), pois ela é mais robusta, possui motor, e acaba proporcionando mais agilidade na confecção das peças; há também a máquina overloque como na figura 39 (direita) que faz a parte de acabamento para que o tecido não desfie.

Figura 39 - Máquina de costura reta industrial e overloque.



Fonte: Stylo máquinas(2024) / ipermaq (2024).

Após o cargo de meio oficial, passa-se para o de ajudante (figura 40), que corta os tecidos a partir dos moldes que já foram confeccionados, exige muita técnica, habilidade e conhecimento de interpretação das modelagem, é primordial o uso de uma boa tesoura de tecidos, giz para riscar, quando o tecido tem estampas ou é xadrez, requer mais prática pois as linhas precisam se encontrar na hora de costurar a peça.

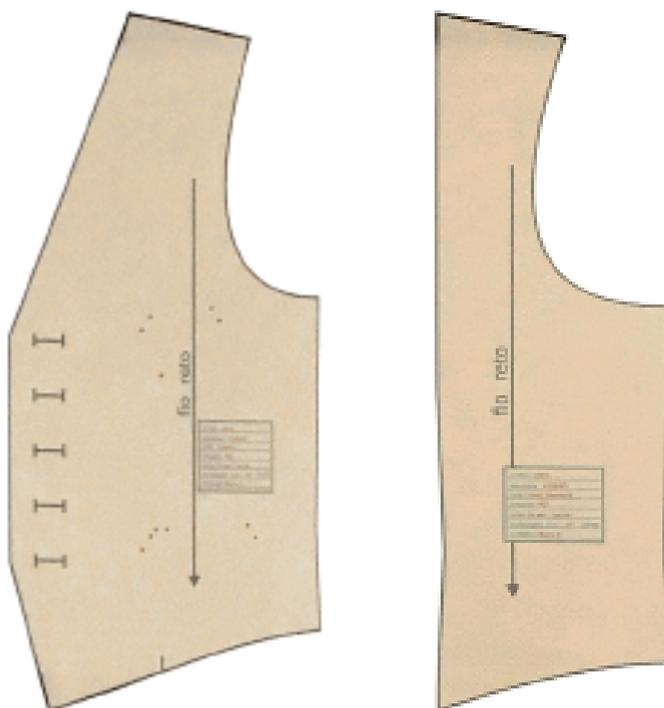
Figura 40 - Riscando e cortando.



Fonte: Acervo do autor (2021).

Quando se torna oficial, significa que você é o braço direito do mestre alfaiate, já passou por todos os cargos da alfaiataria, sabendo preparar, costurar, cortar, riscar e confeccionar os moldes (figura 33) dos clientes, que são feitos após a tomada de medidas. É um conhecimento muito técnico, pois passa-se para o papel ou para o tecido as medidas exatas do cliente.

Figura 41 - Modelagem.



Fonte: Rosa (2008).

A modelagem deve conter muitas informações importantes para que o profissional que for cortar o tecido se atente a elas, como: fio do tecido que indica a posição em que o molde deve ser posicionado, número de vezes que deve ser cortado, nomenclatura do molde, o nome do cliente ou número de referência, indicação de zíper, bainhas e outras informações. O mestre alfaiate detém o conhecimento das técnicas avançadas de alfaiataria que são o acolchoamento e entretelamento com crina, o posicionamento e a preparação das ombreiras, a tomada de medidas do cliente, o olhar das intervenções posturais e as provas para as correções da modelagem das peças (Rosa,2008).

Na alfaiataria artesanal utiliza-se a técnica de entretelamento manual com crina. Nela o alfaiate bota em prática seus conhecimentos. Para dar a estrutura necessária para construção do paletó, a crina é composta por 58% de algodão e 42% de crina de cavalo (figura 34), além

de ser utilizada no corpo frontal do paletó, ela também é usada na construção da gola, e dos bolsos (Cabrera, 1984).

Figura 42 - Crina.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Existem dois tipos de técnicas de entretalento com crina (figura 43). O primeiro é o *half canvas*, que significa literalmente meia tela, ou seja, a entretela de crina vai até a linha da cintura. É usado quando não se quer muita estrutura na peça. Já o *full canvas*, que significa literalmente tela cheia, neste caso a entretela vai em toda a frente do casaco, depende muito do tecido que é utilizado para a confecção, pois o tecido é quem manda na estruturação. Na figura 43, a crina é localizada e ilustrada com na cor cinza (Cabrera, 1984).

Figura 43 - Entretalento *half canvas* e *full canvas*.



Fonte:Pinterest (2023).

Após a escolha do tipo de entretelagem que será utilizado no traje, é feita a preparação do plastron (figura 44), onde abriga uma camada de crina e duas camadas de feltro. O feltro é preso na crina com o ponto espinha de peixe, por ser uma costura maleável, permite o movimento do peito ao abraçar ou se abaixar usando a peça, por exemplo (Cabrera, 1984).

Figura 44 - Plastron.



Fonte: Acervo do autor (2022).

O passo seguinte, com o corte do paletó já feito, é prender a crina em toda a frente do paletó com alinhavos e ponto espinha de peixe na lapela. Neste caso, os pontos precisam ser bem pequenos, pois do lado interno aparece a costura. Já no lado externo a linha costura somente um filamento do tecido, ficando quase imperceptível. Com o movimento dos dedos enrolando a lapela, faz com que ela sempre fique esticada para o peito, deixando-a sempre alinhada (figura 45) (Cabrera, 1984).

Figura 45 - Alinhavo do paletó fúcsia.



Fonte: Acervo do autor (2023).

No preparo das ombreiras e com o olhar do alfaiate, é possível acentuar o corpo, definindo o caimento do ombro. Isso depende muito da postura que o cliente possui, se tem o ombro caído, é colocado mais camadas de enchimento na ombreira, e assim, deixar o ombro com o caimento ideal e alinhado. A ombreira (figura 46) é feita com camadas de feltro, crina e enchimento de manta, costurada com ponto espinha de peixe para ficar arqueada no formato do ombro (Deiner, 1920).

Figura 46 - Alinhavo da ombreira.



Fonte: Acervo do autor (2023).

A tomada de medidas é feita logo no início do atendimento do cliente. Elas definirão a confecção dos moldes e o corte da peça, e as medidas são tomadas com extrema exatidão e experiência, para que não tenha nenhum erro na modelagem que fique inviável de arrumar durante o processo (Heinrich, 2007). A seguir na figura 47, é ilustrada a ficha de medidas da Alfaiataria Modica, nela constam vinte e quatro medidas que são tomadas do cliente.

Figura 47 - Ficha de tomada de medidas Alfaiataria Modica .

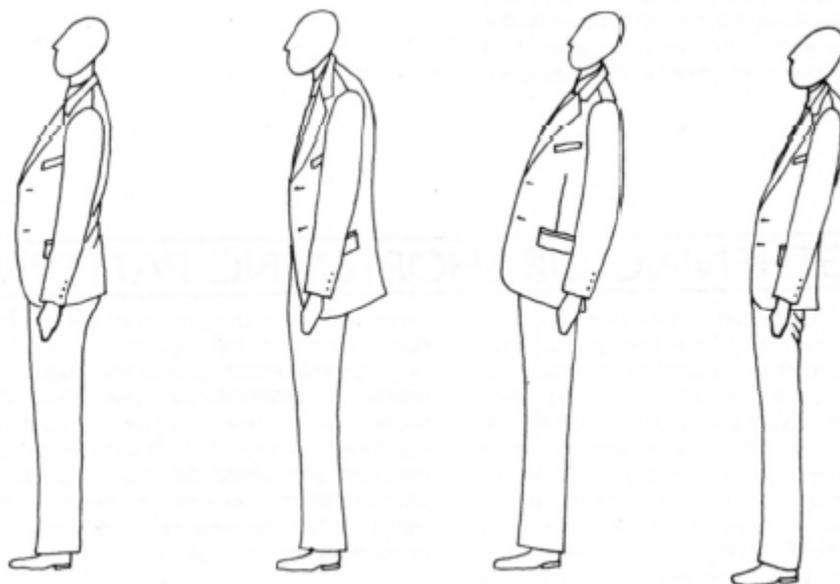
CIRCUNFERÊNCIA DO PEITO _____	COMPRIMENTO DA MANGA _____
CIRCUNFERÊNCIA DE CINTURA _____	COMPRIMENTO DA MANGA DO
COMPRIMENTO DA FRENTE (OMBRO ATÉ A BARRA) _____	CENTRO DO DECOTE DAS COSTAS _____
ALTURA DO PEITO _____	COTOVELO _____
COMPRIMENTO LATERAL (CAVA ATÉ BARRA) _____	PUNHO _____
MEDIDA OMBRO ATÉ A CINTURA _____	CIRCUNFERÊNCIA DO QUADRIL _____
COMPRIMENTO DO OMBRO _____	ALTURA DO QUADRIL _____
OMBRO A OMBRO (PALA, MAIS ABAIXO) _____	ALTURA DO JOELHO _____
LARGURA DAS COSTAS (OSSO AO OSSO) _____	COMPRIMENTO DA CALÇA _____
COMPRIMENTO DAS COSTAS (NUCA ATÉ BARRA) _____	LARGURA COXA _____
ALTURA DA CABEÇA DA MANGA _____	ALTURA DO GANCHO DA CALÇA _____
CIRCUNFERÊNCIA DO BRAÇO _____	JOELHO _____
	TORNOZELO _____

Fonte: Acervo do autor (2023).

Tão importantes quanto as medidas, é o olhar do alfaiate quanto à postura do cliente. Existem diversas intervenções posturais (figura 48) que devem ser ajustadas na hora de

construir uma peça de alfaiataria: podem ser os ombros caídos, postura inclinada para frente ou para trás, quadril avantajado, até mesmo braços ou pernas maiores que a outra. São principalmente estes corpos que procuram o sob medida, pois não encontram roupas que se adequem aos seus corpos (Cabrera, 1984).

Figura 48 - Intervenções posturais .



Fonte: Cabrera (1984).

Mesmo sendo confeccionada uma modelagem com as medidas exatas do cliente, juntamente com as intervenções posturais, as provas de roupas são primordiais para o bom caimento da peça. Geralmente o alfaiate constrói uma peça de prova (figura 49), de tecido como sarja ou algodão cru, para que sejam feitas correções que somente na modelagem tridimensional aparecem, como tirar ou aumentar volumes que a própria peça ao vestir irá pedir. Isso evita que seja desperdiçado o corte no tecido principal, pois dependendo do ajuste, ele só pode ser feito com o corte de uma peça nova (Deiner, 1920).

Figura 49 - Primeira prova do cliente .



Fonte: Acervo do autor.

Neste exemplo da figura 49, o cliente possui as costas largas, porém com uma curvatura bem acentuada na coluna. Nesta prova foi possível retirar o excesso de tecido, que fez com que a cava também precisasse de ajuste, consertando a modelagem e o caimento da peça. Este é um caso que se fosse feito o corte no tecido principal, não teria como consertar, e teria que refazer o corte do paletó, gerando custos indesejáveis. Após a última prova e os devidos ajustes feitos, o traje é finalizado, passado e entregue para o cliente.

2.2.2 Alfaiataria industrial

A democratização da moda ocorreu no século XIX com a revolução industrial, na qual a introdução das roupas prontas para vestir (*ready to wear*) contribuiu para a massificação da indústria do vestuário. Com isso, a alfaiataria sofreu muitas adaptações: as roupas produzidas em série fizeram com que diminuíssem o custo e se tornaram opções mais baratas para o consumo, também diminuindo a qualidade da matéria prima utilizada. A confecção industrial

dos trajes fez com que alguns processos fossem deixados de lado, as principais diferenças entre elas é a introdução do uso de entretela com cola, chamada de *fully fused*, que significa literalmente totalmente fundida (figura 50), ao invés da crina para a estruturação. (Cabrera, 1984).

Figura 50 - Entretela colante



Fonte: Pinterest (2023).

Neste caso a entretela (cor acinzentada) é colada com o ferro de passar, pois ela necessita de bastante calor e pressão para ser fusionada com maestria. Assim, é possível evitar o aparecimento de bolhas e o descolamento da mesma quando a peça for lavada (Cabrera, 1984).

Outra diferença são as padronagens de tamanhos que surgiram com as criações das tabelas de medidas, extinguindo as provas feitas nos clientes sob medida. É preciso compreender a criação destas tabelas e suas diferenças.

2.2.2.1 A industrialização das medidas

A partir de estudos antropométricos feitos em diferentes tipos de corpos, foi criada uma tabela de medidas com o intuito de padronizar os tamanhos de vestuário para a indústria. A norma ABNT NBR 16060:12, que foi criada para a vestibilidade para homens com corpo tipo normal, atlético e especial. Junto com o desenvolvimento dessa tabela de medidas, os

moldes são feitos para que abrigasse o maior número de corpos, contendo as principais medidas de circunferências e alturas, assim diferenciando da alfaiataria artesanal que usa a medida dos clientes como base para a confecção dos trajes (ABNT, 2012).

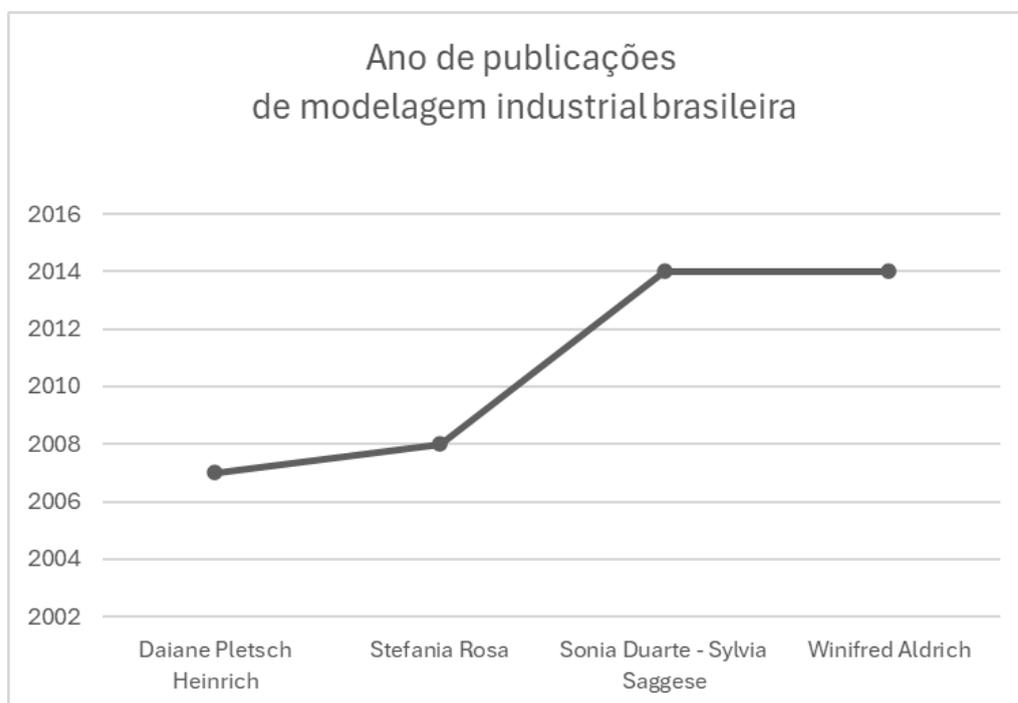
O principal objetivo desta e de outras normas desta série é o estabelecimento de um sistema de designação de tamanho que indique (de maneira simples, direta e significativa) o tamanho do corpo masculino em que uma peça de vestuário deve servir exatamente. Desde que a forma do corpo (conforme indicado pelas dimensões apropriadas) tenha sido determinada com exatidão, este sistema facilitará a escolha de roupas que se adaptem exatamente ao usuário. (ABNT NBR 16060:12, pág. 6)

Segundo a norma, o sistema de tamanhos se baseia nas medidas do corpo, não nas da roupa. Ou seja, a escolha das medidas da roupa geralmente fica a cargo do estilista, modelista e fabricante, que se preocupam com o estilo, corte e outros elementos da moda. Eles também devem levar em consideração as roupas que normalmente são vestidas sob uma roupa externa específica. Isso faz com que cada loja de roupas, cada marca, tenha o livre arbítrio de escolher as medidas, o que se percebe quando, por exemplo, se compra o tamanho M na marca X e em outra marca precisa comprar o tamanho Y, o que deveria ser uma facilidade na hora da compra na verdade confunde o usuário sobre o seu verdadeiro tamanho de roupa, sem esta padronização.

Em 2019 foi criado o comitê técnico da ABNT responsável pela elaboração da norma ABNT NBR 16933:2021 que abrange a vestibilidade para mulheres, biótipos retângulo e colher, retirando o mito de que a mulher brasileira em sua maioria teria o corpo ampolheta. Em 2020 foi realizado um estudo antropométrico com 6.840 mulheres em todo o território nacional para escanear seus corpos para análise das medidas e elaboração das tabelas, o estudo foi publicado em novembro de 2021 (ABNT, 2021).

Existem muitos livros de técnicas de modelagem do vestuário disponíveis no mercado brasileiro. O gráfico 1 mostra o ano de publicação dos exemplares, na busca por compreender como essas bibliografias tratam as tabelas de medidas, vamos analisar e comparar as metodologias de: Daiane Pletsch Heinrich, Stefania Rosa, Sonia Duarte e Winifred Aldrich. O critério utilizado para analisar estes autores é pelo fato de serem as metodologias mais utilizadas dentro das graduações e cursos de costura.

Gráfico 4 - Publicações de livros de modelagem industrial brasileira



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

É importante destacar a grade de tamanhos que cada autor apresenta em suas metodologias. Duarte e Saggese (2014) propõem uma tabela que vai do tamanho 36 ao 48 no feminino e do tamanho 1 ao 4 masculino, sendo o tamanho 2 o mesmo que o 40. Já Heinrich (2007) contempla o tamanho 38 ao 46 no feminino e 36 ao 46 masculino. Aldrich (2014) propõe somente tabela feminina do 36 ao 56. Rosa (2008) contempla somente tabela masculina que vai do 40 ao 60.

De acordo com essas grades, foi definido que a comparação entre tabelas será feita a partir do tamanho 40 (tabelas 1 comparação das medidas femininas e 2 comparação das medidas masculinas), que é utilizada como base nas confecções para a criação dos moldes das peças antes de graduar para os outros tamanhos das grades que as marcas trabalham.

Tabela 1 - Comparação das medidas femininas do tamanho 40 entre as metodologias.

Medida do corpo em centímetros (cm)	Duarte e Saggese (2014)	Heinrich 2007)	Aldrich (2014)
Perímetro do tórax (busto)	88	90	84
Circunferência da cintura	68	70	68
Circunferência do quadril	96	94	92
Comprimento frente do corpo	45	44,5	40,6
Comprimento lateral	21,5	20,5	-
Comprimento do ombro	12,7	12,3	12
Comprimento ombro - cintura	-	38	-
Largura costas	44,5	42,4	43,4
Altura do gancho	26	24	27,3
Comprimento calça	102	101	103
Altura do quadril	-	18	20,3

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 2 - Comparação das medidas masculinas do tamanho 40 entre as metodologias.

Medida do corpo em centímetros (cm)	Duarte e Saggese (2014)	Heinrich 2007)	Rosa (2008)
Perímetro do tórax (busto)	104	96	84
Circunferência da cintura	96	80	80
Circunferência do quadril	102	96	88
Punho	-	23	22
Ombro	16,5	-	14,8

Largura costas	51	-	42
Altura do gancho	25,5	24,2	23,5
Comprimento da calça	103	109	107,5

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Após análise das tabelas podemos observar que nenhuma medida se repete, divergindo uma das outras, isso faz com que o consumidor quando compra suas roupas, não saiba realmente qual o seu tamanho, pois cada marca utiliza uma metodologia diferente ou até mesmo cria as medidas que são usadas para cada tamanho.

A confecção industrial dos trajes elimina o uso da entretela de crina, utilizando a colante, o trabalho manual como pontos de costura, provas para ajustes e intervenções posturais. Ele passa por um processo de construção semiautomática onde em uma fábrica cada costureiro faz o mesmo procedimento de costura, em uma linha de montagem.

É preciso analisar o ensino de moda na região metropolitana de Porto Alegre, para verificar se as graduações ou cursos livres da área trabalham com os alunos técnicas industriais, artesanais ou ambas.

3 O ENSINO DO DESIGN DE MODA E CURSOS LIVRES NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE

A fim de compreender se no âmbito acadêmico estão sendo passados os conhecimentos para a preservação do ofício da alfaiataria artesanal de forma efetiva, foram analisadas as matrizes curriculares dos cursos livres, técnicos e de graduação em atividade na região metropolitana de Porto Alegre. Foi utilizada a plataforma do Emec para a pesquisar as universidades, e os cursos foram pesquisados no google com a palavra chave alfaiataria. Foram encontrados quatro cursos de graduação em design de moda, um curso livre e um curso técnico.

3.1 Faculdade Senac Porto Alegre

O enunciado do curso apresenta que prepara o aluno para trabalhar como Designer de Moda, desenvolvendo produtos e criando coleções de moda. Com foco em modelagem, criação e desenvolvimento de projetos, ao longo do curso são confeccionados protótipos e modelos. Por ser uma formação que prioriza as atividades práticas, proporciona a capacidade de analisar a viabilidade técnica dos produtos e fazer escolhas assertivas em consonância com a realidade do mercado e das empresas (SENAC, 2024). O curso possui 1680 horas de duração e sua matriz curricular está presente na tabela 3.

Tabela 3 - Matriz curricular Tecnólogo em Design de moda Senac RS

Semes-tre	Disciplina	Carga Horária	Semes-tre	Disciplina	Carga Horária
1º	História da Moda - (On-line)	60	3º	Criação de Produtos de Moda	60
1º	Modelagem I	60	3º	Cultura, Identidade e Comportamento	60
1º	Desenho de Moda I	60	3º	Confeção III	60
1º	Marketing Pessoal e Comunicação Empresarial EAD	60	4º	Ética, Cidadania e Sustentabilidade (EAD)	60
1º	Confeção I	60	4º	Modelagem IV	60
2º	Modelagem II	60	4º	Projeto Integrador I -	60

				Produção de Moda	
2°	Desenho de Moda II	60	4°	Desenho Técnica Digital de Moda	60
2°	Confecção II	60	4°	Coleção de Moda	60
2°	Design: Teoria e História (On-line)	60	4°	Pesquisa de Consumo e Mercado	60
2°	Estudo de Materiais Têxteis	60	5°	Empreendedorismo (EAD)	60
3°	Modelagem III	60	5°	Projeto Integrador II - Modelagem Digital	60
3°	Pesquisa de Tendências de Moda	60	5°	Prática Profissional Aplicada em Projeto de Moda	60

Fonte : Senacrs (2024)

Analisando a matriz curricular e em contato telefônico com a coordenadora do curso, foi informado que em nenhuma disciplina a alfaiataria artesanal é abordada.

3.2 Unisinos

O enunciado do bacharelado em moda da Unisinos apresenta que o aluno aprende disciplinas da área desde o primeiro semestre. Ao lado de professores e profissionais, exercita o sistema de desenvolvimento de projetos. Isso quer dizer que o aluno passa por todas as etapas de concepção de produto: entendimento das tendências de comportamento e produto de moda, processos criativos e práticos e comunicação no mercado. O curso fica em Porto Alegre e sua matriz curricular está presente na tabela 4.

Tabela 4 - Matriz Curricular Design de moda Unisinos

Semes- tre	Disciplina	Carga Horária	Semes- tre	Disciplina	Carga Horária
1°	Linguagem e Técnicas Fotográficas	80	4°	Pesquisa de Tendências de Moda	80
1°	Introdução à Moda	40	4°	Oficina de Desenho de Moda III	80
1°	Laboratório de Modelagem de Vestuário I	80	4°	História da Moda II	80
1°	Ateliê de Moda I	80	5°	Seminário I - Negócios de Moda	80
1°	Oficina de Criatividade para a Moda	80	5°	Tecnologia Têxtil para a Moda	80
1°	Metodologia Projetual para a Moda	40	5°	Metodologia para Pesquisa Científica em Moda	40
2°	Oficina de Desenho de Moda I	40	5°	Marketing para a Moda	40
2°	Ateliê de Moda II	80	5°	Ateliê de Moda IV	80
2°	Laboratório de Modelagem de Vestuário II	80	6°	Semiótica	40
2°	Pesquisa Iconográfica e Estudo da Cor Aplicados à Moda	80	6°	Laboratórios de Modelagem IV	80
2°	Planejamento e Controle da Produção de Produtos de Moda	40	6°	Desenvolvimento de Coleção de Moda	80
2°	Experimentações Criativas e Integradoras na Moda	80	7°	Projeto Aplicado I	80
3°	Comportamento e Consumo	80	7°	Estágio Obrigatório	240
3°	Marketing para a Indústria Criativa	80	7°	Produtos para Comunicação de Moda	40
3°	Oficina de Desenho de Moda II	80	7°	Seminário II - Produção de Moda	40

3º	História da Moda I	80	8º	Livre Escolha	80
3º	Ateliê de Moda III	80	8º	Ateliê de Apoio ao Projeto Aplicado II	80
4º	Desenvolvimento Pessoal e Profissional	40	8º	Projeto Aplicado II	80
4º	Laboratório de Modelagem de Vestuário III	80			

Fonte : Unisinos (2024)

Analisando a ementa de cada disciplina disponível no site da instituição, e em contato com a coordenadora do curso, nenhuma disciplina aborda o tema de alfaiataria artesanal. As disciplinas de ateliê de moda abordam a construção de vestuário com técnicas industriais.

3.3 Feevale

O enunciado do curso de graduação em moda da Feevale propõe uma experiência única no ensino de moda, alinhando pesquisa, oportunidades mercadológicas e práticas, transformando ideias e conceitos em sonhos realizados - tanto no vestir corpos, como no usufruir experiências em serviços do sistema moda de forma inovadora e tecnológica - com a expertise do ensino do primeiro bacharelado em moda do Rio Grande do Sul. O Curso forma pessoas empáticas, criativas e com senso crítico, primando pelo respeito e pela diversidade. O curso possui 3095 horas de duração, fica em Novo Hamburgo (Feevale, 2024). Sua matriz curricular está presente na tabela 5, estão presentes as disciplinas optativas do curso na tabela 6.

Tabela 5 - Matriz curricular Bacharelado em Design de Moda da Feevale

Semes-tre	Disciplina	Carga Horária	Semes-tre	Disciplina	Carga Horária
1º	História da Moda I	80	4º	História da moda Brasileira	80
1º	Introdução a Moda	80	4º	Moda, Cultura e Diversidade	40
1º	Ergonomia para Moda	40	5º	Atelier: Jóias e Acessórios	80
1º	Moulage	40	5º	Criação de Imagem de	40

				Moda	
1°	Processos Criativos	80	5°	Personal Stylist	40
1°	Linguagem Visual	80	5°	Traje de Cena	80
2°	História da Moda II	80	5°	Manipulação Têxtil	40
2°	Têxteis para Vestuário	80	5°	Projeto Inclusivo	80
2°	Introdução a Modelagem e Costura	80	6°	Cenários do Brasil Contemporâneo	120
2°	Práticas de fotografia de produto	40	6°	Modelo de Negócios para a Indústria Criativa	80
2°	Técnica Fotográfica	40	6°	Metodologia Projetual para Moda	80
2°	Ferramentas de edição Digital	80	6°	Gestão do Design	80
3°	Sustentabilidade para Moda	80	6°	Gestão do Processo Produtivo do Vestuário	40
3°	Modelagem e Costura I	80	7°	Antropologia - Indústria Criativa	80
3°	Pesquisa para Moda	80	7°	Trabalho de Conclusão de Curso	80
3°	Croqui	80	7°	Estágio Obrigatório	175
3°	Desenho Técnico para Moda	80	7°	Branding	80
4°	Moda, Inovação e Tecnologia	40	8°	Projeto de Coleção	160
4°	Modelagem e costura II - Computadorizada	80	8°	Projetos para Eventos de Moda	40

Fonte : Feevale (2024).

Tabela 6 - Disciplinas optativas Feevale

Disciplina	Carga Horária	Disciplina	Carga Horária
Design de Superfície	80	Biomimética	80

Modelagem e Costura Avançado	80	Comportamento de Consumo	80
Oficina: Bolsas e Calçados	80	Croqui Avançado	80
Cultura Surda e Libras	80	Temas Transversais: Consciência Global	80
Princípios Básicos de Língua Portuguesa	80	Prática Social em Educação Ambiental	80
Prática Social em Direitos Humanos	80	Prática Social em Diversidade Cultural e Relações Étnico Raciais	80
Ferramentas de Áudio e Vídeo	80	Ética e Cidadania	80
Inteligência Competitiva e Pesquisa de Mercado	80	Letramento Digital	80

Fonte : Feevale (2024).

Analisando a matriz curricular e em contato via *whatsapp* com o coordenador do curso, foi informado que na disciplina de modelagem é historicamente abordada a profissão de alfaiate, e é ensinado modelagem industrial de alfaiataria. Já as técnicas de alfaiataria artesanal para a construção de peças não são abordadas.

3.4 Uniritter

O enunciado do curso tecnólogo da Uniritter em design de moda mostra que foi desenvolvido com a intenção de formar um profissional com conhecimento para criar e desenvolver produtos de moda conceituais, autorais, funcionais e de mercado, voltado à formação artística e histórica que influenciam a moda e sociedade. A compreensão da importância e do impacto de seu trabalho com valores ergonômicos, tecnológicos e estéticos aplicando métodos de projeto. Além disso, a habilidade de gestão em negócios e comunicação, para coordenar ou atuar em equipe de trabalhos interdisciplinares na elaboração de pesquisas de tendências e de mercado e no desenvolvimento de projetos de moda (Uniritter, 2022). O curso possui 1670 horas de duração, fica em Porto Alegre, sua matriz curricular está presente na tabela 7.

Tabela 7 - Matriz curricular Tecnólogo em Design de Moda da Uniritter

Semes- tre	Disciplina	Carga Horária	Semes- tre	Disciplina	Carga Horária
1°	Metodologia de Projeto	160	3°	Ateliê de Produtos de Moda	160
1°	Expressão Visual	160	3°	Gestão de Moda	160
1°	Vida & Carreira	60	4°	Planejamento de Coleção	160
2°	Têxteis e Superfície	160	4°	Core Curriculum	160
2°	Estudos Críticos: História, Arte e Cultura	160			

Fonte : Uniritter (2022)

Analisando a ementa de cada disciplina disponível no site da instituição, nenhuma aborda o tema de alfaiataria artesanal, nas disciplinas de ateliê de moda são abordadas construção de vestuário com técnicas industriais.

3.5 Senac Canoas

Através de uma carga horária de 120 horas, no curso livre Alfaiataria sem Gênero - Técnica e Interpretação de Modelo, o aluno desenvolve técnicas para a construção de conhecimentos relativos ao estudo da morfologia corpórea humana para a criação de modelagens. Posteriormente produz peças de vestuário sem gênero em alfaiataria, seguindo os princípios ingleses, além do desenvolvimento de peças exclusivas, através de análises estéticas da alfaiataria tradicional inglesa e a alfaiataria contemporânea, a organização curricular é apresentada a seguir (SENACRS, 2024) :

Organização curricular:

UC1: Desenvolver estudo histórico dos elementos da alfaiataria antiga até o período atual.

-Identifica elementos e características da alfaiataria;

-Aplica técnicas criativas para criação de moda;

UC2: Desenvolver conhecimentos sobre as técnicas de alfaiataria.

- Identifica características do corpo neutro;
- Aplica técnicas manuais de construção de alfaiataria;
- Aplica técnicas de corte no tecido levando em consideração as características da matéria prima;
- Aplica técnicas de encaixe da modelagem, levando em consideração as informações dos moldes.

UC3: Desenvolver uma peça de alfaiataria sem gênero

- Aplica técnicas de modelagem bidimensional para o corpo neutro, considerando dados antropométricos;
- Monta peças-base neutras utilizando técnicas manuais e insumos de acordo com a modelagem;
- Ajustar bases de modelagem neutra, de acordo com a vestibilidade da peça piloto.

3.6 Senac Canoas e Senac Novo Hamburgo

O enunciado do curso técnico em modelagem de vestuário apresenta que é feito para o profissional do eixo produção cultural, design e ao segmento de moda, que atua no ramo de indústrias de confecção do vestuário, assessoria em modelagem, empresas de desenvolvimento de produtos e projetos, lojas e estúdios, ateliês de costura e figurino, consultoria em produção para tv, teatro, cinema e desfiles. Profissional autônomo, desenvolve a modelagem aplicando técnicas bi e tridimensionais para viabilizar a confecção de produtos do vestuário e elabora diagramas com a orientação da tabela de medidas. Além disso, atua na transformação de bases de modelagem em modelos específicos, a partir do desenho técnico do produto e na preparação da modelagem para o setor de corte, com as devidas sinalizações para montagem da peça-piloto e produção em série. avalia a viabilidade técnica do produto criando e adaptando os modelos com ficha técnica, atendendo às necessidades dos diversos públicos, sendo responsável, criativo e comprometido nas atividades da natureza do trabalho. a ocupação está situada produção cultural e design, cuja natureza é “criar”, e pertence ao segmento de design (SENACRS, 2024).

A seguir estão apresentadas na tabela 8 as competências que compõem o perfil do técnico em modelagem do vestuário possuindo 800 horas de duração:

Tabela 8 - Competências do curso técnico em modelagem de vestuário Senac RS

Competência	Descrição
Competência 1	Aplicar Materiais Têxteis no Processo de Produção do Vestuário
Competência 2	Criar vestuário aplicando os princípios de desenvolvimento sustentável
Competência 3	Elaborar Modelagem Plana
Competência 4	Criar Modelagem e Ficha Técnica do Vestuário
Competência 5	Desenvolver a modelagem computadorizada
Competência 6	Elaborar Moulage
Competência 7	Modelar e montar peças em alfaiataria
Competência 8	Confeccionar peças de vestuário
Competência 9	Gerir a produção e comercialização do vestuário

Fonte : Senacrs (2024)

A competência 7 contempla estudos de alfaiataria, para analisar o conteúdo da disciplina foi introduzida a ementa da competência:

- Organizar o ambiente de trabalho selecionando materiais, instrumentos e equipamentos de acordo com os procedimentos a serem executados e a preservação da saúde do profissional.
- Coleta e registra as medidas do corpo do cliente, conforme procedimentos de medição.
- Especificar e detalhar os moldes em relação ao modelo, corte, tamanho, parte do molde e direção dos fios.
- Desenvolver modelagem de alfaiataria a partir da descrição do modelo e seus componentes, conforme especificação de ficha técnica.
- Realiza corte das peças em tecidos planos, com base nos moldes declarados no tecido, utilizando técnicas de procedimento manual ou à máquina.

- Prova, analisa e ajusta modelos, visualizando-as sobre o manequim de moulage para correção da modelagem.
- Seleciona os aviamentos de acordo com o modelo da peça, tipo e cor do tecido.
- Finaliza peças do vestuário, utilizando técnicas de acabamento em alfaiataria, visando um produto diferenciado.
- Realiza a limpeza da peça, eliminando as sobras, executando os arremates e utilizando as ferramentas adequadas a cada processo.

Após análise das matrizes curriculares e em contato com os coordenadores dos cursos pode-se concluir que nenhum dos cursos de graduação possuem disciplinas de alfaiataria artesanal e/ou é historicamente abordada, não suas técnicas. A alfaiataria artesanal só é apresentada no curso técnico em modelagem e no curso de alfaiataria sem gênero, onde são trabalhados acabamentos e técnicas de montagem artesanal das peças. É importante analisar, através das entrevistas com os alfaiates, como eles aprenderam o ofício, para que se possa compreender mais sobre o ensino da alfaiataria.

4 NARRATIVAS DAS ALFAIATARIAS DE PORTO ALEGRE

A presença de alfaiatarias em Porto Alegre é discreta. As que ficam nos bairros são mais visíveis aos olhares dos que passam pela rua. Mais comuns em casas ou lojas comerciais térreas, são frequentadas por clientes que já são fiéis ou que vieram por indicação. Já os que são localizados no centro da cidade, chamados alfaiates verticais, são os que têm seus ateliês em prédios comerciais, em salas alugadas ou adquiridas no auge de suas carreiras. Para o leitor desta pesquisa sentir-se mais familiarizado com estes locais, foi construída uma narrativa de conversas informais, histórias e curiosidades sobre suas alfaiatarias.

Os produtos locais são manifestações culturais fortemente relacionadas com o território e a comunidade que os gerou. Esses produtos são os resultados de uma rede, tecida ao longo do tempo, que envolve recursos da biodiversidade, modos tradicionais de produção, costumes e também hábitos de consumo (Krucken, 2009 p.17).

Complementando com a fala de Krucken (2009), estes produtos e serviços possuem uma alma, uma identidade única, uma dimensão global, a arte do saber fazer e poder proporcionar para os clientes a tradução do que eles realmente gostariam de vestir, de melhorar seu visual e se sentirem bem consigo mesmos.

Em primeiro contato com o alfaiate JK, falando sobre o tema de dissertação desenvolvido neste trabalho, e perguntando sobre a sua disponibilidade em ser entrevistado, ficou muito entusiasmado sobre as questões que foram levantadas, pois a alfaiataria e a moda são suas grandes paixões. O pesquisador teve o primeiro contato com a alfaiataria artesanal graças a ele em 2015, pois foi aprendiz dele durante cerca de um ano, onde aprendeu os primeiros passos para se tornar um alfaiate.

Antes de seguir para a alfaiataria, ele se aventurou como estilista e fez faculdade de moda na serra gaúcha. A formação superior é um diferencial na hora de criar, pois utiliza muito do design, utilizando linhas não tradicionais, como bolsos e recortes diferenciados. Possui uma marca que ele denomina de “*sportcostura*”, pois ele mistura a alfaiataria e o design de moda na criação de suas peças, desenhando vestuários únicos com inspiração no esporte, principalmente o futebol.

Seu atelier foi construído nos fundos da casa de sua família no Bairro Bela vista, onde residem o seu pai e sua mãe, um espaço amplo que foi idealizado por ele próprio - desde o

banco de madeira em frente a porta de entrada, onde recebe os clientes para uma conversa informal e um café antes de iniciar o atendimento. Logo ao entrar na alfaiataria, um manequim expõe o trabalho artesanal em um paletó cinza mostrando seus alinhavos e acabamentos manuais: o cliente percebe ali o capricho e a técnica que são dedicados a cada peça confeccionada por ele.

Uma prateleira antiga de madeira, expõem os tecidos disponíveis para a confecção das roupas e também os catálogos de tecidos caso o cliente não encontre o que gostaria. Assim como muitos botões diferentes dentro de uma caixa expositora, nas araras as roupas prontas dos clientes ou as que estão às suas esperas para as provas de vestibilidade.

Ele conta que havia chegado no dia anterior de uma viagem para Europa, onde foi aprimorar seus conhecimentos e técnicas. Contou, entusiasmado, que está com muita vontade de colocar em prática tudo que aprendeu nas aulas em suas novas encomendas. Também disse que é incrível o como cada alfaiate tem os seus macetes e interpretações diferentes de técnicas, para que o caimento da peça fique excepcional.

Com a indicação de JK, o pesquisador entrou em contato com ASM para verificar sua disponibilidade em ser entrevistado. Marcada data e passando-se alguns dias, direcionou-se à alfaiataria dele, que fica no Bairro Moinhos de Vento, dito como bairro dos criativos, pois há muitos ateliês de roupas de festa sob medida próximos ao local. Pessoalmente, o pesquisador conheceu ASM em 2018: recém chegado de Manaus, capital do Estado do Amazonas, veio em busca de aprendizado na alfaiataria, pois sempre teve muita paixão por vestir-se bem e por vestimentas de época, e tinha muita curiosidade em saber como eram feitas essas peças.

Com um espaço amplo e sofisticado, a decoração da alfaiataria remete ao século passado, com um sofá de couro com detalhe capitonê logo na entrada, no qual conversa com os clientes servindo um café ou alguma bebida de sua preferência, além de ofertar alguns charutos e boa música. Em uma das paredes estão expostas algumas opções de colarinho para camisa em diferentes formatos e estilos. No primeiro andar ficam os atendimentos, onde estão os catálogos de tecidos, forros e opções de botões para a escolha dos clientes. No segundo andar encontra-se a confecção, onde ASM e seus funcionários dão vida às encomendas dos seus clientes.

Ao entrar em contato com EC, o pesquisador falou diretamente com sua esposa, pois estava “na rua” provando um paletó no escritório de um cliente, logo quando chegou em casa ele retornou a ligação marcando o dia para a visita. Chegando em seu atelier, que fica no bairro Menino Deus (Zona Sul de Porto Alegre), o pesquisador deparou-se com a casa da frente do terreno destelhada. EC, com um sorriso no rosto, disse que um dia ali seria a sua

escola de alfaiataria: era sua antiga casa, que não suportou os fortes ventos de uma chuva, e que então estava morando e trabalhando em uma casa anexa nos fundos do terreno.

Com um modesto atelier 3x4 como descreveu, confecciona belos trajes com “ a mais pura alfaiataria tradicional”, como ele fala. Sua máquina de costura é a mesma de quando começou no ramo há 71 anos: uma máquina de pedal na qual ele não utiliza motor, e sim a força de suas pernas, que brinca dizendo que é o segredo para se locomover com facilidade, apesar da idade. Além de ter seus próprios clientes, EC também é oficial em outras alfaiatarias da cidade, conta que a mão de obra está cada vez mais difícil de ser encontrada . Ele sempre tem serviço de sobra e ainda afirma que se tivesse aprendizes trabalhando com ele, poderia aceitar ainda mais pedidos, por conta da alta demanda e pela fama de seu trabalho especializado.

Entrando em contato com IL, demonstrou muita satisfação em fazer parte da pesquisa, pois o mesmo foi um grande mestre durante a trajetória profissional do pesquisador. Algumas técnicas de acabamento e de costura, que ele já vinha colocando em prática, foram muito aprimoradas observando o trabalho de IL durante 8 meses no seu local de trabalho. Chegando o dia da entrevista o alfaiate, um pouco tímido, pediu para esperar um pouco: estava alinhavando a manga de um paletó e não poderia parar no momento. O mestre sempre foi bastante metódico.

A alfaiataria fica em anexo a uma lavanderia a seco no Centro da cidade de Porto Alegre, que é especializada em higienização de trajes e camisas. Ali, o pesquisador aprendeu a importância da lavagem correta desse tipo de vestuário, bem como os detalhes de como tirar manchas específicas. Com uma decoração rústica e móveis antigos de madeira robusta, dá a impressão de uma volta no tempo, que combina perfeitamente com as técnicas artesanais que IL emprega na confecção dos trajes que nascem ali.

Após a entrevista, o pesquisador pode acompanhar o atendimento a um cliente. Advogado, que disse que já é cliente há muito tempo, “gosto muito do trabalho dele, o corte fica perfeito no meu corpo, todos do meu escritório elogiam” disse o cliente. O alfaiate tirou cuidadosamente as medidas e foi comparando com as que já existiam na ficha do cliente, para ver se continuavam as mesmas. Logo em seguida, ele apresentou os catálogos de tecido e forros, ele escolheu uma lã fria italiana, 120’s fios, na cor azul marinho e para o forro um tom de vermelho, disse que queria uma lapela *peaked*. “Bem pontuda!”, ele indagou. Após, fez o pagamento, agradeceu e foi embora. “Como é importante e bonita a relação entre o alfaiate e o cliente” disse IL e completa: “ temos que estar muito bem alinhados quanto às escolhas e gostos para que tenhamos exatamente o resultado que o cliente espera”.

Nascido na Argentina, o alfaiate LRA gostou muito do convite para ser entrevistado. Quando o pesquisador entrou em contato, ele relatou que seria bem difícil encontrar uma data e horário, pois estava sempre muito atarefado. Além de fazer peças sob medida, ele faz muitos consertos de vestuários em tecido e couro, mas disse que sempre sobra tempo para um “*cafecito*”, brincou ele.

O atelier dele fica em uma casa antiga no bairro Moinhos de Vento, onde ele conta com o auxílio do seu filho na confecção e ajustes de peças. O espaço é dividido em três cômodos abertos, onde fica na entrada a sala de atendimento e de provas, no seguinte ficam as máquinas de costura e as araras - cheias de peças de clientes penduradas até o teto. Seguindo para o terceiro cômodo, encontram-se, segundo o alfaiate, uma das principais ferramentas dentro de uma confecção: os ferros de passar e mesas de passar, ele explica que o uso correto do ferro é primordial para o bom acabamento das peças, pois ele deixa a costura bonita.

A alfaiataria de SG fica no prédio comercial de uma das galerias mais famosas de Porto Alegre, a galeria do Rosário, na área central da cidade, com a sala bem em frente ao elevador. Ele estava na máquina de costura, fazendo um conserto em uma calça preta que um cliente iria usar para uma formatura no fim de semana quando o pesquisador chegou ao local. Ao adentrar em sua sala ampla, com muitas araras lotadas de trajes para aluguel, é possível perceber a paixão pela arte da alfaiataria. São muitos anos trabalhando naquele local, e o entrevistado conta com orgulho que aos poucos, após o período de pandemia, os eventos e alugueis de trajes estão voltando ao normal.

O que mais chamou atenção foi o fato de ele usar a tesoura que o pai dele usava para cortar os tecidos, pois é herdeiro de profissão. É uma daquelas tesouras grandes e com metal brilhante, com a qual tem muito cuidado e carinho na conservação do bem, que fica exposto logo no balcão de atendimento na entrada do local.

A indicação de SG foi justamente seu irmão gêmeo LJG, que trabalha na sala ao lado no mesmo prédio. Conta, com muito orgulho e com um sorriso no rosto, que tem muito amor pela profissão e que se auto-intitula um artista da costura, que o que faz são obras de arte. Ao entrar na alfaiataria ele estava alinhavando a crina na parte frontal de um paletó, logo foi possível ver que as palavras dele eram demonstradas com o trabalho que estava fazendo. Disse que estava com bastante serviço, e perguntou se o pesquisador se importaria de entrevistá-lo enquanto ele trabalhava. O pesquisador respondeu que seria uma honra vê-lo trabalhar e contar sua história.

A alfaiataria conta com duas salas: a da entrada com um sofá, um balcão que serve como mesa de corte e um manequim antigo, que é o mesmo que o seu pai usava décadas

atrás. Na outra sala fica sua máquina, herdada de seu pai, na qual tem o privilégio de costurar seus trajes. Conta que é com muito carinho que utiliza ela, que com certeza é a estrela do atelier.

O atelier de M fica alguns andares acima da sala de LGJ. Ao bater na porta, o pesquisador verificou que ele estava tirando um cochilo após o almoço. O entrevistado disse que, caso não durma um pouco, o trabalho da tarde não “rende”. A alfaiataria fica em uma sala que tem uma bela vista para o Lago Guaíba e o Mercado Público de Porto Alegre. Conta que a decoração é a mesma de quando veio para o prédio: disse que sua sala é simples, mas o trabalho é de primeira linha. A sala tem uma poltrona antiga para que o cliente possa se sentar para escolher os tecidos, duas araras, uma com os trajes que estão em processo de confecção e a outra com as que estão prontas para retirada.

Em frente a poltrona fica um balcão, utilizado também como mesa de corte. Logo atrás fica a sua máquina de costura, que é a mesma de quando ele começou há 50 anos atrás, sem motor, tendo que utilizar o pedal. Ele brinca: “fico pedalando o dia inteiro nela, não à troco por nada”,

A alfaiataria do JOP fica no mesmo local onde mora, no 4º distrito de Porto Alegre. Logo na entrada, de frente para a porta está a maior preciosidade dele: sua máquina de costura de pedal. Diz que nunca se acostumou a costurar com uma máquina com motor, e conta que tem muita dificuldade em encontrar peças, como por exemplo a lâmpada, que está queimada e foi substituída por um abajur.

No balcão alto que fica ao lado da máquina de costura, estão suas tesouras, dedal, e alguns materiais de costura. Na prateleira do balcão estão algumas modelagens, e a incrível caixa com as fichas dos clientes - que não são poucos, já que está no ramo há mais de sete décadas. Brinca que já passaram clientes de várias idades, corpos e gostos, que é um trabalho surreal pois cada peça foi e é única, fazendo com que o trabalho nunca fosse uma rotina, sempre fazendo um traje melhor que o último.

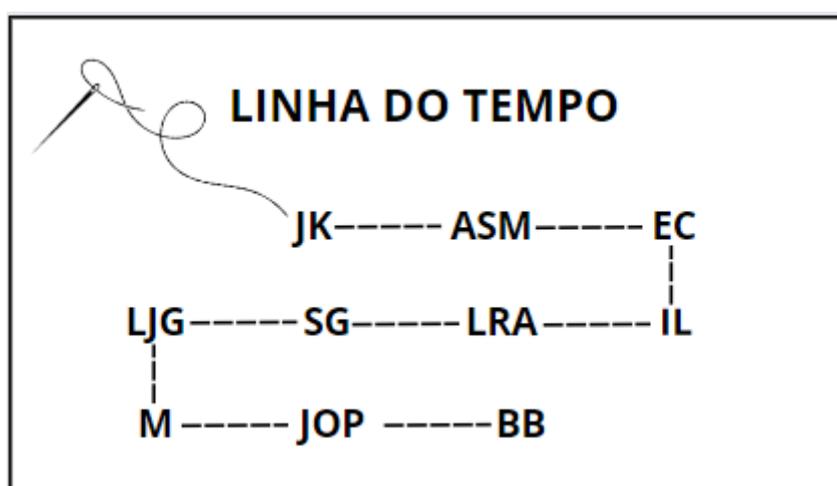
Algo em comum sobre o JOP e o BB é que eles trabalharam e iniciaram o aprendizado na alfaiataria no mesmo local. É curioso que eles tenham 51 anos de diferença, embora o mestre que iniciou ambos foi o mesmo, na alfaiataria Embaixador, do alfaiate Wladislaw Janczura, que curiosamente este, aprendeu com o bisavô de BB. O pesquisador recorda que, quando pequeno, passou diversas vezes por esta alfaiataria que, já extinta, ficava na rua Benjamin Constant, 1295. Inusitado que algo que me marcou sua infância teria relevância nos dias de hoje, pois lembra dos clientes saindo de lá sempre muito bem vestidos, o que chamava atenção para sempre olhar para a alfaiataria quando passava por lá.

A alfaiataria de BB fica próximo a Farrapos, em uma das ruas paralelas. Logo na entrada sobe-se uma escada, que dá direto no corredor da própria casa onde mora. O cômodo onde fica a alfaiataria fica logo à esquerda, disse que ali é seu lugar favorito no mundo. É uma sala pequena, cerca de 12m², mas que brinca:” não preciso de nada maior que isso”. Entrando na alfaiataria se vê um armário antigo, no qual guarda os tecidos e componentes para a confecção dos trajes. Suas duas máquinas de costura ficam paralelas à mesa de corte, que também serve como mesa de passar. Na parede, um quadro de óleo sobre tela, da alfaiataria do seu pai e avô, que ficava bem próxima do local.

4.1 Análise dos dados da pesquisa

A análise dos dados seguiu o roteiro das perguntas do questionário de entrevista. As questões dissertativas foram organizadas em eixos temáticos de discussão de acordo com o assunto abordado, e para as questões de múltipla escolha ou de respostas “CURTAS” foram elaboradas tabelas. Como o método de amostragem bola de neve prevê que o alfaiate faça uma sugestão de quem deve ser o próximo entrevistado, foi elaborado um quadro (figura 51) de linha do tempo a fim de ilustrar as indicações.

Figura 51 - Linha do tempo de indicações



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A partir de agora faz-se uma análise das respostas obtidas no processo de entrevistas, que se valeu das questões números dois até a oito. Foram elaborados quadros para que se

consiga comparar as respostas obtidas. Na tabela 9 estão identificados as idades dos participantes da pesquisa.

Tabela 9 - Idade dos participantes

JK	42
ASM	31
EC	84
IL	68
LRA	72
SG	51
LSG	51
M	72
JOP	91
BB	40

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nota-se uma diversificação de idade entre os entrevistados, sendo o mais novo com trinta e um anos e o mais velho com noventa e um anos. Calculou-se uma média de sessenta anos de idade. Já a tabela 10 é referente a cidade onde os entrevistados residem.

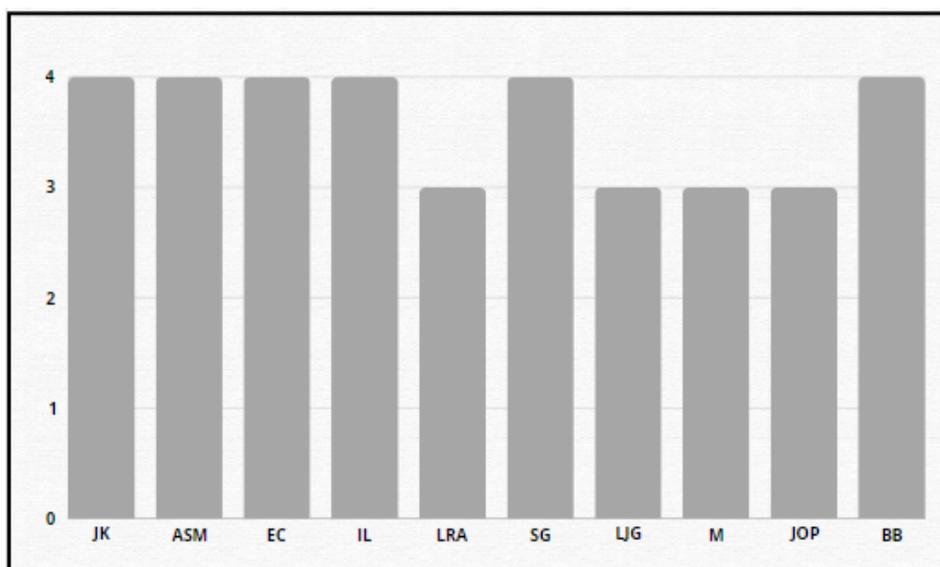
Tabela 10 - Cidade onde residem.

JK	Bom Princípio
ASM	Porto Alegre
EC	Porto Alegre
IL	Porto Alegre
LRA	Porto Alegre
SG	Porto Alegre
LSG	Porto Alegre
M	Viamão
JOP	Porto Alegre
BB	Porto Alegre

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Analisando o quadro verifica-se que oito alfaiates residem na cidade de Porto Alegre, a mesma que atuam, enquanto um mora em Bom Princípio e outro em Viamão, ambos no estado do Rio Grande do Sul. O gráfico 5 mostra a renda familiar dos entrevistados:

Gráfico 5 - Renda familiar.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O valor do salário mínimo em 2023 era de R\$1320,00. A renda familiar de seis participantes é de quatro salários mínimos (R\$5.280) ou mais, e três salários mínimos (R\$3.960) a renda dos outros quatro alfaiates. Na tabela 11 estão identificados o estado civil dos alfaiates:

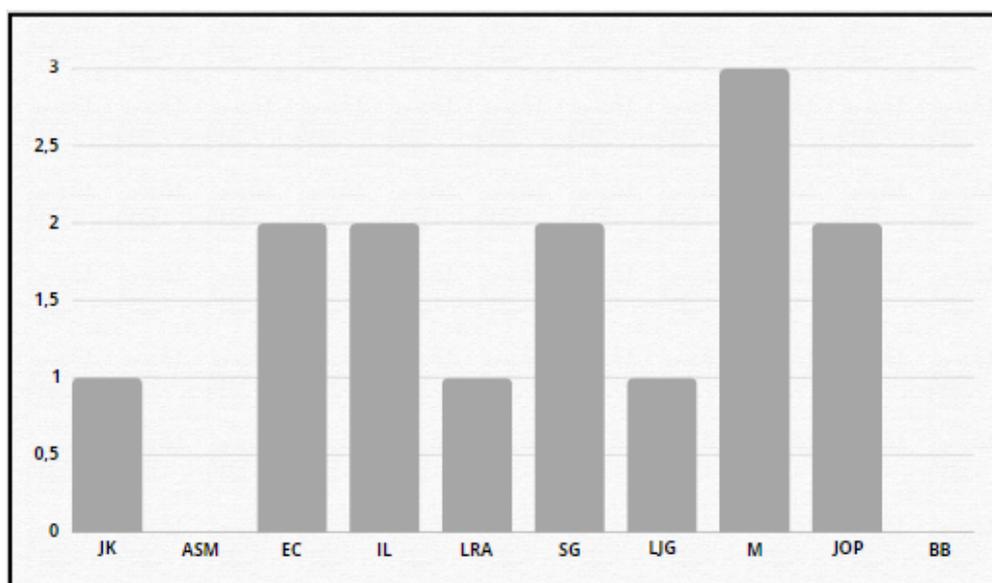
Tabela 11 - Estado civil dos alfaiates.

JK	Casado
ASM	Solteiro
EC	Casado
IL	Separado
LRA	Separado
SG	União estável
LSG	Separado
M	Casado
JOP	Casado
BB	Solteiro

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Segundo análise da tabela 11, quatro são casados, três estão separados, dois estão solteiros e um tem união estável. O gráfico 6 apresenta se o entrevistado tem filhos, se sim, quantos ele tem:

Gráfico 6 - Quantidade de filhos



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Analisando o gráfico notou-se que quatro participantes têm dois filhos, enquanto três têm um filho, um tem três filhos e dois não tem filhos. A tabela 12 revela a escolaridade dos entrevistados:

Tabela 12 - Escolaridade dos entrevistados

JK	Ensino Superior Completo
ASM	Ensino Superior Completo
EC	Ensino Fundamental
IL	Ensino Superior Completo
LRA	Ensino Médio Completo
SG	Ensino Médio Completo
LSG	Ensino Fundamental
M	Ensino Fundamental
JOP	Ensino Fundamental
BB	Ensino Médio Completo

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quatro participantes têm o ensino fundamental completo, enquanto três têm o ensino médio completo e três o ensino superior completo.

A seguir fez-se a análise das respostas das perguntas dissertativas (questões nove a vinte e três), que foram organizadas em eixos temáticos de discussão de acordo com os assuntos abordados.

A vida na alfaiataria

O primeiro eixo de discussão considerou as respostas obtidas através das questões nove, dez e onze: Como ele se tornou alfaiate? De onde veio o interesse pelo ofício? Quanto tempo de profissão? E se existem ou existiram alfaiates na família?

JK tem quarenta e dois anos de idade e se tornou alfaiate movido pelo desejo de conhecer a arte de confeccionar roupas com a máxima qualidade. Assim, se aventurou na alfaiataria, explorando a essência da moda e do vestuário para descobrir as melhores técnicas

e materiais na criação de roupas esportivas de alta qualidade, um desejo que sempre o impulsionou. Ingressou em uma faculdade de moda, uma novidade na época, devido à sua vocação artística e sua afinidade com roupas esportivas.

Durante o curso, ele aprofundou seu conhecimento sobre moda, consultando revistas, usando as referências e bases oferecidas pela faculdade para compreender o funcionamento desse vasto universo. Ele expandiu seu horizonte de possibilidades, explorando não apenas a alfaiataria, mas também a alta costura e o *sportswear*. Após uma temporada na Itália, ele verdadeiramente compreendeu a interligação entre moda, arte e comércio.

De volta a Porto Alegre, ele deu continuidade a essa paixão e abriu seu próprio ateliê, trazendo consigo o conceito que havia adquirido em sua jornada. Ele acumula 18 anos de experiência na sua profissão desde a sua formatura. No entanto, sua trajetória na moda teve início quando ingressou na faculdade em 1999, ao prestar vestibular para o curso de moda. Nessa época, já nutria um forte interesse na área e já havia traçado um plano para eventualmente abrir sua própria marca. Desde então, ele trabalhou incansavelmente nesse objetivo, progredindo constantemente em direção a esse sonho.

Ao ser questionado se existiram alfaiates em sua família, respondeu que herdou sua vocação de seu bisavô, um hábil alfaiate que se destacou na região de Taquara, situada no Vale do Paranhana. Embora nunca tenha tido a oportunidade de conhecê-lo, a tradição da alfaiataria estava enraizada em sua família, pois naquela época havia muitos alfaiates na região. Além disso, sua mãe também desempenhou um papel crucial em sua formação, já que ela se dedicava à confecção de malharia retilínea. Essas influências artísticas sempre estiveram presentes em sua família, e ele considera essas conexões fundamentais para quem atua no mundo da moda.

ASM tem trinta e um anos de idade, disse que seu interesse pelo ofício de alfaiate veio aproximadamente há seis anos, quando morava em Manaus. Não havendo alfaiates em sua família, sempre teve um gosto por vestir-se bem e uma preocupação com sua aparência. Foi durante sua jornada nas redes sociais, especialmente no Instagram, que ele começou a explorar o mundo da alfaiataria. As roupas de alta qualidade sempre o impressionaram em séries e filmes, especialmente quando os protagonistas usavam alfaiataria, causando um grande impacto nas cenas.

Foi nesse momento que ele se questionou sobre como esses personagens conseguiam roupas desse nível. Foi assim que ele descobriu o mundo da alfaiataria artesanal, mergulhando em um universo paralelo de consumo de luxo em roupas masculinas. Ele acredita que, no

Brasil, mais de 90% do público masculino desconhece esse universo, já que é pouco divulgado.

Embora haja muita publicidade de marcas, o conhecimento sobre roupas masculinas de alta qualidade é algo que não está facilmente acessível e parece ser um mundo à parte. Ele está envolvido no ramo da alfaiataria há cinco anos, que coincide com o período em que se mudou para Porto Alegre. Sua decisão de se estabelecer na cidade teve como objetivo aprender a arte da alfaiataria, e, desde então, ele se apaixonou pelo ofício. Realizou extensas pesquisas e, ao final, descobriu que a alfaiataria era sua verdadeira paixão e vocação. O próximo passo em sua jornada era encontrar um mestre alfaiate que pudesse transmitir todo o conhecimento e tradição desse ofício tão especial.

EC tem setenta e um anos de profissão e oitenta e quatro anos de idade. Começou a trabalhar como alfaiate com apenas treze anos de idade, vivendo no interior de Itatiba do Sul, que na época era um distrito de Erechim. Sua irmã estava ocupada com a confecção do enxoval, sua natureza atenta e curiosa o levou a oferecer uma ajuda a ela nesse trabalho, e foi aí que ele descobriu sua afinidade pela costura. Dois de seus primos já eram alfaiates, então começou a aprender a profissão e descobriu seu interesse pela alfaiataria.

Com sessenta e oito anos de idade, IL disse que a paixão pela moda e pela alfaiataria é uma tradição que vem de sua família. Seus avós maternos eram alfaiates em Carazinho, e essa influência estava presente em sua vida desde cedo, começou a trabalhar como alfaiate aos seus dezessete anos de idade. Em uma família grande, onde sua mãe confeccionava roupas para seus irmãos e irmãs, ele naturalmente se interessou pelo ofício e logo se identificou com o mundo da moda.

A paixão pela costura surgiu quando LRA tinha apenas 8 anos. Não havia alfaiates na família, mas seu pai fazia chapéus artesanalmente, e para concluir essa tarefa, era necessário costurar uma fita. Ele se interessou pelo processo de costura e começou a ajudar seu pai, costurando as fitas dos chapéus. Com o tempo, quando atingiu a idade de 15 anos, seu pai percebeu seu entusiasmo pela alfaiataria e o encorajou a aprender com um compadre que era alfaiate. O acordo era que o aprendizado seria gratuito, ele só deveria cobrar pelos serviços depois de ter adquirido habilidades.

Ele aprendeu primeiro a fazer o caseado de botão, quando conseguiu concluir a confecção de uma calça, um amigo de seu pai lhe pagou pelo trabalho. Esse sucesso o motivou, mas antes de seguir sua carreira na alfaiataria, ele serviu no exército. Após esse período, com 19 anos, ele decidiu investir ainda mais em sua paixão. Mudou-se para Buenos Aires, onde ingressou em uma academia de alfaiataria e continuou a aprimorar suas

habilidades na confecção de calças. A partir desse ponto, sua jornada na alfaiataria ganhou força e continuidade.

Ao longo de sua jornada, ele nunca mudou de mestre. Permaneceu fiel ao seu mentor e continuou aprendendo com ele. Quando seu mestre encerrou sua carreira, ele se tornou um alfaiate independente, gerenciando seu próprio negócio. A partir desse momento, nunca mais precisou buscar trabalho fora, pois seu mestre lhe assegurou que sempre haveria demanda para seus serviços, dada a extensão do conhecimento que ele havia adquirido.

Ele tem uma profissão sólida na alfaiataria: operando a máquina de costura com setenta e dois anos, ele tem uma carreira de sessenta e quatro anos como alfaiate. Sua dedicação ao ofício e a longa experiência são evidentes em sua trajetória profissional.

Natural de Não-Me-Toque, SG tem cinquenta e um anos de idade, chegou a Porto Alegre em 1994 em busca de oportunidades na carreira de alfaiate. No interior, o movimento era limitado, e por isso decidiu mudar-se para a cidade grande. Ele começou a trabalhar em uma alfaiataria chamada "Alfaiate Santos" na Rua Andradas. Após cerca de 10 anos de experiência, começou a manter uma sala em sua casa para atender pedidos de outros alfaiates, incluindo os alfaiates Bauer e Santos, entre outros.

Devido à escassez de trabalho e demanda, ele passou a colaborar com um senhor que trabalhava com aluguel de roupas e começou a confeccionar calças para ele. Eventualmente, esse senhor o convidou para trabalhar diretamente com o aluguel de roupas. Ele abandonou a produção sob medida devido à baixa demanda e falta de mão de obra qualificada.

Com quarenta anos de profissão e cinquenta anos de idade, a tradição na alfaiataria é algo que vem de sua família, já que seu avô era alfaiate, que ensinou a profissão a seu pai, sua mãe costurava as calças na alfaiataria. Desde pequeno, seu pai o ensinou a costurar, fazendo bainhas e aprendendo a fazer caseados de botão, incentivando-o a seguir a profissão. Se formou como alfaiate, produzindo calças, coletes, casacos e outros itens. Seu irmão gêmeo também é alfaiate e continua trabalhando na produção sob medida, enquanto concentra seus esforços no aluguel de roupas de alfaiataria devido à falta de mão de obra qualificada na produção de peças sob medida.

Com cinquenta e um anos de idade, LJJ é alfaiate desde sua infância, seguindo os passos de seu pai e avô. Com mais de 35 anos de experiência na profissão, ele se apaixonou pela alfaiataria desde muito cedo, graças ao incentivo e paciência de seu pai que o introduziu ao mundo da alfaiataria de forma rígida e dedicada, levando ele e seu irmão gêmeo à alfaiataria desde jovens, onde ensinou-lhes as habilidades fundamentais da profissão.

Aprender a costurar em uma máquina de costura que herdou de seu pai foi o primeiro passo para a construção de sua carreira.

Trabalhando em várias cidades do interior, incluindo Espumoso, Tapera, Não-Me-Toque e Soledade, ele encontrou a aprovação de seu pai para buscar o sucesso em centros urbanos maiores. Seu pai acreditava que o futuro da profissão estava em cidades como Passo Fundo ou Porto Alegre, onde havia uma clientela mais ampla.

Seguindo o conselho de seu pai, LJG se mudou para Porto Alegre, onde sua carreira decolou. Atualmente, ele atende uma clientela diversificada, com muitos clientes da elite que buscam roupas sob medida, enquanto a maioria da classe média prefere roupas prontas, seja comprando ou alugando. Para LJG, a alta costura sob medida representa a essência de sua profissão de alfaiate.

Com cinquenta anos de experiência e setenta e dois anos de idade, M aprendeu a profissão de forma casual, passando de uma alfaiataria para outra. Sem ter alfaiates na família, a sua formação foi adquirida na prática, sem frequentar uma escola de alfaiataria.

Nascido em 31 de dezembro de 1931, JOP tem noventa e um anos de idade e possui uma longa carreira na alfaiataria, prestes a completar setenta e um anos de profissão, conta que sua carreira só começou após ser nomeado oficial de alfaiate aos vinte anos de idade seu interesse pela costura começou com a simples tarefa de pregar botões. Sem ter nenhum familiar na profissão, seu pai, ciente do interesse pelo ofício, o levou para se tornar um aprendiz em uma alfaiataria, já que na época não havia escolas formais de alfaiataria.

Ele iniciou seu aprendizado em 27 de outubro de 1947, quando tinha apenas 15 anos. Quando chegou à alfaiataria, seu mestre alfaiate perguntou se ele tinha alguma experiência em costura. Ele mencionou que sabia pregar botões, mas que ainda não tinha costurado de forma mais complexa. Seu mestre imediatamente o colocou para treinar e praticar na máquina de costura. Passou alguns dias trabalhando com um pedaço de tecido, aprendendo a acolchoar a entretela. Em questão de dias, ele já estava fazendo serviços de costura, incluindo a fabricação de entretelas para outros oficiais que trabalhavam na oficina.

Naquela época, o trabalho com ferros de carvão era comum, e eles precisavam constantemente alimentar o ferro para manter a temperatura adequada. Ele se lembrava de que todos os dias, ao abrir a loja às 8 horas da manhã, a primeira tarefa era cuidar do ferro de carvão. Mais tarde, à medida que o ferro elétrico se tornou mais comum, eles adotaram essa tecnologia. Ao longo de sua carreira na alfaiataria, ele aprendeu a fazer diversas tarefas, desde a fabricação de entretelas até a confecção de bolsos. Com o tempo, ele passou de aprendiz a oficial, onde assumia a responsabilidade completa de fazer um casaco desde o início.

Quando decidiu abrir seu próprio negócio, continuou a trabalhar em casa e, ao mesmo tempo, continuou a receber trabalhos de seu antigo patrão, que lhe fornecia casacos para costurar. Ele construiu sua clientela ao longo do tempo e até contratou outros alfaiates, chamados de oficiais, para auxiliar com a demanda: teve de dois a três trabalhando com ele, uma vez que não conseguia atender a todos os pedidos sozinho.

O alfaiate BB tem quarenta anos de idade, e relata que a tradição da alfaiataria vem de família, seu bisavô foi o primeiro da família a se tornar alfaiate. Ele inicialmente trabalhava na agricultura, mas devido a problemas nas costas, acabou escolhendo a alfaiataria como profissão. No entanto, a mudança para a alfaiataria também serviu como uma desculpa para sair do interior e buscar uma nova oportunidade na cidade.

Seu bisavô transmitiu seu conhecimento e habilidades em alfaiataria para seu avô, que deu continuidade à tradição familiar. A alfaiataria deles estava localizada na Rua Presidente Roosevelt, número 1242, em Porto Alegre, e a tradição familiar foi preservada ao longo das gerações. Começou a aprender a profissão cedo, com oito ou nove anos de idade, mas começou a trabalhar sério mesmo com vinte anos.

O que mais chama a atenção nas respostas dos alfaiates entrevistados são de que a maioria herdou essa profissão da família, pais, avós e até bisavós, e que também iniciaram a sua dedicação com a alfaiataria quando crianças, com oito, nove anos de idade. O fato curioso é que todos estão em exercício ainda, mesmo com noventa e um, oitenta e seis, e setenta e dois anos de idade, isso mostra a verdadeira paixão com o ofício.

Alfaiataria e seus desafios

O segundo eixo de discussão considerou as respostas obtidas através das questões doze e treze: O que a alfaiataria significa para você? Qual a maior dificuldade no exercício desta profissão?

De acordo com JK, a alfaiataria é uma fonte de inspiração, paz e orgulho. É um desafio constante, uma oportunidade de superação diária e, claro, uma recompensa financeira importante. A alfaiataria o inspira a buscar sempre a excelência em seu trabalho. Cada vez que ele descobre uma nova técnica, cada vez que produz um casaco de qualidade superior, contribui para a felicidade em seu dia a dia.

A maior dificuldade que ele enfrenta na alfaiataria é manter a atenção aos detalhes e a paciência necessária para lidar com os desafios. Ele destaca a importância de equilibrar a arte e o aspecto financeiro de sua profissão. Encontrar o equilíbrio entre a criatividade e a

necessidade de sustento é um desafio constante, uma vez que a alfaiataria é mais do que um hobby, é seu trabalho e meio de vida.

A alfaiataria é muito mais do que apenas um estilo de roupa, é um estilo de vida para ASM. À primeira vista, pode parecer que a alfaiataria se resume a roupas sob medida, como ternos e peças de luxo. No entanto, ao mergulhar mais fundo nesse universo, você percebe que a alfaiataria vai além do vestuário. A escolha por roupas sob medida de luxo pode refletir o desejo de ser mais profissional e apresentável.

Vestir-se com roupas sob medida pode ter um impacto profundo na vida de alguém, afetando seu comportamento e até mesmo suas escolhas. Parece que as pessoas querem se tornar a pessoa que estão retratando por meio de sua vestimenta. A alfaiataria é, portanto, uma forma de expressar a identidade, a autoconfiança e o profissionalismo, e tem o poder de transformar a vida das pessoas de várias maneiras.

Uma das maiores dificuldades que ele enfrenta na alfaiataria é a busca por conhecimento técnico mais aprofundado, especialmente em relação à modelagem. Ele observa uma carência de referências acadêmicas na área de alfaiataria artesanal, e nota que a formação oferecida nas faculdades de moda, em geral, é de preparar os estudantes para a indústria da moda em larga escala, não fornecendo o conhecimento técnico específico necessário para a alfaiataria artesanal e a confecção de roupas masculinas. Ele acredita que o ensino de alfaiataria, principalmente voltado para roupas masculinas, é subdesenvolvido no Brasil em comparação com a Europa, onde se encontra uma tradição mais consolidada nesse campo.

Muitos alfaiates adquirem suas habilidades por meio de tentativa e erro no dia a dia, aprendendo com a prática e ajustando as técnicas à medida que enfrentam desafios reais com os tecidos. A falta de uma formação acadêmica específica em alfaiataria torna o processo de aprendizado mais desafiador e muitas vezes dependente de uma tradição passada de mestre para aprendiz. Essa carência de formação técnica é uma barreira que ele identifica no aprimoramento da alfaiataria no Brasil.

EC valoriza profundamente sua profissão de alfaiate, que o permitiu trabalhar e viver ao longo de 71 anos. Graças a essa profissão, ele conseguiu dar oportunidades de educação universitária para seus filhos e desfrutar de uma vida tranquila. Sua dedicação à alfaiataria contribuiu para uma vida satisfatória e bem-sucedida.

Ele nunca enfrentou dificuldades em sua profissão de alfaiate, pelo contrário, ele sempre teve facilidade, no entanto, quando trabalhava em uma alfaiataria com apenas 17 ou 18 anos já era considerado um profissional habilidoso. Os clientes confiavam em seu trabalho

a ponto de preferirem que ele fizesse as provas ao invés do proprietário da alfaiataria, confirmando as suas competências.

Para IL, a alfaiataria envolve a habilidade de esculpir o corpo humano por meio da confecção de roupas sob medida. É a busca pela perfeição e pela excelência na criação de peças que se adequem perfeitamente ao corpo de cada indivíduo, tornando a alfaiataria uma verdadeira forma de arte.

Ele nunca enfrentou dificuldades em sua carreira na moda, e sua experiência foi marcada pelo sucesso. Ele licenciou cursos de moda e foi contratado por grandes empresas multinacionais e grifes, tanto no Brasil como no exterior. Isso demonstra seu talento e reconhecimento na indústria da moda.

Para LRA, a alfaiataria envolve criar peças de vestuário sob medida que atendam aos gostos e preferências específicas de cada cliente. O cliente desempenha um papel fundamental nesse processo, pois é ele quem decide se gosta ou não da peça confeccionada. O feedback e a satisfação do cliente são essenciais, e o objetivo do alfaiate é garantir que o cliente fique satisfeito com o resultado final. A relação entre o alfaiate e o cliente é de colaboração, e a alegria e satisfação do cliente são recompensas para o alfaiate.

Ele enfrenta a dificuldade de atrair jovens e pessoas para a profissão de alfaiate, pois muitos deles estão mais interessados em se dedicar à internet, televisão, redes sociais e outras atividades modernas, em vez de aprender as habilidades tradicionais da alfaiataria. A falta de interesse dos jovens em aprender a profissão de alfaiate é um desafio que a indústria enfrenta devido às mudanças nos interesses e nas prioridades das novas gerações.

SG enfatiza a importância do trabalho artesanal na alfaiataria, destacando que o serviço feito à mão, com atenção aos detalhes e ao acabamento, é incomparável. A alfaiataria artesanal oferece um nível de diferenciação e qualidade que é reconhecido por aqueles que conhecem e apreciam o ofício. O trabalho manual, desde o alinhavo até o acabamento, é uma característica distintiva da alfaiataria que valoriza a tradição.

Ele enfrenta a dificuldade de encontrar mão de obra qualificada, pois muitos jovens não têm interesse em aprender o ofício da alfaiataria. A falta de interesse e de disposição dos jovens em aprender essa profissão tradicional torna o recrutamento de novos alfaiates uma tarefa desafiadora, contribuindo para a escassez de mão de obra qualificada na área. Isso é um desafio significativo para a preservação e o avanço da alfaiataria.

LJG expressa seu amor pela profissão de alfaiate, enfatizando a nobreza e a alta costura associadas a ela. Ter uma clientela de alto nível e qualidade é essencial para ele, e ele considera essa profissão como a melhor. A satisfação e o orgulho que ele sente em trabalhar

como alfaiate são evidentes em sua resposta. Ele destaca a falta de mão de obra qualificada como uma das maiores dificuldades em sua profissão. Ter pessoas qualificadas para auxiliá-lo em seu trabalho é uma questão importante, e a escassez de profissionais com as habilidades necessárias é um desafio que ele enfrenta. A falta de mão de obra especializada é uma barreira para o desenvolvimento e a expansão de seu negócio na área de alfaiataria.

M destaca que a chave para uma vida bem-sucedida na profissão de alfaiate é o amor pela profissão. A paixão e o comprometimento com o ofício são essenciais para alcançar resultados satisfatórios. Ele acredita que, se você não ama o que faz, não conseguirá desempenhar um trabalho de qualidade. Ele afirma que não enfrenta nenhuma dificuldade em sua profissão. Sua experiência na alfaiataria parece ser bastante tranquila e bem-sucedida, sem grandes obstáculos em seu caminho. Isso reflete sua confiança e habilidades na área.

JOP compartilhou sua experiência, destacando que dedicou toda a sua vida à profissão de alfaiate. Na época em que ele começou, não havia cursos formais de alfaiataria, e as pessoas se tornavam oficiais de alfaiate através do trabalho prático e da experiência. Ele diz que não enfrentou dificuldades significativas em sua carreira na alfaiataria. Sua saúde sempre esteve em boas condições, e ele não precisou lidar com questões de crediário, o que muitas vezes pode ser uma fonte de problemas em negócios. Essa experiência tranquila em sua carreira é algo que ele valoriza.

BB expressa a profunda conexão com a profissão de alfaiate, afirmando que a alfaiataria está em sua pele e é parte de sua identidade. Para ele, não existe uma separação nítida entre sua vida pessoal e a alfaiataria, ambos são inseparáveis e coexistem em sua vida. A alfaiataria é sua paixão e seu modo de vida, e ele não consegue imaginar sua vida sem ela. Essa dedicação e amor à profissão são evidentes em suas palavras. Ele destaca que a maior dificuldade em sua profissão está relacionada à compreensão das necessidades e desejos do cliente.

O desafio está em captar o que o cliente quer, especialmente quando o cliente está indeciso ou não consegue expressar claramente suas preferências. No entanto, uma vez que ele compreende o cliente e suas expectativas, ele é capaz de criar a roupa perfeita. Essa habilidade de interpretação e comunicação com os clientes desempenha um papel fundamental no seu sucesso.

Os entrevistados relataram que a alfaiataria é a vida deles, e que todos não vêm trabalhando em outro segmento. São apaixonados pelo que fazem e gostam muito de todos os processos que se têm na alfaiataria artesanal. Quando questionados sobre as dificuldades, alguns relataram que não tinham dificuldades, mas sim facilidade de aprender a profissão;

outros disseram que a maior dificuldade é encontrar mão de obra qualificada para que consigam dar conta da demanda de trabalho.

O futuro da alfaiataria em Porto Alegre

O terceiro eixo de discussão considerou as respostas obtidas através da questão quatorze: Qual a sua visão para o mercado da alfaiataria atualmente e sua visão de futuro?

JK prevê um futuro brilhante para a alfaiataria, acreditando que a profissão se tornará cada vez mais seletiva e exclusiva. A alfaiataria continuará a se destacar e a criar um desejo crescente entre os clientes. Os profissionais talentosos e dedicados que se destacam e buscam aprimoramento permanecerão relevantes e terão um papel importante nesse cenário. Sua visão do futuro da alfaiataria é otimista, destacando a importância contínua dessa profissão no mundo da moda.

ASM enxerga um futuro promissor para a alfaiataria, fazendo uma analogia com o fenômeno que ocorreu com as barbearias a partir de 2013. Acredita que a alfaiataria pode se tornar uma profissão muito desejada e valorizada, da mesma forma como aconteceu com os barbeiros. Ele diferencia dois ramos dentro da profissão de alfaiate: o alfaiate tradicional, que faz ternos sob medida, e o alfaiate de luxo, que se concentra no design da roupa e busca valorizar o biotipo do cliente por meio do terno. Para ele, o alfaiate de luxo tem uma abordagem mais artística na criação das peças, o que é raro de encontrar no Brasil, mas é altamente valorizado. Essa visão do futuro destaca o potencial de crescimento e reconhecimento da alfaiataria como uma profissão de prestígio.

EC destaca a escassez de profissionais na área da alfaiataria e a alta demanda por seus serviços. Menciona que, se ele fosse capaz de produzir 30 ternos por mês, teria clientes para isso, inclusive pessoas de outras cidades, como Buenos Aires, que vêm até ele em busca de roupas sob medida de alta qualidade, devido à dificuldade de encontrar alfaiates competentes em outros lugares. Isso evidencia a crescente valorização e demanda por profissionais qualificados na área da alfaiataria.

IL expressa otimismo e destaca que, apesar dos desafios causados pela pandemia, as coisas estão gradualmente voltando ao normal e retomando a rotina. Isso sugere resiliência e adaptação à situação, o que é importante para a continuidade de sua profissão.

LRA está expressando sua preocupação com a percepção da alfaiataria no mercado. Ele observa que muitos estabelecimentos estão anunciando serviços como alfaiataria, mas o acabamento e a qualidade não são comparáveis à verdadeira alfaiataria. Ele também destaca

seu desejo de ensinar às pessoas, especialmente jovens, habilidades relacionadas à produção de roupas, como cortar, fazer moldes e costurar. Ele acredita que isso pode ser uma maneira de inserir essas habilidades nas vidas das pessoas e ajudá-las a trabalhar em suas próprias roupas e projetos. Isso demonstra um compromisso em compartilhar seu conhecimento e manter viva a tradição da alfaiataria.

SG está preocupado com a escassez de profissionais na alfaiataria, especialmente entre os jovens. Ele observa que a falta de interesse pela profissão entre os jovens pode levar a sua extinção no futuro. Ele sugere que o governo poderia desempenhar um papel importante em divulgar e apoiar a profissão para garantir sua continuidade. Essa preocupação com a falta de mão de obra qualificada é compartilhada por muitos alfaiates e artesãos em todo o mundo.

LJG destaca a importância da qualidade na alfaiataria sob medida, enfatizando que os produtos feitos à mão têm uma durabilidade e qualidade superiores em comparação com os produtos de fábrica. Ele menciona que um terno de alfaiataria pode durar 10 anos ou mais, enquanto os ternos de fábrica frequentemente duram menos tempo devido à utilização de materiais e mão de obra de qualidade inferior. Essa ênfase na qualidade é uma das razões pelas quais muitos clientes procuram a alfaiataria sob medida.

M destaca que a profissão de alfaiate ainda tem um campo de trabalho significativo, mas lamenta que muitos jovens não estejam interessados em aprender essa arte tradicional. A falta de interesse dos jovens em seguir a carreira de alfaiate é uma preocupação comum entre os alfaiates, uma vez que essa é uma profissão que requer habilidades e técnicas especializadas que são transmitidas tradicionalmente de uma geração para a seguinte.

JOP enfatiza como a indústria da confecção tem crescido e se tornado mais prevalente, levando muitas pessoas a comprar roupas prontas sem se dar conta da importância de provar uma roupa sob medida. Essa mudança nas preferências dos consumidores é um desafio para a alfaiataria tradicional, que valoriza a atenção aos detalhes e a criação de peças sob medida de alta qualidade. A alfaiataria artesanal oferece um nível de personalização e qualidade que é difícil de encontrar na produção em massa.

BB compartilha uma visão otimista para o futuro da alfaiataria. Ele acredita que a alfaiataria continuará em alta porque as pessoas valorizam o atendimento personalizado e a relação próxima entre o cliente e o profissional. Em um mundo onde as relações muitas vezes são substituídas por números e impessoalidade, a alfaiataria se destaca por proporcionar um serviço personalizado e de qualidade. O compromisso com o trabalho, a paixão e a atenção aos detalhes são fundamentais para o sucesso contínuo na profissão.

Analisando as respostas dos entrevistados sobre a questão do futuro da alfaiataria, eles relatam que estão muito otimistas, que existem muitos clientes que gostam do trabalho artesanal. Também destaca-se a proposta de ter peças que tenham uma durabilidade maior, e que sejam feitas realmente sob medida. Observa-se também que os clientes gostam muito do processo de prova e da aproximação que tem com a escolha dos materiais e aviamentos das peças. Relataram também uma preocupação quanto a continuidade do trabalho, como a pouca mão de obra especializada disponível ou de pessoas que queiram aprender a profissão.

Transmissão de conhecimento

O quarto eixo de discussão considerou as respostas obtidas através das questões quinze e dezesseis: Existem pessoas que procuram você para entrar como aprendiz na alfaiataria? Você estaria disposto a ter aprendizes atuando na sua alfaiataria?

O entrevistado JK sinaliza que estaria disposto a ter aprendizes, pois a formação de aprendizes e a transmissão do conhecimento na alfaiataria são passos importantes para preservar e manter essa tradicional profissão viva. Oferecer cursos e treinamento para jovens interessados em se tornarem alfaiates é uma maneira de garantir que o ofício continue prosperando e seja transmitido para as próximas gerações. Essa abordagem não apenas ajuda a preservar as habilidades e técnicas da alfaiataria, mas também cria oportunidades de emprego e ensina a importância da qualidade e da atenção aos detalhes. É importante estabelecer um vínculo sólido com os aprendizes e oferecer um ambiente de aprendizado que encoraje o comprometimento e o amor à profissão. Isso contribuirá para um futuro promissor na alfaiataria.

ASM mencionou que, por enquanto, a empresa não possui muito tempo de mercado, com apenas 5 anos de existência, sendo ainda um embrião no setor. A empresa é relativamente desconhecida no meio acadêmico. No entanto, recentemente, a visibilidade da empresa tem aumentado devido ao fato de que os funcionários têm origens no meio acadêmico, e alguns deles estão cursando faculdades de moda. Em algumas conversas na faculdade, os funcionários mencionam a empresa, o que tem despertado o interesse dos professores. Acredita-se que esse movimento ganhará força nos próximos seis meses.

ASM enfatizou a importância da visão do empresário em não depender excessivamente de seus funcionários. Isso se deve ao fato de que os funcionários podem, eventualmente, não ter a mesma dedicação ao trabalho a longo prazo. Mesmo que atualmente estejam satisfeitos com o emprego, suas perspectivas e prioridades podem mudar nos

próximos 2 ou 3 anos. Além disso, podem surgir oportunidades de emprego alternativas para eles. Portanto, a empresa deve manter um constante foco em recrutar e treinar novos funcionários para manter a equipe atualizada e revitalizada.

EC afirmou que gostaria muito e que já teria cerca de vinte aprendizes esperando.. Neste momento, o seu planejamento é reformar a casa da frente com a intenção de se mudar para lá e estabelecer uma escola de alfaiataria nos fundos.

IL expressou o desejo de passar adiante esses ensinamentos com muito prazer. LRA manifestou o interesse em estabelecer uma escola e explorar oportunidades, como buscar parcerias com prefeituras, a fim de oferecer educação e treinamento para as pessoas.

SG mencionou que, atualmente, não está mais atuando na área de alfaiataria sob medida e sim no aluguel de trajes, mas estaria disposto a indicar seu irmão para ter aprendizes pois o seu irmão frequentemente pede ajuda quando precisa, há muita dificuldade em encontrar pessoas interessadas em aprender a profissão de alfaiataria.

LJG expressou o desejo de contribuir na formação de profissionais especializados na área de alfaiataria, reconhecendo a carência de mão de obra qualificada nesse setor. Ele observou que as pessoas geralmente não demonstram interesse em aprender a profissão de alfaiate, possivelmente devido à presença de muitos cursos rápidos, como os de corte e costura, que prometem ensinar a fazer uma peça de roupa em apenas alguns meses. No entanto, ele enfatiza que o trabalho de alfaiate é altamente complexo e requer um longo período de aprendizado. Levou seis anos para dominar a arte da alfaiataria, o que ele compara a uma educação universitária, abrangendo o corte, a prova e a criação de roupas sob medida, com um comprometimento desde os 16 anos até os 20 e poucos anos.

M já teve alguns aprendizes, porém vendo que a profissão depende de muita dedicação todos desistiram, então não quer mais ensinar o ofício.

Não existem pessoas que procuram JOP para ser aprendiz, ele mencionou que, embora tenha tido algumas pessoas interessadas em aprender, elas não seguiram adiante e desistiram no meio do caminho. No entanto, ele/ela não chegou a ensinar ninguém completamente.

BB estaria disposto a ter aprendizes, porém ele compartilhou a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a aprender a profissão de alfaiate, observando que muitos desistem no meio do caminho. Essa situação pode estar relacionada à mentalidade da nova geração, que muitas vezes busca resultados imediatos e não compreende que o aprendizado da alfaiataria requer tempo. No entanto, ele acredita que, se a pessoa estiver disposta a se dedicar ao aprendizado e entender que se trata de um processo que demanda tempo, é possível ensinar e desenvolver um profissional competente para o trabalho.

A maioria dos alfaiates tem planos de terem aprendizes dentro de suas alfaiatarias, para levar os seus conhecimentos e experiências adiante. Entretanto, os jovens não querem seguir em uma profissão que leva muito tempo de estudo para aprender: eles relatam que querem algo mais rápido, e muitos dizem que quando tiveram aprendizes eles desistiram no meio do caminho, ora não se encontravam na profissão, ora achavam muito difícil.

Faixa etária

O quinto eixo de discussão considerou as respostas obtidas através da questão dezessete que perguntou: Qual faixa etária do seu público? (tabela 13).

Tabela 13 - Faixa etária do público.

Entrevistado	JK	ASM	EC	IL	LRA	SG	LJG	M	JOP	BB
Idade	25-100	25-40	30-70	30-60	25-70	15-70	7-90	40-80	20-70	6-90

Fonte:Elaborado pelo autor (2023).

Analisando o quadro de faixa etária podemos identificar a diversidade de idade dos clientes que optam por fazer roupas de alfaiataria sob medida, com uma média de vinte e cinco a setenta anos de idade. Na maioria das vezes são para casamentos, formaturas ou para o dia a dia profissional.

Formação em alfaiataria

O sexto eixo de discussão considerou as respostas obtidas através das questões dezoito e dezenove: Você fez ou já ouviu falar sobre cursos específicos de alfaiataria aqui na região? Quais incentivos você acha importantes para que tenha um maior número de profissionais no setor?

JK declarou que não ouviu falar sobre cursos de alfaiataria e acredita que a alfaiataria é uma habilidade que se desenvolve principalmente por meio da prática. Na opinião dele, é benéfico que a pessoa tenha uma base em costura, mas é essencial praticar diariamente para adquirir a inteligência corporal necessária para criar ternos e assim internalizar o processo.

JK abordou a questão da valorização do trabalho de alfaiataria, destacando a importância da publicidade em realçar o valor das peças. Acredita que é fundamental associar essas peças à

exclusividade, à arte e ao luxo para, assim, valorizar o profissional que as cria. Além disso, ressaltou que algumas marcas de moda são incentivadas, mas muitas vezes não enfatizam o luxo, optando por estratégias de venda populares que podem não valorizar devidamente o trabalho artesanal. Para promover o reconhecimento e a valorização dos artesãos da alfaiataria, defende a criação de um ambiente e mentalidade mais sofisticados, estabelecendo uma estrutura que eleve a percepção do valor do trabalho desses profissionais.

ASM afirmou que desconhece cursos de alfaiataria que tenham gerado interesse de fazer e mencionou que alguns funcionários, que trabalham na empresa, participaram de cursos de alfaiataria, mas observou que esses cursos não ensinaram a verdadeira alfaiataria, e sim uma abordagem mais industrial. A principal habilidade que esses funcionários adquiriram foi o domínio da máquina de costura, enquanto o restante do conhecimento necessário para a alfaiataria tradicional não foi abordado nos cursos. Ele expressou a crença de que é crucial divulgar a continuidade da profissão de alfaiataria, destacando que, quando teve a ideia de se tornar alfaiate, muitas pessoas questionaram se essa profissão ainda existia. A segunda pergunta frequente era sobre onde ele/ela adquiriria o conhecimento necessário para a prática da alfaiataria

EC nunca fez ou ouviu falar sobre cursos de alfaiataria e ressaltou que o maior incentivo para promover a alfaiataria é encontrar pessoas genuinamente interessadas em aprender. Além disso, acredita que a maior dificuldade atualmente reside na disponibilidade de profissionais qualificados que estejam dispostos a ensinar.

IL nunca fez cursos de alfaiataria aqui na região e complementa dizendo que o maior incentivo seria ter o interesse de estudar, fazer experimentos e aprender realmente na prática.

LRA só ouviu falar de cursos de costura básicos na região e não de alfaiataria, enfatizou a importância de ensinar pessoas especializadas em diferentes aspectos da alfaiataria, como cortadores, costureiros especializados em calças, costureiros especializados em vestidos, entre outros. Ele destacou a diferença entre aprender a costurar para sobreviver e ganhar dinheiro, que seria mais comum nos casos de costureiros, em comparação com a abordagem mais abrangente de um verdadeiro alfaiate, que é capaz de lidar com todos os aspectos da confecção de roupas.

O entrevistado SG só ouviu falar sobre curso de moda mas não específico de alfaiataria artesanal. Ele ressaltou a importância de uma divulgação eficaz para incentivar as pessoas a considerarem a alfaiataria como uma profissão diferenciada. Observou que, atualmente, muitas pessoas estão mais focadas em áreas como a tecnologia e menos nos ofícios artesanais. No entanto, acredita que, se alguém se dedicar a abrir um espaço para

ensinar a arte da alfaiataria e despertar o interesse, poderia obter sucesso financeiro, dado o potencial de valorização dessa profissão.

LJG enfatizou a necessidade de mais divulgação para incentivar a profissão de alfaiataria. Observou que não existem escolas de alfaiataria voltadas especificamente para essa profissão, e acredita que é crucial promover a profissão, destacando a importância da confecção de roupas sob medida.

O alfaiate M não sabe sobre cursos de alfaiataria e apontou que a dificuldade na profissão de alfaiataria está relacionada ao extenso tempo necessário para aprender. Destacou que um bom profissional leva de 4 a 5 anos para se desenvolver, o que representa um desafio para a sustentabilidade financeira durante esse período de aprendizado. Essa dificuldade financeira pode desencorajar profissionais estabelecidos a assumirem o papel de instrutores.

JOP destacou as mudanças na prática da alfaiataria ao longo do tempo. Antes, o trabalho era realizado em máquinas simples, enquanto atualmente na indústria, existem máquinas que facilitam o processo com pontos avançados. Mencionou como antigamente muitos casacos eram costurados à mão, diferentemente de hoje, onde máquinas realizam tarefas que eram anteriormente feitas manualmente.

BB mencionou que atualmente é raro encontrar cursos de alfaiataria específicos, mas que, em sua experiência, a profissão é aprendida principalmente na prática, trabalhando em uma alfaiataria. Lembrou-se de ter ouvido falar de um curso na Assis Brasil, que foi positivo, mas isso ocorreu há algum tempo. Ressalta que o incentivo para aprender e ensinar na alfaiataria parte, principalmente, do desejo individual. Destacou que, se a pessoa realmente deseja aprender, nada a impedirá de progredir.

Nenhum dos alfaiates fizeram ou conhecem cursos específicos de alfaiataria artesanal na região, com exceção do entrevistado JK que fez curso de alfaiataria na Itália. Os demais aprenderam na prática em alfaiatarias, sendo aprendizes e subindo de nível hierárquico.

Quando questionados sobre os incentivos para que tenha maior número de alfaiates, eles relatam que seria necessária uma maior divulgação de que a profissão ainda existe e de que estão dispostos a terem aprendizes. Também sugeriram abrir uma escola de alfaiataria, e até cogitaram pedir ajuda do governo para capacitações envolvendo políticas públicas.

O saber-fazer

O sétimo eixo de discussão considerou as respostas obtidas através da questão vinte: Como você aprendeu as técnicas de alfaiataria e qual o método de trabalho que você utiliza, as técnicas clássicas e artesanais ou você também utiliza técnicas industriais para a confecção dos trajes?

JK explicou que sempre buscou as melhores técnicas da essência da alfaiataria, optando por aquelas que deram renome à profissão e são consideradas clássicas, originais e genuínas. Sua preferência recaí sobre as técnicas tradicionais de países como Inglaterra, Itália, França, Alemanha e América do Sul. Entre elas, escolheu as técnicas inglesas devido ao seu extenso conhecimento e precisão. Destacou que sempre utiliza técnicas artesanais por considerá-las mais intuitivas, limpas e capazes de proporcionar os melhores resultados em todos os tipos de vestuário que confecciona.

ASM compartilhou sua experiência de aprendizado, herdando as técnicas de um alfaiate em Porto Alegre, que é o entrevistado EC. Inicialmente, aprendeu a fazer roupas para si mesmo, cortando um casaco com a orientação do mestre. Essa abordagem prática permitiu que ele adquirisse conhecimento gradualmente, com o seu mestre ensinando os passos subsequentes. Destacou que, ao longo do tempo, percebeu que a essência de fazer roupas não mudou, embora haja novas técnicas que se desenvolvem. As técnicas artesanais envolvem o uso do feeling nas mãos para reconhecer o que o tecido exige, destacando o papel essencial de alinhavos para corrigir o tecido sobre a entretela e o acabamento manual para garantir uma fixação permanente.

Quanto às técnicas mais industriais, reconheceu a importância do conhecimento da indústria para impulsionar a produção, mas enfatizou a necessidade de uma padronização na modelagem para agilizar o corte de sob medida. Embora exista uma padronização inicial para otimizar o processo, destacou a importância das provas para roupas sob medida. Explicou que, apesar das diferenças nos biotipos físicos das pessoas, há um certo padrão que pode ser feito em partes do processo. No entanto, ressaltou que a montagem industrial é difícil de aplicar totalmente no sob medida, exigindo uma abordagem mais artesanal para certas etapas. Essa combinação permitiu atingir níveis superiores de acabamento e vestimenta nas roupas sob medida, especialmente em paletós.

EC enfatizou que sua prática se concentra exclusivamente na alfaiataria sob medida artesanal, utilizando entretela de crina em vez de entretela colante. Isso sugere um compromisso com métodos tradicionais e manuais na confecção de roupas sob medida,

afastando-se das técnicas mais industrializadas. O uso de entretela de crina é uma escolha específica que destaca a abordagem artesanal e tradicional na construção das peças.

IL indicou que possui uma formação italiana e adota a técnica clássica italiana em seu trabalho. Destacou o uso de técnicas artesanais para moldar e esculpir o corpo, sugerindo uma abordagem refinada e tradicional na confecção de roupas sob medida. Essa ênfase nas técnicas clássicas e artesanais ressalta a influência italiana em sua prática na alfaiataria.

LRA destacou que prefere utilizar técnicas artesanais em seu trabalho, uma vez que atende a clientes exclusivos e cria peças únicas ou em pequenas quantidades. Essa abordagem é contrastante com a produção em larga escala, onde há necessidade de eficiência e volume. Ele expressou o desejo de ensinar técnicas artesanais para que outros possam aprender a sobreviver e até mesmo abrir suas próprias produções, reconhecendo que uma produção em grande escala envolve uma variedade de serviços e demandas específicas.

SG ressaltou que prefere utilizar abordagens mais artesanais em seu trabalho, influenciado pelo ensinamento de seu pai, que era alfaiate. Aprendeu com seu pai a realizar todo o trabalho manualmente, sem o uso de moldes. Em vez disso, o processo envolve tirar medidas diretamente do cliente usando uma trena, garantindo um ajuste personalizado e alinhamento preciso.

LJG destacou que sua prática na alfaiataria é exclusivamente artesanal, envolvendo o uso de alinhavos em todo o processo.

M faz o uso de técnicas artesanais, diz que a alfaiataria tem que ser artesanal, sob medida, se não, é só o cliente ir para a loja e comprar pronto.

JOP explicou que sempre procurou acompanhar as tendências da moda ao longo do tempo. Refletindo sobre épocas passadas, mencionou que houve um período em que os ternos eram valorizados quanto maiores e mais largos fossem, incluindo calças largas, com medidas como 31 ou 32 no joelho. Essa tendência contrasta com a moda atual, que favorece calças mais ajustadas, com medidas em torno de 22 ou 23 no joelho. Ele destacou que, mesmo durante essas tendências mais amplas, sempre utilizou técnicas artesanais, sem recorrer a métodos industriais em seu trabalho na alfaiataria.

BB descreveu uma abordagem eclética em suas técnicas, incorporando tanto elementos das técnicas industriais quanto da alfaiataria artesanal. Destacou que grande parte do trabalho é realizado à máquina, mas certas partes da roupa ainda são feitas manualmente, como a prova e os acabamentos. Salientou que aprendeu de maneira tradicional, na alfaiataria, de uma forma "*old school*". Descreveu o processo de aprendizado como envolvendo prática,

tentativa e erro, e mencionou a importância de sentar-se ao lado de experientes alfaiates, aprendendo e aprimorando as habilidades ao longo do tempo.

Com a exceção do entrevistado JK, que aprendeu alfaiataria fazendo curso na Itália, todos os outros aprenderam a profissão dentro de alfaiatarias, com seus mestres alfaiates, durante meses e anos, observando e colocando em prática tudo que vinham aprendendo.

Analisando as respostas quando o assunto é sobre quais as técnicas que utilizam, todos os alfaiates trabalham com técnicas artesanais na confecção dos trajes, mostrando a importância da preservação do saber fazer tradicional. Dois alfaiates utilizam uma mescla de artesanal e industrial, destacando que para ter uma maior produtividade aliaram ambas as técnicas, que a roupa não deixou de ser sob medida mas que pulam algumas etapas para serem mais rápidos na confecção.

A valorização da alfaiataria

Finalmente, quando questionados a respeito de possíveis comentários abertos, o oitavo eixo de discussão considerou as respostas obtidas através das questões vinte um e vinte e três: O que mais gostariam de acrescentar sobre alfaiataria e alguns outros comentários.

JK expressou a perspectiva de que a alfaiataria não se trata principalmente de marketing, publicidade ou vendas. Em vez disso, enfatizou que a essência da alfaiataria reside em despertar o gosto próprio e o senso estético individual de cada pessoa. Através do visual e do trabalho embutido em cada peça, as pessoas podem julgar, analisar e reconhecer o valor da roupa apresentada. Essa abordagem sugere uma valorização da autenticidade, qualidade e apreciação pessoal na experiência da alfaiataria, destacando a importância de cada peça como uma expressão única e artesanal.

ASM compartilhou uma visão de futuro otimista para a profissão de alfaiate, considerando-a como uma área promissora. Destacou que a alfaiataria é desejada por pessoas influentes na sociedade, pois o terno ainda é amplamente aceito como uma vestimenta de apresentação social. Acredita que, com o retorno dos profissionais dedicados a essa arte, o mercado terá prosperidade. Previu que os alfaiates que ingressarem na profissão agora podem se tornar referências e estar no topo da pirâmide do setor no futuro. Expressou sua admiração por alfaiates renomados do mundo todo, dos quais se espelha e deseja alcançar o mesmo nível de reconhecimento. Essa visão de aspirar a atingir o sucesso, seguindo os passos dos ídolos na profissão, é comparada a outras áreas profissionais, onde os profissionais buscam inspiração em seus pares mais experientes para galgar seus próprios caminhos.

EC apontou um desafio significativo na alfaiataria em comparação com as confecções industriais. Nas confecções, os modelos são criados em massa, resultando em milhares de peças iguais que servem para alguns e não para outros. Ele compartilhou exemplos de situações em que criou ternos personalizados para clientes, destacando a importância de entender as medidas específicas de cada pessoa.

Um exemplo mencionado foi o caso de uma senhora com proporções únicas, para quem ele fez cinco ternos sob medida. Esses trajes foram projetados para durar toda a vida dela, enfatizando o compromisso com a durabilidade e o ajuste personalizado. Enfatizou que a geometria é a chave para criar roupas para qualquer pessoa, independentemente de sua forma ou tamanho específicos.

IL destacou que acredita que deveria haver um maior interesse do governo em incentivar os jovens a ingressar na profissão de alfaiate. Essa perspectiva sugere a importância de apoio governamental para promover e preservar essa habilidade artesanal, incentivando uma nova geração a se envolver e contribuir para a tradição da alfaiataria. O incentivo governamental pode assumir várias formas, como programas de treinamento, subsídios ou políticas públicas que reconheçam e promovam a importância da preservação dessa profissão.

LRA ressaltou a importância de entregar um trabalho personalizado na alfaiataria. Destacou que o cliente deve sentir-se feliz e satisfeito ao experimentar uma peça feita exclusivamente para ele. O reconhecimento do cliente ao dizer "adorei, ficou exatamente como eu queria" é visto como a essência do que significa ser um alfaiate.

SG expressou pesar em relação à falta de valorização da alfaiataria no Brasil. Comparou a situação com outros países onde os alfaiates são reconhecidos e respeitados. Destacou que a alfaiataria é um serviço que cria obras de arte. Mencionou a importância do reconhecimento para a qualidade do trabalho manual, ressaltando que quem conhece entende a diferença que faz um serviço feito à mão.

LJG enfatizou a importância de divulgar a profissão de alfaiate, especialmente para os jovens. Destacou que incentivar a juventude a se interessar por essa profissão é fundamental, pois acredita que vale a pena. Apontou aspectos positivos da profissão, como a flexibilidade de não estar sujeito às condições climáticas e a oportunidade de criar verdadeiras obras de arte ao montar um terno do início ao fim. Sublinhou que a alfaiataria é uma arte, e os clientes frequentemente reconhecem o trabalho como algo especial, chegando a chamá-lo de "artista".

M apontou a necessidade de mais jovens ingressarem na profissão de alfaiate para garantir a continuidade e preservação desse ofício. Ressaltou que a exclusividade na área é desafiadora, pois a aprendizagem da alfaiataria demanda tempo, geralmente levando de 4 a 5

anos. Observou-se que muitos profissionais em Porto Alegre são da mesma faixa etária, próximos à aposentadoria, e que aqueles que continuam trabalhando muitas vezes o fazem por amor à profissão. Ele compartilhou sua própria situação como aposentado que continua a trabalhar na alfaiataria por paixão à arte.

JOP fez uma reflexão sobre as mudanças ao longo do tempo na profissão de alfaiate. Mencionou a transição do tempo do ferro à carvão, observou que, durante sua carreira, não teve experiência em grandes empresas e sempre trabalhou de forma independente. Lembrou de uma época em que os alfaiates enfrentavam alta demanda, especialmente durante a festa de Navegantes que as pessoas não dispensavam o uso de ternos, mesmo que estivesse calor, em contraste com os dias atuais em que as pessoas frequentemente optam por roupas mais informais. Destaca também a importância da roupa artesanal por ela acompanhar gerações dentro das famílias, como é o caso de clientes que o procuram para ajustar roupas que ele fez há mais de vinte anos para os pais ou seus avós.

BB compartilhou uma perspectiva sobre a evolução da técnica na alfaiataria ao longo do tempo. No período em que aprendeu, descreveu um método mais artesanal, comparável ao que é conhecido hoje como "full canvas", envolvendo cortes na entretela e um trabalho manual mais intensivo, como alinhavo completo na frente do casaco. No entanto, ele destacou que, durante a fase de aprendizado, o processo era mais desafiador, e o cuidado extremo era necessário para garantir a qualidade, incluindo evitar bolhas e garantir que os pontos não aparecessem no lado oposto do tecido delicado.

Os alfaiates destacaram que deveria haver uma valorização maior do trabalho manual por serem técnicas específicas na construção dos vestuários sob medida e que não são encontradas facilmente pois não há muitos alfaiates em exercício. Enfatizaram que a profissão deve ser mais divulgada para gerar interesse em pessoas que queiram aprender esse ofício, mencionam também a criação de políticas públicas para que esse ensino seja democrático a qualquer pessoa que queira aprender.

O principal destaque é de que cada roupa sob medida é personalizada para aquele único cliente, e que a maior valorização dessa profissão vem além do pagamento, mas sim com a satisfação do seu cliente em vestir uma peça em que escolheu todos os detalhes, acabamentos e vontades.

5 Conclusão

Ao pesquisar as transformações do vestuário masculino do início do século XIX até o século XXI foi possível analisar o quanto a alfaiataria e o papel do alfaiate foram importantes ao transmitir a imponência que queria ser destacada ao vestir-se. Entrando no cenário de pesquisa, que foi a cidade de Porto Alegre, as falas de Máximo Simone fizeram com que fosse possível voltar no tempo, contando como eram os vestuários e o mais importante, quem eram os alfaiates e suas referências nos anos de 1970, documentando uma parte da história da cidade.

Os consumidores entrevistados preferem a alfaiataria artesanal para diversas ocasiões e para o uso do dia a dia, destacando o conforto, a exclusividade e a expressão única de personalidade proporcionados por roupas sob medida. Ambos valorizam o trabalho minucioso do alfaiate artesanal, apreciando a qualidade e a atenção aos detalhes. A exclusividade das peças feitas sob medida, que demandam tempo, conhecimento e dedicação, é vista como um privilégio em contraste com a produção industrial rápida e "fria". Ambos concordam que o trabalho do alfaiate é importante no século XXI para preservar a sensibilidade na moda, mesmo diante do avanço tecnológico, e destacam a importância de manter viva as técnicas artesanais.

No Brasil, alguns alfaiates utilizam uma mescla de elementos da alfaiataria inglesa, americana e italiana, criando assim o estilo de alfaiataria brasileira, com a ombreira imponente e o corte curvilíneo da italiana, as duas fendas e as abas dos bolsos do corte inglês, e alguns preferem apenas uma fenda nas costas do americano.

O aprendizado do ofício é de muita prática e observação: fez-se a análise da hierarquia da alfaiataria, traçando toda a trajetória que um candidato percorre para se tornar um alfaiate, apresentando as técnicas artesanais, os pontos manuais, a tomada de medidas, as intervenções posturais dos clientes, e a estruturação da peça.

Analisando as diferenças entre a alfaiataria artesanal e a industrial, é possível perceber o quanto a moda precisa de um consumo mais consciente e sustentável. É importante entender que roupas industrializadas visam o lucro das empresas, diminuindo a qualidade da matéria prima utilizada e a vida útil das peças, gerando cada vez mais resíduos. Em contrapartida, a roupa sob medida tem o valor elevado, porém a vida útil das peças possui uma durabilidade que passa por gerações na família, como o alfaiate JOP destacou : alguns clientes trazem os trajes para ajustes que ele confeccionou para os pais e avós há mais de vinte anos, isso demonstra a qualidade do trabalho artesanal.

Com a criação das normas da ABNT 16060:12 e 16933:2021 que visam a padronização de medidas, ela se baseia nas medidas do corpo, não nas das roupas, permitindo que as marcas de vestuário criem os seus produtos com as medidas que eles quiserem, confundindo o cliente na hora de comprar seus produtos. Assim como a análise comparativa das metodologias de técnicas de modelagem, que não seguem um padrão, fazendo com que as tabelas de medidas utilizadas para o aprendizado de modelagem sejam variadas dependendo do autor a ser estudado.

Pesquisando as ementas dos cursos de graduação e cursos livres da região metropolitana de Porto Alegre, foi possível constatar que as universidades não abordam a temática nem as técnicas de alfaiataria artesanal. Esse dado explica o porque todos os anos o número de designers de moda se formando cresce mas o número de alfaiates não acompanha o mesmo ritmo. Nas ementas do curso livre de alfaiataria sem gênero e no curso técnico de modelagem do vestuário, ambos do SENACRS, abordam as técnicas manuais de alfaiataria artesanal, sendo assim, os únicos cursos da região metropolitana a abordar este conhecimento. É necessário que seja feita uma apresentação dos dados gerados com esta dissertação para as universidades adicionarem às suas matrizes a alfaiataria artesanal até em forma de disciplinas eletivas, que proporcionem um elo de ligação entre os alunos e os alfaiates que querem receber aprendizes em suas alfaiatarias, para estágios curriculares.

A escolha do método de amostragem bola de neve foi essencial para esta pesquisa, pois o intuito não era entrar em um site de pesquisa da internet, utilizar palavras chaves para as buscas e marcar entrevistas, isso deve-se ao fato de que algumas das alfaiatarias constatadas anteriormente só faziam atendimentos, ou seja, eles recebem o cliente, tiram as medidas, escolhem o tecido e terceirizam a mão de obra. A principal motivação do pesquisador era entrevistar esses atores: os alfaiates que realmente cortam, costuram, utilizam as técnicas. Esse era um dos principais objetivos que, com o uso desta metodologia, foi possível conhecer e mapear estes profissionais que não estão em evidência na internet.

Ao documentar e compartilhar as histórias e os saberes técnicos dos alfaiates de Porto Alegre a partir das entrevistas, construiu-se um registro histórico importante para a memória da cidade e do estado. Essa memória, por sua vez, alimenta a identidade cultural do ofício e ressalta a necessidade de transmitir o conhecimento. Cabe destacar o amor pela profissão colocada à prova no decorrer das entrevistas, pois todos os alfaiates disseram que não se vêm exercendo outra profissão na vida do que essa. Destaca-se aqui a frase que o alfaiate BB descreve muito bem, dizendo que “... a alfaiataria e eu são uma coisa só, não existe uma sem a outra, não tem separação, eu acordo e durmo pensando nela, é a minha vida”.

Com exceção de um alfaiate que fez um curso de alfaiataria artesanal na Itália, os outros nove aprenderam a profissão desde criança, fossem como herdeiros do ofício familiar, ou porque na época os pais gostariam que eles já trabalhassem. São alfaiates de todas as idades, partindo do mais novo com trinta e um anos ao mais experiente de noventa e um. É uma profissão com uma rentabilidade de 3 salários mínimos ou mais. Importante destacar que a maioria deles têm somente o ensino fundamental completo, e explicaram que largaram os estudos porque começaram a trabalhar.

A pouca mão de obra especializada é preocupante para eles, pois mesmo estando abertos a terem aprendizes em suas alfaiatarias, muitos desistem no meio do caminho: alguns acham difícil, outros não conseguem se sustentar durante todo o período de aprendizado, que leva no mínimo 4 anos, segundo eles. Oito alfaiates utilizam somente técnicas artesanais e dois trabalham com uma mescla entre o artesanal e industrial, utilizando a entretela colante ao invés de crina, mas mantendo o sob medida.

Espera-se que esta pesquisa, assim como alguns alfaiates sugeriram, sirva como base para a criação de políticas públicas e iniciativas privadas que visem fortalecer o ensino da profissão de alfaiate e promover o desenvolvimento regional da mesma.

Esta dissertação serve como uma ponte entre o passado, o presente e o futuro da alfaiataria em Porto Alegre, ao compreender as práticas, analisar a situação atual e propor medidas para o futuro buscando contribuir para a sustentabilidade e a preservação do patrimônio cultural imaterial da profissão.

6 REFERÊNCIAS

- ABNT. **Abnt catálogo, 2012**. Disponível em: <www.abntcatalogo.com.br> Acesso em: 10 nov. 2023.
- ALDRICH, Winifred. **Modelagem Plana: para moda feminina**. 5° ed..Porto Alegre: Bookman, 2014.
- ALMOND, Kevin. **Bespoke tailoring: the luxury and heritage we can afford**. The Internatuinal Journal of Technology Knowledge and Society, 7 (2). PP. 77-88. ISSN 1832-3669. 2011.
- ATLAS SOCIOECONÔMICO. **Região Metropolitana de Porto Alegre**. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/regiao-metropolitana-de-porto-alegre-rmpa>> Acesso em 18 nov 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRAGA, João. **Reflexões sobre a moda**. São Paulo: Editora X, 2021.
- BLACKMAN, Cally. **100 anos de moda masculina**. [Traduzido por Cristina Band]. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva; GOMES, Almiralva Ferraz. **A AMOSTRAGEM EM SNOWBALL (BOLA DE NEVE) EM UMA PESQUISA QUALITATIVA NO CAMPO DA ADMINISTRAÇÃO**. Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, [S. l.], v. 22, n. 1, 2021. DOI: 10.25110/rec.v22i1.8346. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/empresarial/article/view/8346>. Acesso em: 23 jun. 2023.
- BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BOYER, G. Bruce. **The History of Tailoring: An Overview**. 1996. Disponível em: <<http://www.lnstar.com/mall/literature/tailor4.htm>>. Acesso em 03 jan. 2024.
- CABRERA, Roberto; MEYERS, Patricia Flaherty. **Classic tailoring techniques: a construction guide for men's wear**. Fairchild Publications, 1984. 239 p.
- CIDADE BRASIL. **Município de Porto Alegre**. Disponível em: <<https://fnembrasil.org/regiao-metropolitana-de-porto-alegre-rs/>> Acesso em 16 nov 2022.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Método de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2016.

COSTA, B. R. L. (2018) **Bola de Neve Virtual**: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. Revista Interdisciplinar de Gestão Social, 7(1), 15-37 . Disponível em: <<http://doi.org/10.9771/23172428rigs.v7i1.24649>>.

DUARTE, Sônia; SAGGESE, Silvia. **Modelagem Industrial Brasileira**. 7ªed. Rio de Janeiro: Ed.Vozes, 2014.

DEINER, Franz F. **A Complete Handbook of Tailoring and Shop Management on the Sectional or Group System**. New York: F. F. Deiner, 1920. 148 p.

EMEC. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior**. Disponível em: <<https://emec.mec.gov.br/emec>> Acesso em 14 jan. 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Mini Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Ed Positivo, 2008.

FEEVALE. **Graduação em design de moda**. Disponível em:<HTTPS://WWW.FEEVALE.BR/S/CONTEUDO/85C85754-5C9A-4CCC-8783-DC9D9222092D/MODA_-_BACHARELADO_-_202401_-_MANH%C3%83.PDF>. Acesso em 15 jan 2024.

FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Disponível em: <<https://firjan.com.br/economicriativa/pages/consulta.aspx>> Acesso em 02 nov. 2022.

FNEM. **Região Metropolitana de Porto Alegre RS**. Disponível em: <<https://fnemrasil.org/regiao-metropolitana-de-porto-alegre-rs/>> Acesso em 17 nov. 2022.

FRINGS, Gini Stephens. **Moda**: do conceito ao consumidor. [Traduzido por Mariana Belloli] - 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

GASPAROTTO, Paulo. **Elegância sob medida**. Disponível em: <<https://www.paulogasparotto.com.br/noticias/interna/elegancia-sob-medida>> Acesso em: 14 dez. 2023.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE MAPS - **Mapa do município de Porto Alegre**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Porto+Alegre,+RS/@-30.1087957,-51.3172272,11z/>>

[data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x95199cd2566acb1d:0x603111a89f87e91f!8m2!3d-30.0368176!4d-51.2089887!16zL20vMDE3NTc1?entry=ttu](https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/)> Acesso em 30 de maio de 2023.

HEINRICH, Daiane Pletsch. **Modelagem e técnicas de interpretação para confecção industrial**. 2 ed. Novo Hamburgo. Feevale, 2007.

HIBBERT, Christopher. **Mussolini**. Rio de Janeiro: Renes LTDA. 1974.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

HOPKINS, John. **Moda masculina**. Porto Alegre. Bookman, 2013.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/>> Acesso em 03 nov de 2022.

IPERMAQ. **Overloque**. Disponível em: <https://www.ipermaq.com.br/maquina-de-costura-overlock-singer-314g-direct-drive-3-fios.html?gad_source=1&gclid=CjwKCAiA8NKtBhBtEiwAq5aX2AH9gaMaX9CS3C6pXymB3aMZt4UqCRif3_G5HxH3u_N8JiqDnTdrXxoCzjgQAvD_BwE> Acesso em: 07 dez. 2023.

ISTOÉ. **Feito à mão**. Disponível em: <<https://istoe.com.br/feito-a-mao-2/>> Acesso em 10 nov de 2022.

KÖLER, Carl. **História do vestuário**; editado e atualizado por Emma von Sichart; tradução Jefferson Luiz Camargo. - 3ª. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LAVIER, James. **A roupa e a moda: Uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOZADA, Gisele; NUNES, Da Silva Karina. **Metodologia Científica**. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2018.

MASCARENHAS, Sidnei A. **Metodologia Científica**. 2º ed. - São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2018.

METRÓPOLES. **Sob medida: Leonardo Carvalho aposta na alfaiataria personalizada**. Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/sob-medida-leonardo-carvalho-aposta-na-alfaiataria-personalizada>> Acesso em 03 nov. 2022.

MOTTA, Eduardo. **Alfaiatarias**: radiografia de um ofício incomparável. Fortaleza: Senac Ceará, 2016.

MOUTINHO, Maria Rita. **A moda no século XX**. São Paulo: Senac SP, 2000.

NERY, Maria Louise. **A Evolução da Indumentária**: Subsídios Para Criação de Figurino. São Paulo: Senac nacional, 2009.

NUNES, Valdirene Aparecida Vieira. **A Importância da Alfaiataria no Ensino de Moda Contemporânea Brasileira**. 2016.

PEREIRA, José Matias. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 2019. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597008821/cfi/6/10!/4/2@0:0>>. Acesso em 4 nov. 2022.

PINTEREST. **Rua da praia na década de 1910**. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/380061656037275570/>> Acesso em: 15 dez. 2023.

PINTEREST. **Tipos de lapela**. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/600808406529879309/>> Acesso em: 10 dez. 2023.

PINTEREST. **Corte italiano**. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/418131146652234960/>> Acesso em: 15 dez. 2023.

PINTEREST. **Corte inglês**. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/226446687500777351/>> Acesso em: 15 dez. 2023.

PINTEREST. **Corte americano**. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/16888567323594370/>> Acesso em: 15 dez. 2023.

PINTEREST. **Half and full canvas**. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/380061656037275570/>> Acesso em: 15 dez. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Conheça Porto Alegre**. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/gp/projetos/conheca-porto-alegre#:~:text=Hist%C3%B3ria,de%20Deus%20de%20Porto%20Alegre.>> Acesso em 16 nov 2022.

ROSA, Stefania. **Alfaiataria**: Modelagem plana masculina. Senac Distrito Federal; 3ª edição. 2008.

SEBRAE SC. **Relatório de INTELIGÊNCIA 2021.** Disponível em: <<https://www.sebrae-sc.com.br/observatorio/relatorio-de-inteligencia/moda-masculina-um-mercado-em-alta>> Acesso em 21 nov 2022.

SENAC RS. **Curso superior de tecnologia em design de moda.** Disponível em: <HTTPS://SENACRS.COM.BR/CURSOS/CURSO-SUPERIOR-DE-TECNOLOGIA-EM-DESIGN-DE-MODA_WyIXMzA1IixudWxsLG51bGwsbnVsbF0> Acesso em 15 jan. 2024.

SENAC RS. **Alfaiataria sem Gênero - Técnica e Interpretação de Modelo.** Disponível em: <https://www.senacrs.com.br/cursos/alfaiatariasem-genero---tecnica-e-interpretacao-de-modelo_WyI2Mzg5MyIsIjI1IixudWxsLCIxII0>. Acesso em 15 jan 2024.

SENAC PE. **Técnico em modelagem do vestuário: plano de curso.** Disponível em: <https://www6.pe.senac.br/planocurso/planos/PC_T%C3%A9cnico%20em%20Modelagem%20do%20Vestu%C3%A1rio_MPS.pdf> Acesso em 15 jan 2024.

SENAC RS. **Técnico em modelagem do vestuário.** <https://senacrs.com.br/cursos/tecnico-em-modelagem-do-vestuario_WyIxMjQ5IixudWxsLG51bGwsIjIiXQ> Acesso em 15 jan 2024.

SIMS, Josh. **Ícones da moda masculina.** [Traduzido por Débora Isidoro]. São Paulo: Publifolha, 2014.

STEVENSON, NJ. **Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQuenn.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

STYLO MÁQUINAS. **Maquina reta,** Disponível em: <<https://stylomaquinas.com.br/loja/maquina-de-costura-reta-industrial-154sg-eletronica-com-bancada-ci-singer/>> Acesso em: 07 dez. 2023.

UNIRITTER. **Tecnólogo em Design de Moda.** Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/wp-content/uploads/2023/02/PPC_R_E2A_EAD_CST.Design-de-Moda_UNIRITTER.pdf>. Acesso em 15 jan 2024.

UNISINOS. **Graduação em design de moda.** Disponível em:<HTTPS://WWW.UNISINOS.BR/GRADUACAO/MODA/PORTO-ALEGRE?GAD_SOURCE=1&GCLID=CjwKCAIA2PYUBhBKEiWApLAI07uQA78TDFQZLYvVTWVNJRJ5DTGYIEASl-AIB3SJJGLDJKGwEWN_BoCMYgQAvD_BwE>. Acesso em 15 jan 2024.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Tematicas, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI:

10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em:
<<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>> Acesso em:
2 jun. 2023.

WEISSHEIMER, Marco Aurélio. **Os últimos alfaiates:** Costurar e vestir sob medida, uma arte ameaçada de extinção
<<https://rsurgente.wordpress.com/2015/08/03/os-ultimos-alfaiates-costurar-e-vestir-sob-medida-uma-arte-ameacada-de-extincao/>> Acesso em 15 dez. 2023.

WGSN. **The non-suit.** Disponível em:
<<https://www.wgsn.com/fashion/article/63c93bcb81f2af8a385103fd?show=36797724#page3>>
>
Acesso em 30 de maio 2023.

APÊNDICE A**INSTRUMENTO DE PESQUISA - QUESTIONÁRIO**

1. Entrevistado (Nº): _____
2. Idade: _____
3. Cidade em que reside: _____
4. Renda familiar:
 - () um salário-mínimo
 - () dois salários-mínimos
 - () três salários-mínimos.
 - () quatro ou mais salário-mínimo.
5. Estado Civil:
 - () Casado () Solteiro () Separado () Viúvo () União estável () Outro
6. Tem filhos: () Sim () Não
7. Se sim, quantos filhos: _____
8. Nível de Escolaridade:
 - () Ensino Fundamental Completo
 - () Ensino Médio Completo
 - () Ensino Médio Incompleto
 - () Ensino Superior Completo
 - () Ensino Superior Incompleto
 - () Especialização/Pós-Graduação
9. Como você se tornou alfaiate? De onde veio o seu interesse pelo ofício?
10. Quantos tempo você tem de profissão?
11. Existem ou existiram alfaiates na sua família?
12. O que a alfaiataria significa para você?

13. Qual a maior dificuldade no exercício desta profissão?
14. Qual a sua visão para o mercado da alfaiataria atualmente e sua visão de futuro?
15. Existem pessoas que procuram você para entrar como aprendiz na alfaiataria?
16. Você estaria disposto a ter aprendizes atuando na sua alfaiataria?
17. Qual a faixa etária do seu público?

um eixo - inserir um quadro com os números

18. Você fez ou já ouviu falar sobre cursos específicos de alfaiataria aqui na região?
19. Quais incentivos você acha importantes para que tenha um maior número de profissionais no setor?
20. Como você aprendeu as técnicas de alfaiataria e qual o método de trabalho que você utiliza, as técnicas clássicas e artesanais ou você também utiliza técnicas industriais para a confecção dos trajes?
21. O que mais gostaria de acrescentar sobre alfaiataria?
22. Quem você acha que deveria ser o próximo profissional que eu devo entrevistar?
23. Você gostaria de fazer outros comentários?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) participante, você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**ALFAIATARIA ARTESANAL: o ofício do alfaiate em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**”, desenvolvida pelo acadêmico Giovanni Modica e Freitas Cabral, aluno do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, sob orientação do Professor Dr. Daniel Luciano Gevehr.

O objetivo central do estudo é: Analisar o fenômeno da diminuição de profissionais da área da alfaiataria artesanal no município de Porto Alegre. Este estudo justifica-se em analisar o ofício do alfaiate que enfrentou mudanças significativas devido à revolução industrial e à invenção da máquina de costura. As fábricas de vestuário, com suas tecnologias avançadas e produção em massa, tornaram os trajes mais acessíveis, tornando a alfaiataria artesanal um serviço exclusivo para a elite. A alfaiataria artesanal difere da industrial por ser personalizada para uma pessoa específica, enquanto a industrial é projetada para atender a vários tamanhos de corpos. A preservação dessas técnicas é essencial para transmitir conhecimentos às novas gerações de alfaiates e revitalizar o ofício. Embora haja um aumento no número de profissionais formados em design de moda, o número de alfaiates não acompanha essa tendência. É importante analisar por que isso acontece e o que as instituições de ensino têm feito para mudar essa situação.

O convite a sua participação se deve à necessidade, por parte do pesquisador, de coleta de informações para a construção de um trabalho de dissertação de mestrado, por ser alfaiate, assim como, por ser de suma importância a sua contribuição para análise do ofício e suas contribuições no mercado da moda.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar da pesquisa, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir a sua participação, ou desistir dela. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão tomadas as seguintes medidas e/ou procedimentos para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas: seu nome e identidade não serão revelados baseando-se na Resolução 510/2016 do CNS (Conselho Nacional de Saúde), que dispõe sobre as normas de participação de seres humanos em pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, que implica no respeito, dignidade e proteção dos participantes envolvidos. Cada um dos 16 participantes entrevistados nesta pesquisa será identificado por números.

O instrumento utilizado durante a entrevista consiste em questionário (APÊNDICE A) com perguntas fechadas (sociodemográfico) e abertas (entrevista semiestruturada) na qual serão

realizadas 23 perguntas elaboradas pelo pesquisador acerca do tema da pesquisa. O tempo estimado para cada entrevista é de 1 hora e meia e ela só poderá ser filmada e gravada com a sua autorização. Cabe ressaltar, mais uma vez, que, havendo algum dano decorrente da pesquisa você estará amparado pela legislação brasileira (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954; entre outras e Resolução CNS nº 510 de 2016, artigo 19).

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso o pesquisador e seu orientador. Ao final, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução nº 510/2016 ou e orientações do CEP/FACCAT e com o fim deste prazo, ao final da pesquisa, serão descartados.

Os benefícios em ter a sua participação nesta pesquisa é destacado pela sua contribuição em auxiliar um estudo que trará mais dados para a temática referente a compreender e traçar novas estratégias para que tenha um aumento de profissionais que preservem o uso das técnicas artesanais da alfaiataria.

O presente estudo apresenta riscos mínimos relacionados ao possível desconforto emocional do entrevistado ao responder perguntas pertinentes ao tema. Se, eventualmente isso ocorrer, você poderá manifestar-se para o pesquisador responsável e cancelar sua participação na pesquisa. Para minimizar esse risco o pesquisador enviará as perguntas por email ou pelo *whatsapp*, caso o entrevistado não possua e-mail, 48 horas antes da data marcada para que o entrevistado tenha ciência do que será perguntado e responda previamente se concorda e/ou se sente à vontade de respondê-las.

Ainda que os resultados desse estudo possam ser divulgados em comunicações científicas, a sua identidade será preservada, não havendo qualquer forma de identificação, a fim de garantir o anonimato. Ressalta-se que, havendo interesse por parte dos participantes da pesquisa, será encaminhado uma devolutiva através de um documento elaborado pelo pesquisador apresentando os resultados obtidos na pesquisa. Esse encaminhamento poderá ser feito da forma que o entrevistado desejar, seja pelo correio, via e-mail ou WhatsApp.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar informações sobre sua participação ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste termo.

A sua participação é voluntária e não lhe trará nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Se você tiver perguntas com relação a seus direitos ou questões éticas como participante deste estudo, você também pode contar com um contato imparcial, o Comitê de Ética em Pesquisa da FACCAT (CEP/FACCAT), que tem por objetivo defender os direitos dos participantes de pesquisas. Dessa forma o CEP tem o papel de avaliar e monitorar o andamento dos projetos de modo que as pesquisas respeitem os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da confidencialidade e da privacidade.

O CEP está situado no 1º piso do Prédio Administrativo - Campus FACCAT na Av. Oscar Martins Rangel, 4500- ERS 115, Bairro: Fogão Gaúcho, Taquara-RS, telefone (51) 3541-6604, ou também pelo e-mail: cep@faccat.br – Horário de funcionamento: nas segundas, terças, quartas e quintas-feiras das 13:30 às 22:30, sextas feiras das 13h às 18h.

Desde já agradeço sua disponibilidade na participação deste trabalho e coloco-me à disposição para quaisquer informações adicionais que possam ser necessárias. Este termo deverá ser assinado em duas vias, todas as páginas deverão ser rubricadas, uma fica com o entrevistado e a outra deve ser entregue ao pesquisador.

Professor orientador: Dr. Daniel Luciano Gevehr

Tel.: (51) 99966 2638

E-mail: danielgevehr@faccat.br

Acadêmico Pesquisador: Giovanni Modica E Freitas Cabral

Tel.: (51) 99770 4675

E-mail: giovannicabral@sou.faccat.br

Autorizo a gravação de áudio e vídeo da entrevista.

Não autorizo a gravação de áudio e vídeo da entrevista.

(Assinatura do Participante)

___ / ___ / ___

Dia mês ano

(Nome do Participante – letra de forma)

Giovanni Modica E Freitas Cabral

___ / ___ / ___

Dia mês ano